

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

SANTOS, Jânio Carvalho . Jânio Carvalho Santos (depoimento, 2014). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (3h 50min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre MUSEU DO FUTEBOL e FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO (FAPESP). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Jânio Carvalho Santos
(depoimento, 2014)**

Rio de Janeiro

2019

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: História de vida

Entrevistador(es): Bernardo Buarque de Hollanda; Bruna Gottardo; José Paulo Florenzano;

Levantamento de dados: Raphael Piva Favalli Favero;

Pesquisa e elaboração do roteiro: Raphael Piva Favalli Favero;

Técnico de gravação: Bernardo de Paola Bortolotti Faria; Carolina Soares Pires;

Local: São Paulo - SP - Brasil;

Data: 16/12/2014 a 16/12/2014

Duração: 3h 50min

Arquivo digital - áudio: 4; Arquivo digital - vídeo: 4; MiniDV: 4;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Territórios do Torcer - uma análise quantitativa e qualitativa das associações de torcedores de futebol na cidade de São Paulo” desenvolvido pelo CPDOC em convênio com o Museu do Futebol e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), entre março de 2014 e fevereiro de 2015. O projeto visa, a partir dos depoimentos cedidos, a publicação de um livro e a edição de um filme documentário sobre o tema.

Temas: Ação Social; Bahia; Clube de Regatas do Flamengo ; Discriminação racial; Educação física; Elites; Ensino superior; Esportes; Europa; Família; Formação escolar; Organizações não governamentais; Partido Democrático Trabalhista - PDT; Poder público; Política; Projetos sociais; Região Nordeste; Rio de Janeiro (cidade); São Paulo; Segurança pública; Sociedade Esportiva Palmeiras ; Torcidas de futebol; Viagens e visitas; Violência;

Sumário

Entrevista 16.12.2014 Apresentações iniciais; a família baiana e a mudança da família para São Paulo, sua cidade natal; o trabalho do pai em bilheteria de estádio e a facilidade de ir aos jogos; os times do pai; a escolha pela Sociedade Esportiva Palmeiras como time; a formação escolar e a graduação em educação física; o trabalho com luta; o casamento com uma palmeirense; as idas ao Estádio Cícero Pompeu de Toledo (Morumbi); a aproximação da Mancha Verde em 1989; a diversidade da torcida; as idas aos jogos do Palmeiras junto com a torcida organizada; o papel social do esporte; o impacto da elitização das torcidas organizadas; a importância das cobranças das torcidas para com o futebol; o caráter socialista das torcidas; os benefícios das torcidas organizadas e a questão dos ingressos; o perfil da torcida atualmente; a relação entre violência, torcida e poder público; o número de associados da Mancha Verde; o período como presidente da Mancha em 2008; as idas ao Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho (Pacaembu) e a participação na torcida quando jovem; a atual banalização da violência e a rotulação das torcidas; a participação na Confederação Nacional das Torcidas Organizadas (Conatorg); a troca da luta em academia pelas brigas de rua; o episódio do deslocamento de metrô no jogo contra o Sport Club Corinthians Paulista; a primeira caravana para o jogo contra o Mogi Mirim Esporte Clube; as responsabilidades na torcida; a torcida como o patrimônio do clube; o perfil da torcida; o envolvimento dos torcedores com a política das torcidas; a falta de prevenção contra a violência nos estádios e comparações com as torcidas de futebol europeu; a briga no Pacaembu de 1995 e outros episódios de brigas; o episódio de violência mais marcante, no jogo entre Palmeiras e o Clube de Regatas do Flamengo no Rio de Janeiro; o papel da liderança da torcida; a expulsão de um grupo de skinheads da torcida após uma briga em 2004 no Estádio Palestra Itália (Parque Antarctica); a relação da Mancha Verde com a Torcida Uniformizada do Palmeiras (TUP); a vida pessoal e a torcida; a candidatura como deputado estadual pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT); a relação entre torcida e escola de samba; a força da torcida; a Liga das Escolas de Samba de Torcida e a rivalidade da Gaviões da Fiel; motivos do afastamento da Escola de Samba; a diferença entre o público e objetivos do carnaval e do futebol; as prevenções pessoais ao ir aos jogos e no cotidiano como um torcedor conhecido da Mancha Verde; o envolvimento com a luta; o episódio da briga no trem; as ameaças de morte; o fim das alianças entre torcida enquanto presidente da

Mancha; opiniões sobre a Arena Corinthians (Itaquerao); a relação do filho com o Palmeiras; o episódio da morte do vizinho Corinthiano e a prisão em 2004; a briga entre palmeirenses no Canindé; o perfil do torcedor; questões sobre a briga de 2004; o período de 6 meses na prisão; opiniões sobre a diminuição da maioria penal; a participação na ONG “Projeto Social Pamplona Igualdade Para Todos”; relato de casos de prisões injustas e impunidades; a diferença entre a rivalidade em times nacionais e internacionais; o descaso do Estado com a violência nas periferias; o comportamento das torcidas nos jogos; a violência entre torcidas nos estádios da região Nordeste; os xingamentos durante os jogos; a importância de iniciativas sociais para o fim da violência.

Entrevista 16/12/2014

B.H. – Então, boa tarde, nós estamos em São Paulo, Museu do Futebol, 16 de dezembro de 2014 para a gravação com Jânio Carvalho, ex-presidente, liderança da torcida Mancha Verde. Participam dessa gravação a Bruna Gottardo, José Paulo Florenzano e Bernardo Buarque. É o projeto Territórios do Torcer, que é uma parceria da Fundação Getúlio Vargas com o Museu do Futebol. Boa tarde, Jânio.

J.S. – Boa tarde.

B.H. – Muito obrigado por vir até aqui, ao Museu do Futebol. Sabemos que você está em semana de treino, de luta, então, especialmente, agradecer por você ter vindo até aqui. Te perguntar, Jânio, você nasceu aqui em São Paulo?

J.S. – Nasci em São Paulo, na Zona Leste. Ali no Itaim, não é? Na Zona Leste de São Paulo. Vivo lá até hoje. Então é meu reduto, eu gosto de lá. E por incrível que pareça, é um reduto corinthiano, mas a gente vive lá. Eu fiz uma bela campanha para a torcida do Palmeiras, que hoje é muito grande lá também. A gente está bem... Agradecer também, já aproveitando, agradecer essa oportunidade de estar mostrando o lado da torcida para todos. Ainda mais o Museu do Futebol, onde a gente vive, respira, não é? A gente vive e respira o futebol e a gente está nessa sintonia. É muito importante.

B.H. – Obrigado, Jânio. Você nasceu em que ano?

J.S. – Eu nasci em 1978. Em 9 de dezembro de 1978.

B.H. – Está chegando seu aniversário então.

J.S. – É, acabou de passar.

B.H. – Ah, 9 de dezembro.

J.S. – Acabei de fazer. É, foi 9 de dezembro. Eu já nasci com o Palmeiras com dois anos de fila [risos] Tem esse detalhe. Eu sempre brinco, principalmente com meu filho hoje, com 11 anos. Eu falo para ele, ele fala: “É, Palmeiras está difícil, não é, pai?” Eu falo: “Não, filho, difícil fui eu. Quando eu nasci já tinha dois anos de fila. Eu fui ver o Palmeiras campeão com 16 anos.” Então o negócio ficou estreito para nós. [risos] Mas estamos aí.

B.H. – Então você nasceu aqui em São Paulo, nasceu em 1978. Seus pais também eram paulistanos?

J.S. – Não, meus pais, os dois, são de Itabuna, na Bahia. Meu irmão mais velho também é de lá, mas eu já nasci aqui, quando meus pais já estavam aqui.

B.H. – E o que o seu pai fazia?

J.S. – Bom, meu pai, ele é um dos culpados de eu... Eu falei sempre isso para a minha mãe, quando minha mãe pergunta por que eu gosto tanto de futebol, eu falo: “Meu pai é o culpado.” Porque meu pai sempre trabalhou em bilheteria de estádio. Então ele me levava desde pequeno para estádio. Eu sempre fui com ele. Nas bilheterias do Morumbi, Pacaembu, ele sempre me levava. Me colocava para dentro do jogo, eu ficava lá, quando ele terminava, ele ia me buscar. Então a paixão foi crescendo aí. Fui aprendendo a gostar de futebol, fui aprendendo a viver futebol e depois ali, com meus 11, 12 anos, eu já comecei a ir sozinho. E aí já escolhi um time, já comecei a ir sozinho. Como o meu pai, ele é baiano, então ele torce para o Sport e torce para o Flamengo. Porque todo baiano tem dois times, então ele torce para o Sport e torce para o Flamengo. Ele torce para o Vitória, o Sport é de Recife. Ele torce para o Vitória e torce para o Flamengo. E aí eu comecei, indo a vários jogos eu comecei a gostar do Palmeiras. Comecei a acompanhar o Palmeiras, aos 11 anos eu comecei a ir direto. Começava a ir para jogo sozinho. Inventava história para minha mãe que eu ia jogar bola na escola e ia para o jogo. Depois eu voltava, minha mãe: “Você demorou hoje.” “É que hoje o futebol estava legal. A gente jogou bastante.” [risos]

B.H. – Falando de escola, você estudava perto de casa?

J.S. – Eu estudava próximo de casa, sempre estudei próximo de casa. Só saí depois para fazer a faculdade, que aí já fiz aqui para o lado do Centro. Mas estudei sempre próximo, sempre estive ali pelo lado da Zona Leste.

B.H. – E a faculdade você fez de que?

J.S. – Eu fiz educação física. É, até porque eu sempre gostei muito de esporte, então eu já tentei jogar futebol, mas eu sou muito ruim; tentei jogar handebol, sou até mais ou menos, mas... Até fiz algumas corridas também, tentei fazer atletismo, mas aí eu não gosto de correr. Falei: “Não, eu não gosto de correr.” [risos] Aí eu parei. Então eu fui fazendo até me achar no meio da luta e comecei a lutar, gostei. Aí quis fazer Educação Física para poder andar e ficar nesse meio, porque é um meio que eu gosto.

B.H. – E onde você fez?

J.S. – Eu fiz na Unicsul. Não, Unicsul, não. Até esqueci agora. Fiz na Unacid. Até esqueci. É tanto Uni que... [risos]

B.H. – No centro de São Paulo que fica?

J.S. – Fica no Tatuapé.

B.H. – E aí você chegou a dar aula de educação física?

J.S. – Eu dei algumas aulas. Na verdade, eu dei algumas aulas na área da musculação, dei algumas aulas na escola, mas também não deu muito certo nem na escola, nem na área da musculação. Então eu fiquei mesmo nas aulas de luta, que eu já dava aula de luta, mas quando eu me formei, continuei dando. Fiz algumas experiências para ver se eu gostava. Uma coisa que eu procuro fazer. Eu sempre procuro tentar as possibilidades para ver onde eu me encaixo. Porque eu gosto sempre de... Eu costumo dizer a todos: “Eu gosto de fazer aquilo que eu me sinto bem.” Então eu me sinto bem torcendo, eu me sinto bem lutando, então eu vou fazendo as coisas que eu me sinto bem, que assim você... Eu costumo dizer que eu não trabalho. Eu nunca trabalhei na vida, porque eu sempre fiz o que eu gosto, então trabalhar, eu nunca trabalhei. [risos]

B.H. – Um trabalho prazeroso, vamos dizer assim.

J.S. – É, trabalhar eu nunca trabalhei. Sempre fiz o que eu gosto, então não é trabalho. É só divertimento e recebe para isso. Então é legal.

B.H. – Então a escolha do Palmeiras não foi nem o seu pai e nem os amigos. Foi você mesmo que...

J.S. – Foi, foi, não tem, assim... Se você perguntar uma relação, não tem. Hoje a grande parte da minha família torce para o Palmeiras e a maioria por causa de mim, na verdade. Então depois eu casei, minha esposa, a família toda é palmeirense também. Fui bem criterioso nesse assunto. [risos] Namorei uma que torcia para o Corinthians, aí não deu muito certo. No primeiro Palmeiras e Corinthians que a gente foi assistir já acabou o relacionamento. [risos] Então não tem jeito, tem que ser palmeirense mesmo. Aí conheci minha esposa no estádio também. Conheci ela na arquibancada. Depois perguntei, a primeira coisa que eu perguntei foi se toda a família dela era palmeirense. Ela falou: “É.” “Então a gente já está meio caminho andado.” Depois a gente acabou casando.

B.H. – Então para você ir a estádio, desde garoto, já estava na tua origem familiar, porque seu pai trabalhava.

J.S. – É, eu sempre fui por causa do meu pai, não é? Meu pai começou a me levar, mas meu pai, ele nunca falou: “Olha, você tem que torcer para tal time.” Até porque em São Paulo meu pai gostava um pouco mais do Santos, porque era do Pelé, época dele e tal, então ele viu um time do Santos muito bom, mas ele nunca falou nada. Então ele nunca falou nada, até porque ele torcia realmente... O time dele era o Vitória e era o Flamengo. Então ele não ficava falando nada. Minha mãe não torcia para ninguém. Hoje torce para o Palmeiras, por causa de mim

também. Meus irmãos também, só o meu irmão mais novo que se perdeu. Esse aí torce para o Corinthians, então esse aí a gente... É como dizem, tem a ovelha negra sempre em toda família, mas... A grande maioria dos meus familiares mais próximos, tios, sobrinhos, primos, todos são palmeirenses. A família quase toda.

B.H. – E que estádio você lembra, de início, quando era garoto, de ir?

J.S. – Eu ia muito, até porque na época se jogava muito, ao Morumbi. Então eu ia muito ao Morumbi. Principalmente porque meu pai trabalhava em todos os clássicos, então a maioria dos jogos que eu ia era clássico. Então eu ia muito, muito ao Morumbi. Depois, aí acabou usando... Mas aí eu já estava maior, então já ia sozinho. Acabou se usando mais o Pacaembu e Parque Antarctica, mas no início eu ia muito ao Morumbi. O estádio que eu mais fui, eu acho, de não sendo são paulino, foi o Morumbi. [riso]

B.H. – E a aproximação com a Mancha Verde? Antes de você entrar para a Mancha você já tinha participado de alguma outra torcida? Como que foi escolher o Palmeiras, escolher a torcida organizada?

J.S. – Na verdade, assim, como eu ficava, na grande maioria das vezes, quando eu ia para estádio, que meu pai me levava até os meus 11 anos... Porque depois dos 11 anos eu comecei a ir sair sozinho, aí eu já ficava na torcida. Eu ia e ficava no Morumbi, ali na parte de baixo. Na parte das cadeiras, embaixo, perto da geral ali. Então eu sempre fiquei ali. Porque meu pai trabalhava, ele me colocava... Como ele ficava na catraca naquela reta, ele me colocava ali, que era só vir em uma reta só. Ele me deixava ali, a maioria das vezes eu ficava de frente para a Mancha. Então na maioria das vezes eu estava de frente para a torcida. Então isso... Sempre ficava assistindo, sempre vendo a festa. Isso acabou me incentivando, me empolgando, eu acabei achando legal, falei: “Poxa, eu vou ali.” Então já gostava do Palmeiras, aí via aquela festa daquela torcida, eu fiquei: “Poxa, eu vou ali, eu vou ali.” Aí com 11 anos eu comecei a frequentar. Aí comecei a frequentar a torcida, ia para a sede, ficava lá e depois fui indo. Ia para jogos, ficava encostado do lado da torcida e assim eu fui criando vínculo e acabei chegando a ser presidente da torcida duas vezes.

B.H. – Então com 11 anos, vamos dizer, era mais ou menos 1989.

J.S. – Oitenta e nove, 1990.

B.H. – Que você passou a ir para a arquibancada e aí já foi direto para a Mancha por conta dessa...

J.S. – Quando eu comecei mesmo a frequentar a Mancha eu já estava... Março, abril de 1990. Então já era... Metade para o final do Campeonato Paulista de 1990.

B.H. – E é fácil entrar para a torcida? É só chegar? Como é que é a socialização?

J.S. – A torcida não tem... O único critério é torcer para o time. Não tem um critério que você fala: “Precisa ser assim, assim.” Não. Precisa torcer para o time, mesmo porque você está falando de um clube que tem uma massa, que ela é muito... Você tem muita diversidade. Então é uma diversidade muito grande, não dá para você escolher o tipo de pessoa que vai frequentar a sua torcida. Era uma torcida que nasceu para incentivar o Palmeiras. Então se ela nasceu para incentivar o Palmeiras, qualquer palmeirense, indiferente da sua classe social, da sua cor, da sua raça, etnia, ele é bem quisto. O que ele precisa fazer é estar entrosado, ele estar em sintonia com a torcida. Estar frequentando, estar indo aos estádios, então isso é a única coisa que te faz aproximar. Porque a gente começa a conhecer as pessoas onde? Frequentando o estádio. Você vê uma vez, vê duas vezes, vê três vezes. Aí o rosto começa a ser familiar. O rosto começa a ser familiar, o nome começa a ser familiar. Você pergunta uma vez, pergunta outra, [então]¹ você vai embora. Nessa época era muito difícil alguém ter carro, então a maioria ia de metrô, não tinha jeito. A gente ia de metrô, de trem, de ônibus embora. Então, se morasse na Zona Leste, você ia com aquela galera sempre para a Zona Leste. Então ia pegando vínculo, ia pegando uma amizade. E assim você vai criando esse vínculo. Aí tem uma festa, aí tem alguma coisa, alguma atividade da torcida, tem algum protesto. A gente começa a frequentar e você acaba ganhando esse convívio, ganhando essa interligação com as pessoas.

B.H. – E quando você começa a frequentar, você passa a ir da sua casa para a sede da torcida, da torcida para o estádio? Ou você ia direto com o pessoal que morava? Você falou que é um pouco reduto – a Zona Leste – corinthiano. Como é que era seu trajeto nessa...

J.S. – A gente ia até... Até 1995 as torcidas... A gente fazia o que? A gente se juntava tudo nos nossos bairros lá. Juntava Itaim Paulista, se juntava, o pessoal de São Miguel se juntava, alugava os ônibus, ia para a sede e da sede ia para o jogo. Aí depois de 1995 a gente ficou um período sem torcida organizada, então a gente ficou indo direto para os estádios. Em 1997 nós começamos a reorganizar e aí começamos, novamente, a voltar para a sede e da sede ir para os jogos. Então eu fiquei um período muito curto indo direto para o estádio. Eu fiquei aí de 1995 até 1997. De 1995 a 1997 a gente ficou indo direto. E depois a gente voltou a ir, novamente,

da torcida para o estádio. Então o período que eu fiquei... Dos meus 11 anos eu comecei a frequentar a torcida, logo coleei na torcida. Já não ia tanto direto. Fui algumas vezes. Depois eu fui até 1995, de casa para a torcida, da torcida para o estádio. A gente só parou, teve um intervalo de dois anos que eu ia direto. Depois a gente voltou a montar a torcida novamente, a Mancha Alviverde, aí a gente começou a voltar e fazer todo o trabalho para se juntar à torcida e voltar a ir para o estádio junto.

B.H. – E você tinha carteirinha, camisa, logo no início, ou demorou um pouco? Como é que foi?

J.S. – Não, eu fiz minha carteirinha aos 14. Porque minha mãe não gostava de torcida. Minha mãe, como às vezes ela trabalhava também em estádio, então ela falava que torcida era muito violenta, não gostava e tal. E aí eu tive que sempre dar essas enroladas na minha mãe. Falava: “Não, vou jogar bola. Não, mãe, eu vou para a casa de fulano.” Aí ligava. “Fulano.” Na época não tinha tanto telefone assim. Eu ia na casa, falava: “Olha, se minha mãe vier aí, fala que eu estava aqui e que eu acabei de sair. Saí e falei que ia jogar bola não sei aonde.” [risos] Então a desculpa era sempre jogar bola, ia jogar bola. Não sei jogar, mas sempre gostei de jogar bola. Hoje eu jogo menos, porque machuca muito. Futebol é muito violento. Lutar é mais fácil. [risos] Hoje eu jogo menos. Mas eu sempre gostei muito de jogar bola e ia jogando bola, ou inventava essa desculpa. Já viajei para o Rio e falei que eu ia jogar bola. [risos] “Mãe, olha, hoje tem um campeonato ali, vou com o time lá jogar bola. A gente vai jogar lá em São Miguel.” Vamos supor, que era um bairro próximo. “O que você vai fazer?” “Não, vou com o pessoal lá de cima, lá do time tal.” “Não, está bom.” Aí eu só voltava à noite. “Não, é que a gente ganhou o jogo, aí estava tendo festa, fiquei lá.” [risos] “Menino, você é doido.” E assim a gente ia tentando sempre viajar, tentando sempre acompanhar o time dessa maneira. E pedindo dinheiro, porque com 11, 12 anos você não tem dinheiro. Ia lá e falava: “Eu tenho que entrar.” Então a gente passava por baixo das catracas, porque era um pouco mais fácil. A gente passava por baixo das catracas, pulava as catracas, escalava os muros. A gente ia sempre arrumando um jeito de entrar. Na época que era de papel a gente pegava os papeis no chão colocava... As bilheterias iam pegando e jogando, que era muito tumulto, a gente ia pegando, a gente ia juntando, aí chegava na porta...[risos] A gente via a cor antes, a gente só destacava e dava. Então a gente ia arrumando um jeito de ir estar sempre frequentando e estar sempre participando do futebol ali. Hoje está um pouco mais moderno, hoje é mais difícil. Hoje é mais complicado. A gente tenta aí acompanhar, mas com os altos custos, com tudo, está meio difícil.

Porque o futebol é algo que... Eu costumo dizer que o futebol é alegria. Ele é uma paixão nacional, mas que, infelizmente, a gente está perdendo essa essência, a gente está querendo fazer do futebol algo que, a meu ver, no Brasil, ele não se encaixa. Porque por mais que a gente tente colocar o futebol como um esporte elitizado, ele não é. Ele tem os seus admiradores, seus fãs na elite, mas a elite, ela tem um outro tipo de esporte, ela tem um outro tipo de entretenimento. O entretenimento das classes sociais de baixa renda, classe B, C e D é o futebol. Ela é só o futebol. E se você hoje frequentar um campeonato de várzea... A gente teve final de algumas copas aí de campeonato de várzea com 25, 30 mil pessoas. E você não tem um estádio de futebol. Vamos colocar Palmeiras e Corinthians, semifinal da Libertadores, com 20 mil pessoas. Você coloca dois times de várzea com 30 mil no nacional, é de se repensar por que isso está acontecendo. Então o futebol, ele ainda continua sendo a paixão nacional, mas acho que a gente está direcionando ele para um lado de... Tudo bem, o futebol, ele tem que se modernizar, ele tem que ser comercial, mas ele também não pode perder a essência de ser futebol, de ser esse esporte da nação brasileira, de ser um esporte que junta povos. Por mais que hoje a gente viva um momento de violência muito grande, isso não é culpa do futebol, é culpa da nossa sociedade. A gente tem que ainda priorizar o esporte. Porque o futebol, ele ainda continua sendo... Eu trabalho com ONGs, eu dou aulas de lutas em ONG, a gente tenta tirar a molecada, através do esporte, da rua e o futebol ainda é a melhor ferramenta para você fazer isso. Então isso a gente não poderia perder.

B.H. – Você acha que dentro desse projeto de elitização as torcidas organizadas, elas acabam sendo estigmatizadas por isso, por que não se quer mais esse tipo de torcedor? Você acha que tem a ver essa relação entre a modernização dos estádios e a exclusão das torcidas organizadas? É parte desse discurso?

J.S. – A grande questão da torcida organizada hoje, assim, como a gente falou aqui antes de começar... As torcidas atestam uma parcela de culpa, isso a gente não tem nega. Não tem como você falar que alguns atos de violência da torcida podem passar em branco. Mas a gente tem que também lembrar que a torcida, ela é o pára-raio de tudo que o Estado esquece. Tudo que o Estado esquece, ela apara na torcida. Então aquele moleque que vem da periferia, aquele moleque que tem problema em casa com o pai que é alcoólatra, com o pai que é drogado, com a família desestruturada, porque não tem educação, porque não tem saúde, porque o cara é revoltado com o sistema, com a polícia, com isso, com aquilo... Ele acaba vindo na massa, sei lá, a sua válvula de escape. Junto com isso, a massa, como a gente estava brincando aqui no

começo, o que a gente faz? A grande maioria desses moleques quando vêm da periferia, como são adolescentes... Porque se você fizer uma pesquisa... Eu fiz isso quando era presidente. Eu fiz um levantamento para ver qual era o perfil da nossa torcida. Até porque a gente queria fazer um material específico e o perfil de quem frequenta a torcida hoje... A idade, ela baixou. Década de 1990 era 25, 28 a idade média. Hoje ela está em 16, 17. Ela é muito baixa. Então os moleques entram na torcida, na sua grande maioria, com 14 anos e eles frequentam a torcida até os 20, 22. Hoje é muito difícil achar pessoas com 25, 26, 27 anos em torcida. A maioria para. Até por causa do sistema da torcida hoje. Pela vinculação da imagem negativa, de ser marginal, de ser bandido. Então o cara começa a estudar, fazer faculdade, fazer alguma coisa, ele começa a querer tirar esse estigma. Fala: “Poxa, se eu ficar ali, vão me colocar como vagabundo, vão falar que eu sou isso, sou aquilo.” Então o cara acaba se afastando. E essa molecada, ela cobra mais. Porque ali ela se sente protegida, então é ali a hora dela cobrar o sistema, é a hora dela cobrar o clube, é a hora dela cobrar os jogadores. E o clube e os jogadores e até mesmo os organizadores do futebol, perceberam que o único lado hoje que se preocupa em continuar com o futebol para o povo é o das torcidas organizadas. Porque as torcidas organizadas são o povo. A torcida organizada hoje, realmente, é a única aglomeração de pessoas que você pode dizer que ela é socialista. Ela é totalmente... Ela não liga para sua condição social. Ela te acolhe de qualquer forma. Você pode ser milionário, ou você pode ser um mendigo. É indiferente para a torcida. Porque a torcida, ela tenta fazer um preço justo para todos, no final das contas a torcida sempre acaba levando todo mundo, quem tem dinheiro e quem não tem. Eu fui presidente da torcida e é assim. Você já vai contando o preço de um, dois ônibus, não tem jeito. Você fala: “Vamos cobrar aqui 50.” Vamos supor. Mas no final das contas você vai ter que levar os caras que não têm nem 10. E se vacilar, você tem que pagar os ingressos para eles entrarem no jogo. Porque se você for... Como já aconteceu de a gente chegar no Rio, chegar lá e você ver 10 pessoas sem dinheiro nem para entrar. Como que você vai deixar esses caras do lado de fora? Palmeiras e Flamengo, que é uma guerra. Você fala: “Se os caras ficarem de fora, os caras vão matar eles aí.” Aí você vai ter que comprar o ingresso e colocar os caras para dentro. Todos perceberam hoje que a torcida, ela é o único ponto, o único lado do futebol que ainda bate, que ainda cobra. Dizem que a gente cobra exageradamente, mas eu ainda questiono isso. Não acho que é exagerado. Se você não bate, se você não agride, você cobrar... Eu acho que é exagerado o que hoje o atual presidente do Palmeiras faz. Isso é exagerado. Você colocar, vincular todo torcedor como vagabundo para ele se autopromover ou

dizer o que ele diz... Eu posso dizer pela Mancha porque eu vivo lá. Eu estou na Mancha há 25 anos. E o Paulo Nobre eu conheço desde a época de arquibancada, então eu posso falar que o que ele está fazendo não é verdade. Porque a gente nunca recebeu ingresso do clube. As poucas vezes que me ofereceram, quando eu era presidente, ingresso, eu falei que o mínimo que a torcida poderia fazer era pagar o ingresso. Eu falei: “Olha, se você quiser colocar um ônibus para a torcida do Palmeiras ir para o jogo, é bacana. Ingresso nós temos que pagar.” Ingresso nós temos que pagar. Por mais que a gente, às vezes, não tenha ingresso, nós temos que pagar. É o mínimo que a gente tem a fazer.

B.H. – Esse é sempre um ponto que a mídia bate. As torcidas são beneficiadas, têm ingresso, têm ônibus. A gente sabe que tem alguns casos que isso é verdadeiro e outros não. Então o problema é generalizar.

J.S. – A grande maioria hoje não recebe mais. Boa parte das torcidas recebeu. Principalmente no Rio. No Rio ainda recebe hoje. No Rio eu sei que ainda recebe. Porque eu converso com o pessoal também, então as torcidas ainda recebem no Rio. Menos do que recebiam antes, muito menos, mas ainda recebem. Você dizer que a torcida... “Ah, a torcida só torce porque recebe ingresso.” Não é verdade. Porque só o ingresso não faz você sair da sua casa para assistir a uma partida de futebol. Não é o ingresso que te faz sair de casa para assistir uma partida de futebol. Primeiro você tem que gostar. Você tem que gostar do futebol, você tem que se dispor a... Vamos colocar... Poxa, eu moro no final da Zona Leste, moro em Itaim Paulista, que é o último bairro da Zona Leste. Da minha casa até o Parque Antarctica, se eu vier de metrô, vou levar duas horas. De trem e metrô vou levar duas horas. Eu vou gastar quatro horas para sair de casa e voltar só por causa do ingresso? Eu vou gastar mais... Teve uma época que o ingresso era R\$ 10, R\$ 15. Eu ia gastar mais de condução do que de ingresso. Então, para mim, o ingresso não ia valer nada. Então não é o ingresso que te faz... Eu acho que, assim, isso é uma maneira de te desprestigiar, de abalar ali a sua imagem, de acabar com a imagem... “Olha, está vendo? Um bando de vagabundo que só quer ingresso.” A gente não quer ingresso. Torcida organizada hoje, ela não precisa de ingresso. A torcida organizada hoje, ela virou uma entidade, uma instituição muito forte. Então todas as torcidas, são poucas as torcidas que você fala: “Poxa, essa torcida...” A maioria virou instituições muito fortes. Com ligações muito fortes, porque elas viram que, assim, hoje... Eu até disse, recentemente, teve um debate a respeito do Estatuto

do Torcedor, da [isenção]² do torcedor, e eu estava discutindo até com o Coronel Marinho. Eu falei: “Olha, hoje as torcidas organizadas são as que mais se preocupam com a violência. Porque são as que mais perdem e elas entenderam isso.” Então hoje, se você procurar... “Ah, vamos acabar com a violência.” Quem mais quer acabar com a violência são as torcidas. Por mais que isso na década de 1980 e 1990 foi o auge e era o que chamava o torcedor, era o que fazia as pessoas gostarem daquilo, falarem: “Aquela torcida ali é demais, vamos para ela porque ela bate em todo mundo e tal.” Hoje é totalmente inverso. Porque a sociedade também mudou. O jovem mudou. Por mais que a gente viva hoje em uma sociedade onde o jovem, ele não quer saber de nada... Ele realmente não quer saber de nada. Ele não quer saber de briga, ele não quer saber de trabalhar, ele não quer saber de nada. [risos] Ele quer ostentar sem fazer nada. Então hoje a gente está com uma geração que não quer saber de confusão. Você não consegue hoje fazer uma torcida só de briga. Porque o jovem se afasta, ele não quer mais isso. A gente está falando também de uma era de pessoas que estão buscando informação. Estão estudando até mais tarde. Antigamente, você parava no primário, você parava... Vamos colocar que hoje falam primeiro estágio. Você parava entre a primeira e a quinta série. Depois você parava entre a quinta e a oitava. Depois você parava entre a oitava e o primeiro, segundo colegial. Hoje não. Hoje o cara entra na faculdade, hoje ele tenta terminar, hoje ele, pelo menos, frequenta um ou dois anos de faculdade. Então a cabeça é mais aberta e as torcidas evoluíram junto com isso. Infelizmente, eu volto a frisar, tem aquela parcela que não evoluiu e que não vai evoluir enquanto a gente não fizer algo que acabe, ou que, pelo menos, faça essas pessoas se sentirem pessoas que são... Pessoas que... Como que eu posso dizer? Elas possam sentir que vai haver uma repressão para os seus atos, vai haver uma consequência dos atos delas cometidos. Mas hoje não, hoje... Eu, recentemente, até falei com o Ministro dos Esportes, com o Aldo Rebelo. Falei: “Ministro, hoje o que acontece? Hoje você pega um promotor que quer um cargo eletivo em cima das torcidas, você pega um delegado que quer uma delegacia melhor, quer ser um seccional e cresce em cima da torcida, você pega um capitão, major da Polícia Militar que quer uma vaguinha quando se aposentar na federação, na CBF.” Então você pega pessoas que deveriam, na verdade, estar buscando a paz, usando a violência para poder se promover. Usando a morte de jovens para se promover. Não é a torcida. É o ser humano. Se você deixa o cara fazer o que ele quiser... Ele mata, ele bebe... Eu estou usando um exemplo. Vamos colocar

² O mais próximo do que foi possível ouvir.

ali. Você tem duas mil pessoas brigando. Alguém morre. Você pega o mais conhecido, que é o que vai te dar ibope. E prende. No final das contas, aquele cara não estava ou você não consegue provar que ele estava. Aí ele acaba solto. Mas você já fez seus 15 minutos de fama, você já ganhou seu cargo, então para você, tanto faz. Mas para aquelas duas mil pessoas que estavam ali, ele pensa o que? “Se minha probabilidade de ir preso matando alguém no estádio de futebol é de duas mil para um, eu vou continuar. Não é tão pouca assim. É difícil alguém me prender.” Eu acho que o nosso grande problema hoje é você investigar mais. Você realmente pegar, o que não é difícil. Eu até falei: “Poxa, se você ficar na torcida 15 minutos em um clássico, o cara que bateu em alguém no outro clássico está falando para alguém para se engrandecer.” Ele está falando. “Ah, eu bati em fulano. Aquele cara lá fui eu que dei uma paulada.” Está falando. B.H. – Ele se entrega, ele mesmo se entrega.

J.S. – A gente teve relatos, fizeram uma matéria. Foram nos Gaviões, fizeram uma matéria e acharam o cara falando: “Não, eu bati, eu dei umas pauladas. Fulano também bateu.” Então não é difícil. A gente tem que querer. Então as torcidas querem, mas o poder público não quer. O poder público só quer da boca para fora. Realmente não quer. Porque não interessa a violência acabar. Essa é a grande questão. Interessa para as torcidas por quê? Porque a torcida, ela está perdendo espaço. As torcidas, elas estão diminuindo. Se a gente perceber, as torcidas, elas estão diminuindo. Porque essa imagem de violência, a imagem de vândalo, de vadiagem, que as torcidas ainda mantém, ela é prejudicial hoje, no atual momento que a gente vive da sociedade. Ela não cabe na cabeça hoje do jovem.

B.H. – Você diria que hoje a Mancha Verde tem quantos sócios, filiados?

J.S. – A gente está com 29, 30 mil. A gente está beirando 30 mil. Mas ativo, ativo, em torcida você deve ter 15, 20 mil pessoas ativas. Tirando os que morrem, os que [pagam]³, você deve ter entre 15 e 20 mil pessoas.

B.H. – Na época que você foi presidente era mais?

J.S. – Não. O número de associados era menor, mas pessoas ativas era até mais. Até porque foi uma geração que... A minha... Eu fui presidente até 2008, apesar de estar há pouco tempo atrás, mas se renovou muito, então a galera que está na minha idade (35, 36, 37 anos), elas são pessoas que pegaram a época da fila, que pegaram o futebol ainda... Aquele futebol de glamour, aquele futebol que a gente fala que é aquele futebol que não é esse futebol moderno. Então era um

futebol que a gente tinha mais proximidade com os jogadores, você tinha mais influência dentro do clube, você não era taxado como marginal como a gente é hoje. Então são pessoas que foram até onde deu. Agora, com toda essa imagem, eles acabam se afastando para não... Hoje são pais de família, então não dá para você estar dentro do estádio de futebol com seu filho, porque se está com a camisa da torcida você é chamado de vagabundo. Isso acontece na porta do estádio. Eu vou entrar, muitas vezes, com meu filho hoje... Quando eu venho com meu filho para o estádio, que eu trago ele, eu não entro com a camisa da torcida. Eu venho com a camisa do clube. Porque se você vem com a camisa da torcida... Isso já aconteceu comigo. Você vem, quando você vai passar pelo policial, ele te chuta. Poxa, eu estou com meu filho de seis anos, eu vou entrar, o cara me chuta. Eu olho para a cara dele, ele pega e bate o cacetete na minha barriga. Eu olho para ele, eu falo: “Se você acertar o meu filho, a gente vai se pegar. Você pode errar aí, você quer me acertar e acertar ele. Aí a gente vai se pegar.” Então, para evitar isso, você acaba tirando. A gente é marginalizado em uma situação, mas a gente também tem uma certa provocação. Até porque isso, essa provocação faz o que? Uma briga na porta do estádio, a polícia agiu com rigor e a polícia isso, aí começam aquelas coisas bonitas, aquelas palavras bonitas. Porque se você começou e se você... É do ser humano. Se você começou a brigar, você perdeu a razão. Mas se você também lutar na Justiça, você não ganha nunca. Então fica uma coisa assim: “Ah, já que eu não vou ganhar lá, vamos, pelo menos, empatar aqui.” Então a coisa acaba se perdendo um pouco. Mas eu acho que a gente luta dentro da torcida por uma grande lição de vida para jovens. Por mais que pareça que não, a torcida é algo que forma o jovem de uma forma grandiosa. Porque você aprende a respeitar, você aprende a lutar pelo ideal. Porque por mais que o ideal seja defender as coisas do seu clube, para um jovem, um moleque de 14 anos, que está em formação, é aprender algo valioso. Você aprende a defender o que você acredita. Você acredita? Então defende. Você acredita? Então lute, então batalhe. A gente conversa... Eu lembro quando eu virei presidente da torcida, a primeira coisa que eu fiz foi pedir para a minha diretoria toda ir estudar. [risos] Foi todo mundo estudar. Os caras: “Você é louco? Vai estudar.” Falei: “Não, vai todo mundo estudar. Quem já terminou vai fazer faculdade, quem não terminou vai terminar os estudos iniciais aí. Os caras: “Não, você é maluco?” Eu falei: “Não, quando a gente acabar o mandato aqui, eu quero todo mundo formado porque aí não tem como...” Porque os caras ficam chamando tanto a gente de vagabundo que isso entrou na minha cabeça. Eu falei: “Quando a gente terminar o mandato...” Porque era de quatro anos. Eu falei: “A gente vai terminar o mandato, são quatro anos, está todo mundo

formado. No máximo quem for médico, for querer virar engenheiro, vai pegar cinco, seis anos, vai ficar um, dois anos a mais.” Mas o que aconteceu? Quando a gente terminou o nosso mandato já tínhamos... Na diretoria tinha 25 pessoas. Então a gente tinha advogados, engenheiros, professores de educação física, muitos professores. Então a gente terminou pelo menos com 25 pessoas que estão ligadas à torcida até hoje, formados. Temos jornalistas, temos lá três meninos que são jornalistas, que fizeram jornalismo. Então você tem pessoas que são da torcida, são ligadas à torcida. Você não pode falar que essas caras são vagabundos. Os caras são advogados. Tem um dos nossos meninos que foi diretor nosso, que ele está estudando para ser juiz. Esse cara não é vagabundo. Ele só gosta de futebol, cara. Ele não é vagabundo. Ele gosta de futebol. Pode ser que durante algum tempo ele errou, poxa, mas você está falando de menino, de criança e de adolescente. Você vai falar que um moleque com 16, 17 anos não vai perder a cabeça? De repente, brigar com alguém. O que a gente tem que evitar são essas mortes, são pessoas... Porque se você coloca dois grupos de 500 pessoas para se confrontar, a probabilidade de alguém morrer é de 90%. Isso não precisa nem ser um físico para poder você estudar a probabilidade. Então a gente precisa só reorganizar. Essa é a palavra-chave. Reorganizar o futebol.

J.F – Você entrou então na Mancha, você falou, abril, mais ou menos.

J.S. – Março ou abril de 1990.

J.F. – Você se recorda como nos episódios iniciais dessa trajetória, aqui mesmo no Pacaembu, a eliminação do Palmeiras para Ferroviária e na sequência um episódio que marcou muito a trajetória da Mancha, a invasão do Parque Antarctica?

J.S. – Bom, eu, assim, nesse jogo contra Ferroviária eu não estava presente. Do Pacaembu eu já vou ter coisas mais recentes. Noventa e três, 1992, são jogos que a gente teve aqui e eu lembro que a gente ficava escalando aqui o Pacaembu. [risos] Tem uns cabos de aço, acabava o ingresso, a gente não tinha, aí não dava para entrar, porque já estava lotado. Então a gente dividia em grupos. Um grupo fingia que ia invadir o estádio, a polícia ia toda, nós subíamos escalando aqui o Pacaembu. [risos] Então já escalamos muito o Pacaembu aqui muitas vezes para a gente poder entrar e assistir o jogo. Mas dentro de campo, jogos que mais me marcaram do Palmeiras também envolviam... Quando a gente perdeu aqui o primeiro jogo para o Corinthians, então isso... A nossa conquista no empate que a gente em um a um. Também Corinthians em 1993 marcou. A maioria dos jogos que me marcaram foram os jogos com o Corinthians no Pacaembu. Porque a gente estava saindo de uma fila, a gente estava em um

momento muito tenso. A rivalidade com o Corinthians naquela época era maior. Hoje a rivalidade, ela está até... E é no geral, todas, a rivalidade está esfriando, está diminuindo. A rivalidade, naquela época, era algo sensacional, não é? Então parava a cidade. A vitória do Palmeiras em cima do Corinthians depois do um a zero, foi algo que... A gente estava na torcida e aí o Palmeiras fez o gol. A gente soltou uns rojões de fita e era para soltar no final, na verdade, mas aí já soltou, fumaçou todo o jogo, a gente nem viu o segundo gol e ficou uma bagunça, mas a festa foi tão grande que... E nesse jogo também eu tive que subir o Pacaembu aqui pelas torres, porque a gente não estava conseguindo entrar, o jogo lotado, a torcida do Palmeiras acreditando muito. Então os jogos com o Corinthians nesses anos de 1992, 1993, 1994, no Pacaembu marcaram muito. Foram os jogos que mais me marcaram. Foram jogos que eu realmente vim e falei: “Meu Deus, obrigado por ter deixado eu chegar até aqui, porque não podia perder esses jogos.” Foram jogos que realmente fizeram a paixão aumentar ainda mais. Então é algo que marcou bastante. Foram esses jogos aí.

B.G. – Quando você entrou para a Mancha, você entrou em 1989. Em 1989 tinha o episódio do Cléo, que teve em 1988. Você viu o Cléo? Você teve algum contato com ele?

J.S. – Não, quando eu comecei a frequentar, o Cléo já havia falecido. O que a gente pegou, eu lembro muito que a gente via uma torcida... Quando eu entrei na Mancha, a Mancha era uma torcida muito... Como eu posso dizer? Era uma torcida que estava querendo mostrar que aquilo não havia abalado. Então, assim, era uma torcida em plena consciência que teria que mostrar força. Se você pegar os relatos, a época mais violenta da Mancha foi justamente de 1989 até 1992. A época que a época explodiu em violência, porque a morte do Cléo abalou muito a torcida. Então todo mundo achou que teria que fazer o que? Falar: “Os caras vão ter que respeitar a gente, pegar todo mundo, bater em todo mundo.” Mas ali eu era um menino, tinha 11 anos, 12 anos. Então, quer dizer, eu via, mas não participava. Não podia participar porque os caras não deixavam. E nessa época a idade média da torcida era de 26, 27, 30 anos. Eram pessoas bem mais velhas e elas não deixavam a gente participar. A gente via de longe, a gente olhava, a gente ficava vendo, ouvindo. Eu começo mesmo a participar muito das atividades da torcida de 1991 para 1992, que aí eu já tenho 13, 14 anos, aí você já está mais... Com 14 anos eu já estou bem folgadoinho. [risos] Com uns 14 anos eu estou bem folgadoinho. Aí já começo mesmo a ter mais essa participação. Mas uma coisa que eu lembro logo depois disso é isso. É a galera muito retraída, a torcida muito retraída, querendo provar que era é forte, querendo mostrar que era é forte e que aquilo não tinha abalado, e que aquilo não ia parar. A coisa foi de

uma maneira que é aí onde eu digo que a gente hoje tem a fama e a gente tem que deitar na cama justamente porque a gente fez por merecer. Não dá para a gente também culpar porque é um monte de jovem que acabou de perder alguém. E nessa época, se você olhar, 1988, alguém morto, baleado, era algo assustador. Ainda mais em torcida, por causa de futebol. Hoje está banalizado morrer alguém a tiro, mas em 1988 era algo inacreditável. “Não, não é possível que matou alguém por causa de futebol a tiro.” Então foi uma coisa muito forte para a época, não é? Se hoje a gente se assusta com alguém morrendo a tiro, naquela época então era algo... Foi o que fez a torcida realmente explodir em violência. A torcida explodiu mesmo em violência de uma maneira que a gente ganhou um nome... Hoje a Mancha é reconhecida mundialmente exatamente por causa dessa época. Acho que foi a época mais tensa da torcida. Depois a gente foi, alcançou o objetivo traçado – vamos colocar assim –, por mais que pareça meio... “Nossa, o objetivo traçado é ser violento.” É, naquela época era o objetivo, era mostrar força. Então vocês não mostram a força conversando. Só mostra a força sendo duro, sendo violento. E aí a gente alcançou um patamar que ali... Por mais que abril de 1995 tenha sido algo que... Naquela época a gente já estava mais tranquilo. Naquela época a torcida, ela já não estava mais querendo mostrar nada. Mas aí estava, ao contrário, a gente estava jogando contra o São Paulo, que tinha a Independente, uma torcida que queria fazer justamente o que a gente tinha feito. Então por isso que aconteceu toda aquela pancadaria. Porque a gente estava em um tempo onde a Mancha já estava no patamar que ela queria chegar, então ela já estava tranquila, já não tinha mais essa ansiedade de provar nada, mas a Independente vinha no sentido contrário. Ela vinha querendo fazer justamente o que a Mancha tinha feito. E aí você vê que a Independente é uma torcida que, nessa época, década de 1990, 1995 em diante, ela começa a inverter. A torcida do São Paulo começa a aparecer mais em noticiários em respeito a confusões e briga. Então esse sobe e desce da década de 1980 e 1990 das torcidas foi o que fez com que hoje as pessoas falem, rotulem a torcida da maneira que rotulam. Mas a torcida hoje, volto a frisar que a torcida hoje, ela é muito mais preocupada em acabar com a violência, em erradicar mesmo a violência. Ela é muito mais preocupada hoje em ter ações sociais, incluir o jovem de uma maneira que você consiga fazer com que esse jovem, ele comece a ir para o meio da torcida entender o lugar dele na sociedade, no mundo. Porque é algo assim... Quando eu falei para a minha diretoria para a gente estudar é uma coisa que eu também... Sempre trabalhei em ONG, desde os meus 16 anos eu sempre trabalhei em ONG. Então eu levei isso para a torcida. Falei: “Cara, a gente precisa dar um rumo para essa molecada.” Então sempre morei em favela, eu sempre trabalhei em

ONG. Isso fez com que... Porque eu tive pessoas na favela que me ajudaram. Falaram: “Vai ser alguém.” Por mais que a gente brigava, ficavam: “Vai ser alguém, vai estudar, vai fazer isso. A sua oportunidade está aqui, sua chance está ali.” Essa coisa eu peguei dessas pessoas. Falei: “Não, vamos fazer assim, vamos dar um norte.” Se o cara quiser ser ladrão, ele vai ser ladrão, mas ele não vai poder falar que não teve oportunidade. Ele teve oportunidade. Ele não quis. Isso é o mais importante: ele não quis. Está bom, ele não quis. Mas ele não vai poder falar: “Poxa, eu sou assim porque eu não tive...” Não, teve oportunidade, mas não quis. E aí é opção. A gente vai falar para ele que ele vai ter que colher os frutos das opções. Aí a gente foi trabalhando e hoje, graças a Deus... Eu fui conversando com várias outras pessoas de outras torcidas. O Amendoim mesmo dos Gaviões é um cara que... O André da Dragões. Então são pessoas que a gente foi conversando e foi batendo os mesmos... “Não, vamos fazer, vamos fazer.” A gente começou a fazer um trabalho de conscientizar as torcidas de que torcida não era só a parte de torcer e fazer violência. A gente tinha que também dar um rumo para essa molecada, a gente tinha que fazer com que eles entendessem que torcida, torcer é um entretenimento. Não era o lugar dele extravasar as frustrações dele. Era o lugar dele se divertir. Esquecer as frustrações, não extravasar. Esquecer. Esquecer aqui, nós vamos torcer, vamos nos divertir, vamos brincar. É que, infelizmente, eu bato muito nisso porque isso é experiência própria. Infelizmente, o Estado, ele não ajuda muito. Então a polícia reprime muito, o Estado reprime muito e você só está ali reprimindo, reprimindo, reprimindo, mas você não está dando uma válvula de escape, uma situação para você: “Não, vamos fazer assim, então.” Não tem isso. “Ah, vocês são vagabundos, vagabundos, vagabundos.” Então você acaba cultivando no moleque que não adianta ele tentar ser bom. Ele tem que ser mau mesmo, porque aí todo mundo já acha que ele é mau. Então ele não precisa tentar ser bom. “Por que eu vou tentar ficar provando que eu sou bom? Já que acham que eu sou mau, vou fazer maldade e está tudo certo.” Então essa coisa a gente precisa ainda... Ser trabalhada.

B.H. – Você chegou ainda a fazer parte da Conatorg? Você mencionou o André. Teve um período que essa entidade existiu.

J.S. – Foi, pode crer, teve no Rio algumas vezes.

B.H. – Depois a coisa regrediu, por conta dos...

J.S. – A gente fez... Assim, quando...

B.H. – Mas você acha que uma entidade de torcidas é uma possibilidade de ser uma voz política, um meio de...

J.S. – Dá, dá. Mas a gente precisa ter o que? O apoio do Estado. A gente fez... Na época foi o meu primeiro mandato na Mancha, que foi de 2000 a 2003. A gente fez o sindicato ali de torcidas organizadas e a gente ficou durante três anos, os três anos do meu mandato a gente não teve briga com torcida nenhuma em São Paulo. A gente não brigou com os Gaviões, a gente não brigou com a Independente, a gente não brigou com a Jovem, a gente não brigou com ninguém. A gente não brigou com ninguém. E nem os Gaviões com a Independente, nem os Gaviões com ninguém. As únicas brigas que às vezes tinha era os Gaviões e a Independente. A gente ainda briga porque a Independente, na verdade, não fazia parte. Eles não queriam participar. Então às vezes sempre tinha alguém em um confronto com a Independente, alguma coisa assim. Mas entre as outras torcidas... Todas as outras, com exceção da Independente, não teve problema durante três anos. Aí você pega e fala: “E melhorou o comportamento ou o tratamento do Estado?” Não. Continuaram batendo na gente. A polícia continua batendo na gente, continua tratando a gente como bandido. Então, o que acontece? Essa força, ela vai se minando. Porque não tem jeito. A molecada começa a se revoltar. “Poxa, a gente não está fazendo nada, a gente está fazendo tudo certo, tudo que pede a gente faz.” E porrada, porrada, porrada, porrada. Tem uma hora que eles querem revidar. “Não, vamos revidar que não está dando.” Mas eu ainda acredito, hoje o Ministério do Esporte está fazendo um trabalho bem bacana. No Rio tem um trabalho bem bacana. Por mais que a gente ainda tenha bastante confronto lá, mas é um caminho a ser trabalhado. Eu acho que a parte da torcida, o tempo da torcida de quebrar tudo, infelizmente, passou. Falo infelizmente porque era legal, não é? [risos] Eu me divertia. Mas passou por um lado muito perverso. Então a gente já está começando a falar de vidas que estão sendo perdidas. E no futebol, eu até falo para o moleques brigões. Eu falo: “Olha, eu até gosto de brigar um pouquinho, porque eu luto e tal, acho até legal, mas quando você começa a tirar a vida por causa de futebol...” É uma coisa sem noção, é uma coisa que você não consegue explicar. Cara, poxa, tirou a vida do outro por causa de que? “Ah, porque o cara torce para o...” Não tem nexo. É uma coisa que você começa a procurar e... Não tem por que. Tudo bem, você pode até falar: “Poxa, a gente acabou brigando porque estava de cabeça quente, o cara brincou comigo e eu nem conheço ele, aí a gente acabou trocando umas porradas ali.” Mas você vai voltar para casa, o cara vai voltar para casa. Quando você tira a vida do cara sem saber quem o cara é, o cara ter feito nada para você. Sem antes vocês nem terem discutido. Só porque o cara está com uma camisa. Então eu acho que a gente tem que começar... Liderança de torcida, presidente, diretores, têm que começar a pensar que a gente

lida com vidas. Toda vez que eu viajava com os meninos, ou ia para um clássico, eu sempre falava isso para a galera que a gente chama de liderança de bairro, que é quem traz o bairro. Então o cara que vai trazer a Zona Sul. Reúne toda a galera que é da Mancha da Zona Sul e vem de uma vez só. Então eu falava para eles: “Olha, vocês têm que pensar. Vocês gostam de briga, vocês gostam de confusão? Beleza. Só que vocês estão lidando com vidas. Vocês estão lidando aqui com um menino de 14, 15 anos que nem sabe o que é viver ainda, então ele vai estar no meio da confusão e não sabe o que vai fazer. Ele vai acabar correndo para o lado errado, vai ser atropelado, vai acabar morrendo. Você está lidando com vidas.” Quando eu comecei a lutar, a dar aula, falei: “Se vocês quiserem lutar, não tem problema. Vai na minha academia e depois eu faço vocês lutarem lá.” Isso, por incrível que pareça, começou a dar fruto. Muitos moleques da torcida que gostavam de brigar hoje estão lutando. Então, quer dizer, eles estão lutando. Eles estão usando toda essa agressividade, toda essa revolta de uma maneira mais sadia. A gente fala sadia porque tem regras, ele tem que respeitar as regras, ele tem proteção. Então é uma coisa onde ele consegue ir. É um esporte. Ele vive disso, ele ganha para isso, então é algo que você consegue canalizar e tirar essa... Só que quando eu fui fazer uma academia lá na nossa torcida, a delegada foi lá e falou que a gente estava fazendo rinhas de... Eu falei: “Mas espera aí. É um esporte reconhecido. Não tem como você não querer mudar. Que rinha?” Mas a questão é: teve os 15 minutos de fama. Só que você acabou com um projeto que poderia tirar muitas outras pessoas dessa marginalização, dessa questão de querer bater nos outros. “Não, canaliza aqui. Vamos lutar, vamos treinar, canaliza aqui. E aqui você vai torcer. Aqui você torce, aqui você bate, aqui você torce, aqui você bate. Pronto”

B.H. – Ela conseguiu impedir?

J.S. – Aí impediu, porque falou que a gente estava fazendo gladiadores, que a gente estava treinando pessoas para matar os outros na rua. Falei: “Então eu sei porque a polícia tem defesa pessoal.” A polícia tem defesa pessoal e é para que?

J.F. – Qual é a modalidade de luta?

J.S. – Eu faço... Na verdade, hoje eu faço tudo, mas eu comecei com muay thai. Mas eu luto muay thai, luto boxe, luto MMA, hoje eu...

B.H. – E essa semana é a luta de que?

J.S. – Eu luto MMA. Sexta-feira eu luto MMA. Estamos aí na contagem regressiva. [riso] Sofrendo bastante agora nesses últimos dias. Mas estamos vendo. E a questão da torcida é essa. Eu vim da torcida... 1989 ali, 1990. Eu começo a contar de 1990 porque 1989 eu só dava umas

olhadas. [risos] Então 1990 foi quando eu entrei mesmo para dentro. Noventa até 1992 eu era muito menino. Eu via toda essa questão, toda essa gana de poder, de conquista, isso aí você pode falar que é algo de jovem. Quer ganhar, quer conquistar. Se a gente jogar para o dia de hoje é a ostentação que o jovem quer ter. Corrente de ouro, carrão, sei lá, tênis de marca, camisa de marca. Então a ostentação daquela época era você ser reconhecido como alguém forte, alguém que, se for para cima ali, os caras ficam. E torcida, ela tem esse pensamento até hoje. Na nossa torcida nós temos esse pensamento até hoje. “Olha, a gente não vai procurar confusão, mas se vier também, a gente não corre. Vamos ficar aqui até... Vamos fincar o pé nesse chão aqui e só sai daqui morto.” Então é algo que você ainda... A torcida, ela enraizou isso. “Olha, a gente defende aquilo.” Eu costumo até dizer para os meninos: “Olha, a gente vai para o jogo do Palmeiras. A gente vai para o jogo. Não tem nada que pare na nossa frente que não faça a gente ir para o jogo. A gente vai para o jogo.” E aí a gente ia com essa mentalidade. Eu até falava muitas vezes com os comandantes do batalhão. “Meu, a gente só quer ir para o jogo. Se vocês tirarem todo o impedimento da gente de ir para o jogo, a gente entra e sai do jogo sem nenhum problema.” Falei: “A gente só quer ir para o jogo. Mas se vocês jogarem a gente no meio da torcida do Corinthians, no meio da torcida do Flamengo, no meio da torcida do São Paulo, a gente vai entrar para o jogo. Só que em vez de entrar ordeiramente, pacificamente, a gente vai entrar dando porrada em um monte de gente. Então dá para organizar para a gente entrar por um lugar?” “Ah, chega mais cedo.” “Não, não tem problema. A gente pode chegar uma hora, duas horas, três horas, quatro horas antes do jogo. Não tem problema.” Isso nunca foi impedimento. Falei: “Isso não é um impedimento.” Se quiser a gente chega duas horas antes do jogo começar. Não tem problema. A gente entra e fica lá dentro. Tranquilo.

B.H. – Recentemente, até quando teve o primeiro jogo do Itaquerao, do Palmeiras, você apareceu dando entrevista na televisão. Porque a polêmica era que a polícia queria impor que o deslocamento fosse por ônibus e vocês fincaram o pé. “Não, a gente vai de metrô.” E acabou sendo assim.

J.S. – É uma coisa engraçada, porque, assim, nossa, me xingaram bastante. Jesus. [risos] Me xingaram mesmo, me esculhambaram em tudo quanto foi imprensa, que eu era um marginal, que eu era isso, que eu era aquilo, que eu queria fazer uma carnificina, que eu isso, que eu aquilo. Eu falei: “Bom, eu estou falando com experiência de mais de 20 anos de torcida. E outra: experiência de mais de 35 anos vivendo no mesmo lugar, que é onde vocês vão colocar o jogo. Eu vivo lá. A gente vai com duas mil pessoas. São mais de 50 ônibus. Mais de 50 ônibus

vai dar mais de dois quilômetros de ônibus um atrás do outro, porque não dá para colocar os ônibus um do lado do outro lá. Vai fazer mais de dois quilômetros. Mais de dois quilômetros a gente passa por toda a entrada da torcida do Corinthians.” Eu falei: “Como é que você vai falar para mim que você vai conseguir segurar a torcida do Corinthians no seu portão principal para entrar para o jogo? Não vai dar. Não tem como.” “Não, tem como, a gente se garante.” A polícia falou que garantia. Eu falei: “Olha, vocês não garantem, porque a gente foi para a Vila Belmiro com três ônibus e a torcida do Santos quebrou tudo, nós ficamos com cinco moleques no hospital.” Três da torcida do Santos e dois da torcida do Palmeiras. Porque aí pararam os três ônibus, uma pancadaria geral, quebraram tudo e os caras foram para o hospital. Se três ônibus vocês não conseguiram segurar, Palmeiras e Santos na Vila Belmiro, onde você tem só um caminho para tirar a torcida do Palmeiras, que se fechou duas ruas, você consegue passar, imagine em Itaquera que você tem um monte de ruazinha.” Você vai colocar os ônibus enfileirados, eles vão estar atravessados em frente à entrada principal da torcida do Corinthians. Eu falei: “Você não vai conseguir segurar. Se a gente vier de metrô, a gente vai subir uma reta só, já do lado da torcida do Palmeiras. E outra, como você sobe uma reta, você consegue ver a torcida adversária de longe. Então se eles estiverem vindo, você consegue ver de longe.” Você tem uma visão mais ampla, você tem uma condição. Você fala para mim: “Ah, não consegue segurar no chão.” É muito mais fácil segurar no chão do que dentro de ônibus. Você conseguir controlar, vamos colocar aqui, 50 ônibus, você vai colocar pelo menos dois ou três policiais em cada ônibus para poder não deixar ninguém descer. Porque tem janela de um lado, janela do outro, a porta e tal, então tem um monte de espaço para o cara sair. Então se você colocar três, quatro em um ônibus, você vai ter quase 300 policias para poder colocar lá. Se você colocar 10 na frente de uma torcida ela não tem mais para onde ir. Dez aqui, 10 lá, acabou. Você usou 20 policiais. Então é uma conta básica. Eu falei: “Eu estava tão errado, que depois do jogo do Palmeiras fizeram isso com todas as torcidas que foram para lá.” [risos] E eu estava errado, mas tudo bem, não é? Vamos fazer de conta que foi a polícia que fez o esquema bom e que está funcionando até hoje. Tudo bem, está tranquilo. Não tem problema isso aí. É assim que funciona.

B.H. – Jânio, vamos fazer um intervalo? Quer uma água agora?

[FINAL DO ARQUIVO I]

B.H. – Nós estávamos falando desse episódio. Você lembra quando foi a sua primeira caravana?

J.S. – A primeira caravana, se eu não me engano, eu fui contra o Mogi Mirim. Mogi Mirim, em Mogi. E saiu uma...

B.H. – Você ia com 14 anos? Essa idade?

J.S. – Eu tinha 15 anos. Não, minto. Tinha 14 anos, 14 anos. Tinha acabado de fazer 14 anos. Foi em Mogi Mirim, eu falei para minha mãe também que eu ia jogar bola e fui para Mogi Mirim, que era cedo o jogo lá. No final do jogo deu uma confusão lá, que a torcida do Mogi Mirim... Acho que foi desclassificado e os caras entraram para a torcida do Palmeiras e deu uma briga, uma confusão danada. Eu falei: “Agora pronto, agora vou chegar todo marcado, minha mãe vai acabar comigo.” [risos] Eu não estava nem preocupado com a confusão que estava dentro do estádio. Eu estava preocupado quando chegasse em casa. Mas aí foi um jogo bem bacana, porque foi o primeiro jogo que eu fui. Foi o primeiro jogo que eu fui para fora. E teve todo esse auê, eu falei: “Nossa, meu Deus do céu, aonde eu arrumei treta? Agora estou [pego]⁴ mesmo.” Mas foi bem bacana. Primeiro jogo que eu fui para fora, que marcou bastante. Depois teve vários outros, mas o que marcou bastante, até por causa de toda essa agitação que teve... Foi algo que eu falei: “É complicado mesmo torcer.” Não é fácil, não.

B.G. – Quando você entra para a Mancha, você participa de alguma ala? Fica responsável por alguma coisa?

J.S. – Não, porque quando a gente é torcida, não tem muita coisa que fazer. Principalmente hoje. Hoje você não pode entrar com nada. Antigamente ainda tinha bandeira, mas o que você pode... Quando você chega em uma torcida, você vai fazer o que? Primeira coisa que vai acontecer quando você ficar conhecido, é as pessoas te colocar responsável, na maioria das vezes, por ônibus. “Olha, fica responsável por aquele ônibus.” Você pega a passagem, você ver se está o número de pessoas certo. Então a primeira coisa que tem para alguém fazer é isso. Porque como você leva muita gente, acabam saindo muitos ônibus, então você precisa de um número de pessoas maior. Depois, com conhecimento, as pessoas confiando mais em você, você começa a tomar conta do patrimônio da torcida. A gente chama de Departamento de Bandeira, que é o patrimônio da torcida. Você vai começar a levar faixa, levar bandeira, começar a chamar, recrutar as pessoas que vão te ajudar a fazer a festa na arquibancada. Vamos

⁴ O mais próximo do que foi possível ouvir.

fazer um mosaico. Quem faz o mosaico? É a galera do patrimônio, é o Departamento de Bandeira que faz. Eles vão fazer um mosaico. “Olha, a gente vai precisar de 500 pessoas.” Então eles começam a correr atrás de 500 pessoas para fazer esse mosaico. Eles começam a correr atrás de quem vai levar a faixa, quem vai estender, quem vai trazer de volta. Eles começam a ter esse tipo de responsabilidade. E depois você tem a sua responsabilidade do presidente, a responsabilidade dos líderes de bairro, que aí, com o tempo, as pessoas, quando a gente começar a perceber o seu comprometimento, a gente começa a colocar você como liderança de grupo de pessoas. “Então você vai começar a liderar esse grupo. Essas pessoas aqui estão sob sua responsabilidade.” O presidente tem só a incumbência de falar: “Olha, eu quero que vocês estejam aqui tal dia, tal hora.” E aí o líder de bairro traz todo aquele bairro dele. Aí o outro traz todo o bairro, chegam ali e dali o presidente começa a exercer a função dele.

B.H. – Você foi líder de bairro?

J.S. – Eu fui líder de bairro e depois fui presidente. Fui líder de bairro primeiro. Eu comecei a trazer a Zona Leste, o bairro onde eu moro, e depois eu cheguei a ser presidente. Mas comecei como liderança de bairro.

B.H. – E quando você chegou, quem eram os líderes da Mancha?

J.S. – Quando eu cheguei o presidente era, na época, o Moacir, depois o Ricardo, aí depois entrou o Serdan. Foi a época onde eu estava mais ativo, que foi de 1992, então eu já era um adolescente, já tinha 14, 15 anos, aí já era o Serdan. Aí foi onde mais comecei a...

B.H. – Do pessoal da fundação, Dorival, Atibaia, você conheceu?

J.S. – Conheço todos. Atibaia converso com ele até hoje. Converso com o Moacir até hoje. Converso com eles todos até hoje. A gente se encontra... Só o Dorival que, infelizmente, faleceu, mas o restante a gente tem contato, estamos sempre conversando, a gente está sempre dialogando.

B.H. – Jânio, você é sócio do Palmeiras?

J.S. – Sou sócio e para entristecer o Palmeiras eu virei sócio remido quando eles começaram a vender o título. Eles ficam desesperados porque a gente é sócio remido. É uma coisa que quando eu virei presidente também, eu pedi para os meninos fazerem. Falei: “Todo mundo que conseguir, fica sócio. Vamos ficar sócio.” Conte a questão do remido, eu falei: “Quem conseguir, vamos comprar.” Eu lembro que na época eu tinha comprado um carro zero, minha mulher quase me matou. E aí quando lançaram o remido, eu falei: “Ah, não, tenho que

comprar.” E eu tinha gastado o dinheiro para comprar o carro, vendi o carro de novo, comprei o remido e comprei um carro mais velho. [risos] Minha mulher queria morrer do coração. “Você é doido?” Falei: “Não, isso aqui a gente não perde nunca mais. Falei: “Mas olha o lado bom. Eu comprei familiar, você pode ir também. Então dá para a gente ir junto.” [risos] Aí comprei o remido e... A questão da torcida... Eu entendo, que a torcida, ela tem que fazer parte do clube. Porque a torcida, ela nada mais é do que a extensão do clube. A diferença é que em campo só pode ter 11. Fora pode ter a quantidade que o estádio comportar. Então a gente, na verdade, é uma extensão. E é essa a mentalidade até que a gente lutou nessa última eleição para poder colocar na cabeça do torcedor que o torcedor, ele não pode viver às margens da marginalidade no clube. Não, ele é o maior patrimônio do clube. Não é nem o jogador, o jogador não é o maior patrimônio do clube. Porque o jogador ele vai embora, ele volta, ele se machuca, ele quebra. Jogador não é o maior patrimônio do clube. O maior patrimônio do clube é a torcida. Porque um clube sem torcida, ele pode ter um outro Pelé, mas não vai conseguir fazer muita coisa. Porque você não consegue vender camisa, você não consegue um bom patrocínio, você não consegue anda. O que você vai conseguir é vender o Pelé para um clube grande. É a única coisa que você vai conseguir. Mesmo assim, não vai ser um valor muito alto. Se é clube pequeno, qualquer dinheiro que te oferecerem, você vai acabar vendendo. O clube, ele é medido e proporcionalmente pela sua torcida. É uma coisa que eu até falei recentemente em uma discussão, em um debate que a gente teve com o Paulo Nobre. Eu falei para ele: “Olha, a gente é o clube que mais vende camisa no país. A gente está atrás apenas do Flamengo e por muito pouco.” Em termos de camisa, a gente está atrás só do Flamengo e por muito pouco. “Se a gente é a torcida que mais vende camisa, eu não entendo porque não vocês conseguem um patrocínio Master e vocês não conseguem valorizar essa torcida de uma forma a fazer com que ela multiplique.” Eu falei: “Você tem a torcida do Corinthians, que é duas vezes maior, ou até quase três vezes maior que a torcida do Palmeiras no estado de São Paulo, que vende duas vezes menos camisa do que a sua torcida.” Eu falei: “Eu não entendo essa proporção de você não conseguir...” Por que em cima do que o patrocínio Master vai? Em cima da camisa vendida. Porque é o maior número de camisa vendida, maior número de pessoas circulando com a sua marca, um maior número de visualização. Então isso vai só somando. E eu acho que a torcida, ela precisa desse... Tem coisas que só a torcida consegue enxergar. Dirigente de futebol, ele não consegue enxergar. São coisas do dia-a-dia do clube. A necessidade, a ansiedade do torcedor, um dirigente de futebol, ele não consegue entender isso, porque ele não vive torcida.

Se você pegar a grande maioria do Palmeiras – vamos colocar o Palmeiras, que é o clube que a gente está mais inserido. O Palmeiras, ele tem um conselho muito velho. Essas pessoas, elas não vão para estádio há muito tempo. Os seus filhos nunca foram para o estádio. Ou as poucas vezes que vão, ficam em camarote, ficam nas cadeiras, com um público mais elitizado. Não que não seja... O problema é esse, é um público mais elitizado, que vê o futebol como um teatro, que vê o futebol como um espetáculo apenas, não vive a emoção do futebol. Então ele não tem aquela visão de fazer com que o clube consiga crescer. Você não consegue fazer o clube crescer tendo uma mentalidade elitista. Porque a grande maioria da torcida do Palmeiras hoje não é mais a elite. Já foi, mas não é mais a elite. A torcida do Palmeiras, ela é muito grande na periferia hoje. Se você colocar em conta que... A gente teve um jogo Palmeiras e Corinthians, que a gente saiu da Zona Leste com mil pessoas. A gente está falando de mil pessoas no final da Zona Leste, que torcem para o Palmeiras. Isso são as pessoas que se dispuseram a ir assistir o jogo Palmeiras e Corinthians. Você conseguiu trazer da Zona Sul 700 pessoas. Lá do Capão Redondo, lá do final da Zona Sul. Você tem torcedor lá, você precisa buscar esse torcedor. Você precisa fazer algo que faz com que esse torcedor, ele se sinta inserido no clube. É algo que a gente vê, eu pelo menos percebo muito, o Corinthians fazendo. “Ah, é porque o Corinthians tem mais...” Não, mas ele busca o torcedor. Ele lança os produtos da elite, mas ele lança muito produto para classe periférica. Porque na verdade, quem mais consome camisa do clube, é aquele cara que ganha pouco. Ele ganha o salário da camisa, mas ele vai comprar a camisa. Ele parcela em duas vezes, aí compra. Aí lança outra, ele já está terminando a terceira, ele já aproveita e compra outra de novo. E aí ele vai. Ele vai comprando, ele não para de comprar camisa do clube. Ele está comprando direto. Lançou, comprou, lançou, comprou, lançou, comprou. Esse cara que vive no futebol, que ama o futebol, ele vai comprar o que for lançado. E esse cara, ele está inserido na torcida organizada, por que na cabeça dele o que é? A torcida é o complemento do clube. A torcida continua sendo a continuidade do clube. Que nem muitas vezes eu falo para os meninos. As pessoas muitas vezes falam: “Ah, vocês torcem mais para a torcida do que para o clube.” Eu falei: “Não, a gente não torce mais para a torcida do que para o clube.” O problema é quando você faz algo, você está mais inserido naquilo, você está mais engajado, você está mais por dentro do que está acontecendo e aquilo depende de você. Então a torcida depende da gente. A gente precisa fazer a torcida funcionar para que a gente consiga um objetivo, que é torcer para o Palmeiras. Levar os torcedores para o estádio para torcer para o Palmeiras. Já dentro do Palmeiras a gente não tem acesso. Então

como é que vou ajudar o Palmeiras se eu não tenho acesso ao Palmeiras? Hoje a gente é sócio, tudo bem, a gente consegue ir lá, voltar, fazer uma campanha lá dentro, fazer alguma coisa, brigar por alguma coisa lá dentro. Mas a grande maioria não tem dinheiro para pagar o clube para ser sócio. Você paga quatro mil para poder comprar uma apólice e você paga mais R\$ 150 mensais. Você está falando isso para um moleque que trabalha de office boy, que recebe R\$ 700 por mês? Três jogos hoje que o cara for por mês ele vai perder o salário dele. Aí o cara tem que ajudar em casa a mãe, que às vezes a renda é pouca. Como é que esse cara vai ser sócio do clube? Ele não tem condições de ser sócio do clube. Como é que ele consegue estar perto do clube? Estando na torcida. Porque a torcida está sempre ali discutindo, brigando a respeito do clube, o que pode fazer, o que não pode fazer, como fazer e tal. Então esse menino, ele não consegue ser sócio, não consegue estar dentro do clube, mas ele consegue ser sócio da torcida. Aí a torcida está brigando com o clube, o seus presidente, seus diretores vão falar para a torcida o que está acontecendo. “Olha, a gente foi lá, protestamos assim, por causa disso, por causa daquilo.” Então ele consegue estar inserido no clube pela torcida. Através da torcida ele fica sabendo o que está acontecendo dentro do clube. Através da torcida ele fica sabendo quais são os pensamentos, ou quais são as diretrizes que o clube está tomando para o próximo ano, próximo campeonato, para a próxima partida. E aí por isso que a gente não torce mais para a torcida. A gente vive a torcida, o que é diferente. É diferente porque mesmo assim a gente não consegue viver o clube. Você não tem como viver o clube, porque o clube você precisa pagar e aí o cara não tem dinheiro para pagar, então não dá para ficar lá dentro. Ele torce para o Palmeiras porque você não pode falar que para o Palmeiras só pode torcer quem é sócio do clube.

B.H. – Mas então boa parte da diretoria da Mancha é associada e participa das eleições apoiando um candidato hoje?

J.S. – Hoje somos. Esse ano eu discuti um pouco mais com os meninos. Eu queria que eles participassem mais. No final das contas, acabaram participando, mas eu acho que foi pouca ainda a participação. Por um grande período a nossa torcida viveu em um sistema assim: a gente não se envolve em política, porque política vão falar que a gente está vendido e tal. Mas mesmo assim falaram que a gente estava vendido o tempo inteiro. Porque toda hora que você tomava uma posição, você ia desagradar alguém. E quem você desagradava... Aí eu falei para os caras: “Olha, a gente tem que pensar o seguinte: se a gente critica o técnico, a gente está fazendo política. Estamos pedindo a saída dele, estamos fazendo política. A gente está usando

a nossa força para pedir a saída do técnico. Querendo ou não querendo, nós estamos ajudando a oposição, que está querendo que ele saia. Então nós estamos fazendo política. Se a gente pede a saída do presidente, estamos fazendo política, porque a gente está indo contra quem está mandando. Então é política. Você está querendo tirar um cara que está exercendo um mandato.” Hoje a gente tem três membros da nossa torcida que são sócios do clube e já podem se candidatar a conselheiro do clube. Nós vamos colocar elas como conselheiras, vamos tentar emplacar os três. Se não conseguir, um ou dois. Aí eu falei: “Se a gente tem três pessoas que vão entrar como conselheiro e a diretoria é formada pelos conselheiros depois que o presidente entra, como a gente não vai se envolver com política? É impossível.” A gente já está inserido na política. Aí eles acabaram entendendo no finalzinho..Mas é algo que eu acho que todas as torcidas têm que fazer. Porque a partir do momento que você vive para o clube, você tem que fazer parte dele. Indiferente se é torcedor organizado, se não é. Se você está ali, está participando, está se empenhando, está se envolvendo, está deixando várias outras situações da sua vida de lado para você se dedicar ao clube, você tem que ter voz lá dentro, você tem que participar, você tem que ter opinião. Não tem como. A torcida, ela é, na verdade... Como ela mudou muito, ela cresceu muito... Ela cresceu em termos de estrutura e até de... Eu digo assim, a gente cresceu até em termos de capacidade mesmo, capacitação das pessoas. Porque se você pegar torcida da década de 1980, 1990, o cara bebia pra caramba e ia para o jogo louco. Quando não usava droga. Ele usava droga, ou ele bebia pra caramba e ia para o jogo louco. Hoje essa proporção, ela é mínima. Pessoas que chegam no estádio bêbadas. Ela é mínima. Até esse comportamento na torcida, se levantar um estudo, você vai ver que os caras que vão... A maioria, na verdade, desses jovens hoje, é a geração malhação. Todo mundo vai para a academia, todo mundo... Se beber, bebe um pouquinho ali, mas só, como dizem, no social. Não é o cara que bebe, bebe, bebe até ficar louco e entra para o jogo para... Mudou o perfil do torcedor. E as torcidas mudaram junto. As torcidas, elas mudaram junto. Hoje as torcidas, elas lutam de uma maneira totalmente inversa do que a gente lutou até o final dos anos 1990. A visão de uma torcida hoje, ela é totalmente diferente do que ela foi no seu início. Ela sabe que hoje a violência prejudica. Ela entende isso e ela sabe que isso vai prejudicar a tal ponto que vai fazer ela ser extinta. De verdade. Vai fazer ela acabar de verdade. Porque o que eu digo muito, principalmente para o Capez, fui várias vezes depois que ele virou deputado no gabinete dele e discuti isso com ele. Ele gostava de discutir, tanto que às vezes ele me chamava lá. [risos]. Porque ele gostava, por isso ele me chamava lá. “Vem cá para a gente discutir.” Falei:

“Vamos lá.” E eu sempre falei isso para ele. Ele falava: “Ah, mas eu tenho números.” Eu falei: “Mas você tem números do que? Você tem números da final de 1993, 1994. Palmeiras e Corinthians, foi Campeonato Paulista em 1993. Morumbi, 115 mil pessoas. Cento e quinze mil pessoas no Morumbi. Aí você tem uma porcentagem lá de 3%, 4% de ocorrência e tal. Beleza. Aí você tem uma semifinal de 1999 de Palmeiras e Corinthians, na Libertadores, que era o sonho dos dois clubes. Uma semifinal, quem ganhasse ia para a final, com 22 mil pessoas. Você quer ter o mesmo número de ocorrências? É impossível! Você tem 20 mil pessoas em um lugar que já teve 115. A proporção dessas pessoas, quando elas se espalharem pelo estado, pela cidade, pelo estado, – que é o estado inteiro –, delas se encontrarem é menor. O controle que a polícia vai ter do acesso é menor. Porque a torcida do Palmeiras estava em menor número, então se você tinha, sei lá, 22 mil pessoas, tinha cinco mil palmeirenses. Não é racional você falar que melhorou. Então por isso que a torcida voltou. A torcida não voltou porque “ah, fizeram um trâmite legal e mudaram de nome.” Não, voltou porque as autoridades viram que estava... Eu continuei indo para estádio sem torcida. Eu sei como é que era com torcida e sei como era sem. Porque eu continuei indo para estádio. Eu continuei pegando o metrô, eu continuei pegando ônibus, eu continuei pegando tudo. Eu falei: “Os moleques que hoje entram na estatística para tentar acabar com a torcida, então o cara que morre lá no final da Zona Leste, o cara que morre lá no final da Zona Sul e entra na estatística como torcedor, ele não entrava em 1995, ele não entrava em 1996. Ele não entrava em 1997, para a gente maquiarem e falar que não tem... Mas eles morriam muito mais do que morrem hoje.

B.H. – Só que não era associado a...

J.S. – Só que não era associado. Porque não, não tem torcida, não é. Não, mas era. Era um grupo de torcedores que estava indo para o jogo. Só estavam sem camisa. Mas era um grupo de torcedores indo para o jogo. Você está falando de grupos de torcedores indo para o jogo que estão morrendo no meio do caminho. É dessas pessoas. Então você destituía esse grupo. Só era contado perto do estádio. Perto do estádio era contado, o que estava longe não. Mas perto do estádio, o que acontece? Com toda essa tecnologia, evolução da tecnologia, câmera, celular, então os caras não são bobos também. Não vão falar: “Vamos nos matar ali na frente de um monte de câmera e um monte de celular filmando a nossa cara.” Vão presos. Então os caras afastaram. Então o que acontecia antigamente longe e não era contado... Só que em uma proporção maior, porque vamos colocar assim: quando você tem torcida organizada, você sabe de onde sai cada torcida e em que horário sai. É ponto. É uma das minhas questões com a

Polícia Militar. Eu falei: “Eu não entendo como vocês não conseguem evitar.” A torcida do Palmeiras sai do terminal AE Carvalho, às 11h da manhã. A torcida do Corinthians sai do terminal Itaquera ao meio-dia. Todo mundo sabe. A torcida do São Paulo sai do Patriarca à 1h da tarde. A torcida do Santos sai da Penha à 1h da tarde. Cara, não é escondido. “Ah, não, eles fazem.” Não, todo mundo sabe. Todo mundo sabe de onde está e que horas sai, por qual caminho vai. Todo mundo sabe. Tanto é que quando houve as duas mortes na Zona Norte, o que aconteceu? A torcida do Corinthians parou na frente da torcida do Palmeiras que estava fazendo o caminho que ela sempre fez.

B.H. – Você estava nesse dia?

J.S. – Não, eu estava na torcida.

B.H. – Estava na sede.

J.S. – É, que eu sou da Zona Leste, então eu fui para a sede. Eu sou da Zona Leste, então da Zona Leste fui para a sede, Zona Oeste vinha para a sede, todos iam para a sede para da sede a gente ir para o jogo. Então a gente estava na torcida.

B.H. – Foi uma emboscada?

J.S. – Porque não é difícil, entendeu? Não é difícil. Então o que eu falo para a Polícia Militar? Eu falei: “Também não é difícil para a polícia colocar quatro soldados lá. Colocar uma viatura da rota, do que seja lá o nome que eles usam. Uma viatura. Coloca uma viatura ali.

B.H. – Mas nesse dia a viatura que tinha fugiu.

J.S. – É, tinha dois policiais que correram. “Ah, mas...” Por mais que você possa falar: “Não, é perigoso para a polícia.” Não, não é perigoso, porque a molecada é jovem. Eles têm medo da polícia. Esses jovens, eles têm medo da polícia. Se você pegar... Primeiro medo dele: ele só conhece a violência policial. Ele não conhece essa polícia de servir e proteger. Ele só conhece a polícia violenta, que entra na favela e mata todo mundo. É a polícia que ele conhece, porque é de onde ele vem. Segundo, ele é jovem. Ele tem entre 14 e 20 anos. Ele tem medo da mãe, ele tem medo do que os pais vão fazer, ele tem medo de ir preso e a mãe ter que tirar. Ele tem esses receios. Então quando ele vê uma viatura da polícia, ele não vai para cima. Ele não vai. Eu já vi isso diversas vezes. Eles não vão. Se você pegar pessoas mais velhas, elas vão. Porque aí já é casado, se a mulher falar, ele fala: “Ah, meu irmão. Depois a gente conversa.” A esposa não é a mãe. A esposa é a esposa. Por mais que você tenha respeito, não é a mãe. A mãe você já pensa duas vezes. “Minha mãe não vai querer responder.” Mas a esposa é a esposa. Esse jovem, ele não vai ter essa coragem. Então essa viatura, ela já inibe a ação. O cara vai falar

assim: “Não, vamos esperar a viatura sair, vamos ver outro lugar.” E nesse “vamos ver em outro lugar” já passou o tempo, acabou, torcedor entrou no metrô, entrou no trem, já não dá mais para fazer mais nada. Falta essa interligação de realmente querer resolver o problema, tirar esse estigma de que torcida... Até porque o estádio sem torcida é sem vida. É uma coisa meio... Eu não consigo ver o estádio assim. Ver eu vejo, mas não consigo entender a linha de raciocínio quando você tira a festa da arquibancada e fala que isso acaba com a violência. Porque camisa, bandeira, instrumento, não bate em ninguém. Se os caras tirarem a camisa e forem violentos, se ele tirar a camisa da Mancha e colocar a do Palmeiras, tirar a camisa do Gaviões e colocar a do Corinthians, não muda o comportamento dele. O comportamento dele é o mesmo. O que muda o comportamento dele é a sensação de impunidade. É saber se vai ser punido ou não. Mas a camisa não muda. A camisa não muda, a camisa não difere em nada. E você também tira o prazer daqueles caras que só vão para o estádio para torcer, para fazer uma festa. Porque a grande maioria da torcida, esmagadora maioria da torcida, são pessoas que vão para o estádio só para fazer a festa, só para poder da maneira deles tentar ajudar o clube a ganhar os pontos, que é cantando, que é pulando, que é festejando, você só tira o direito desse cara que nada tem a ver com a violência, que nunca levantou a mão para ninguém, que nunca matou ninguém, que nunca bateu em ninguém. Essa proporcionalidade de tirar as coisas para poder falar que... Eu não vejo resultado. Tanto é que a gente não tem resultado. A gente está há quase 20 anos batendo nessa tecla e não se tem resultado. Na verdade, vamos fazer 20 anos agora, ano que vem. De 1995 para 2015 vamos fazer 20 anos agora e eu não vejo nenhuma evolução nesse sentido. Muito pelo contrário. O que eu vejo é o menino que antes chegava na sede oito, nove horas da manhã porque ele teria que arrumar todo o material, – isso fora a madrugada inteira que ele já ficou no outro dia. Aí tem que arrumar todo o material para levar, 200 bandeiras, não sei quantas faixas, 50 instrumentos, arrumar o caminhão, arrumar não sei o que. Aí você vai reunir ali um grupo de pelo menos 100 pessoas para poder estar trabalhando. São 100 pessoas a menos procurando o que fazer. Aí o cara não tem o que fazer. O cara chega no estádio, beleza. “Vamos marcar que a gente marca cedo.” O cara chega no estádio duas horas antes do jogo começar, três horas antes do jogo começar. O portão ainda está fechado. Aí não tem nada perto para o cara beber, não tem nada perto para o cara comer, porque nossos estádios não têm nada perto. Então você fica lá olhando para o teto e perguntando se vai chover, porque a única coisa que tem que não vai arrumar briga. O cara tem duas coisas para fazer: ou ele olha para cima e fica perguntando se vai chover, ou ele sai para arrumar briga. Fala: “Vamos

ver se a gente encontra alguém”. E sai andando. Porque nem mesmo a polícia está lá ainda. Eles querem que você chegue cedo, mas nem mesmo eles estão lá ainda. “Olha, a torcida tem que chegar aqui duas horas e meia antes do jogo começar.” Beleza, você chega lá, o portão está fechado. Cavalaria está chegando ainda. Aí tem que descer os cavalos, tem que arrumar os cavalos, tem que... Até abrir, até eles se arrumarem, a briga já acabou. Então são situações que você não tem uma visão de que realmente quer mudar, realmente quer fortalecer esse seguimento de torcida. Porque você, quando faz o torcedor participar... Muito se fala da Europa, mas pouco se faz que realmente concretize, que realmente evolui. “Ah, mas na Europa isso, mas na Europa...” Não, é tudo conversa fiada. Porque na Europa tem ingresso mais barato que aqui, então os ingressos na Europa são mais baratos. Só é mais organizado, mas é mais barato. Se você comprar o pacote para o ano inteiro, ele sai a metade do valor dos ingressos do Palmeiras que são R\$ 60. E você lá tem jogadores como Cristiano Ronaldo, você tem Messi, você tem Neymar. Já aqui você tem que ver os pernas de pau que tem lá no Palmeiras jogando. A proporção é um absurdo. Aí você fala que não tem violência. Tem violência. A Alemanha, que é um dos países mais organizados no futebol, que a violência é quase zero... Recentemente teve um jogo entre Bayer de Munique e Borussia Dortmund, acabaram com a cidade. Na Espanha, o Barcelona acabou de jogar. Morreu um torcedor acho que do La Coruña, se eu não me engano. Morreu torcedor na Espanha. Estou falando da Espanha. Europa, país de primeiro mundo, país que tem Messi, que tem Cristiano Ronaldo, que tem Neymar. Morreu um. Você vai na Inglaterra então... A Itália, pelo amor de Deus! A Itália, estão se acabando as torcidas lá. O mais tranquilo é Portugal, que não tem muita... Nunca teve muito essa questão de violência, mas o restante dos países não é... E lá tem camisa, lá tem festa, lá tem tudo. Lá só não tem torcida organizada. Porque falam de torcida organizada, lá não existe. Porque falam: “Ah, as torcidas...” Não, não existe torcida organizada. Existem grupos de pessoas. Não existe torcida organizada. Porque eu converso com holandês, eu converso com francês, eu tenho amigo inglês, eu tenho amigo alemão. Eu converso com essas pessoas. Eles falam: “Não, aqui não tem torcida. Aqui tem uns grupos.” É uma torcida, mas que não existe fisicamente. Não existe. Porque na Europa inteira você, como cidadão, pode entrar com a sua bandeira. Você pode entrar com seus fogos de artifício, você pode entrar lá com a sua fumaça, pode entrar com seu pisque. Você pode. Se você fizer alguma coisa errada, é você que é preso. Você acendeu seu sinalizador e jogou no campo. Você vai preso. Nada a ver com a torcida. Você vai preso. E aqui a gente tem algo que, assim... Até porque a cultura deles é diferente. Você acha que a

gente vai ter uma torcida, uma sede aberta para os caras virem aqui e prenderem nós todos depois de uma briga? Cadastro, a gente tudo isso aqui. As torcidas aqui são cadastradas. Tem nome, endereço, telefone, CEP, foto de todos os seus associados. Você tem um endereço fixo, você tem site, você tem... É impossível você chamar isso de marginal. Não dá, é isso que não entra na minha cabeça. Você tem uma instituição que tem uma diretoria. Ela não pode ser marginalizada. Porque se acontecer algo, você tem onde recorrer. E os cadastros hoje de todas as torcidas... O cara virou sócio da torcida, o cadastro dele vai para o Decradi, vai para a Polícia Civil. É uma das coisas que estão minando as torcidas, por quê? Porque o cara não quer mais fazer cadastro. Porque o cara não quer ir para a polícia. Mas mesmo assim as torcidas se disponibilizam a fazer isso. Pelo Estado, porque isso... Não tenho obrigação nenhuma de dar o dado do cara que se filiou na torcida. Até se ele quiser me processar ele consegue. Porque eu não tenho esse poder para falar: “Não, seu cadastro eu vou mandar para a polícia.” Na verdade, as torcidas não têm esse poder. Mas mesmo assim os caras que fazem não se escondem. Não ficam com medo de... “Não, pode colocar lá.” Você faz, você coloca o cadastro do cara lá. Aí vêm os espertos de plantão e falam: “Não, são vândalos.” Vândalos que se identificam para a polícia? “Olha, eu sou ladrão, vou roubar no próximo Palmeiras e Corinthians. Eu vou estar lá no jogo, no lugar tal, tal, aqui está meu ingresso, é só você ir lá e me pegar depois.” Então a gente está vivendo um momento que não cabe mais a polícia se esconder atrás disso. Não a polícia, polícia em si, mas o Estado se esconder atrás de disso, de que a torcida é culpada de todos os males do futebol. Porque o culpado de todos os males do futebol são as dirigências. Eles estão atrás das mesas, eles não estão na arquibancada. Eles estão atrás de mesa, eles estão atrás de escritório. O culpado de toda a podridão do futebol está nos que fecham os contratos. Está em quem pega luva de jogador, está em quem pega porcentagem. Está em quem só coloca jogador que é esquema dele para poder surgir... Por isso que hoje em dia a gente não vê mais surgir novos talentos de futebol. Em um país como o Brasil, que brota jogador do Brasil fora, que você, quando fala: “Onde estava esse cara?” Foi aos 13 anos para a Ucrânia. Lá na Ucrânia o cara está jogando bola embaixo do gelo. Poxa, como é que aqui no Brasil ele não conseguia jogar? Porque o cara era pobre e não tinha dinheiro para pagar para o diretor para poder jogar lá. Esses caras acabam com o futebol. A torcida não. A torcida, ela é uma coisa que você consegue controlar muito. Porque brasileiro ainda tem essa onda de tudo fazer instituição. Brasileiro tudo faz instituição. A gente é chefe de fazer instituição. “Vamos fazer uma

instituição.” Até para roubar os caras fazem instituição. [risos] É tudo louco aqui, não tem jeito, não. Mas é diferente. A gente consegue.

J.F. – Jânio, você tem insistido muito nessa visão, que é um estigma, da torcida como marginal. E certamente o episódio que vai colar esse estigma na torcida é a briga do Pacaembu de 1995. Você estava presente? Quais são as suas lembranças desse episódio?

J.S. – Aí começa uma coisa que eu... Foi em frente a TV, mas a briga do Pacaembu foi uma briga... Dentre as brigas que existem de torcida, a mais tranquila que teve. Houve muita pedrada e a correria. Uma parada aqui, outra ali e tal.

B.H. – E a pedra estava à disposição, não é?

J.S. – Então se você for analisar a briga, como torcedor que viveu várias outras brigas, como eu já vivi, aquela briga foi uma briga tranquila. Para você ver. O Palmeiras e o São Paulo naquele jogo, teve um jogo no meio da semana antes, que era semifinal. Eu fui para o jogo de semifinal. O Corinthians jogava com o São Paulo e o Palmeiras jogava com o Grêmio. Na Barra Funda... Eu só não fui para esse jogo porque na Barra Funda nós brigamos com a torcida do Corinthians, eu fiquei todo quebrado em casa no dia. Então não dava para eu ir. Mas a briga que teve na Barra Funda entre a torcida do Palmeiras e a torcida do Corinthians... Porque uma jogava no Parque Antártica, a outra no Pacaembu. Se encontraram, o horário do jogo era o mesmo. Terminou o jogo, se encontraram as duas na Barra Funda. A torcida do São Paulo saiu por cima, pelas Clínicas, e a torcida do Corinthians foi para o metrô Barra Funda. A torcida do Palmeiras, acabou o jogo no Parque Antártica, foi para a Barra Funda. Chegou lá a pancadaria que teve foi muito maior do que a que teve no Pacaembu. Foi muito maior do que a que teve no Pacaembu. Mas só que a do Pacaembu foi ao vivo. O jogo do Pacaembu já era... Esse jogo Palmeiras e Corinthians, que foi no mesmo dia, em estádios tão próximos, já era uma armação. Como não deu certo, não deu certo, se transferiu para o jogo da final. Porque você não tinha condição de fazer um jogo do Palmeiras com São Paulo com aquele monte de entulho ali. Com 50 policiais, 30 policiais. Se você colocar, que tem que colocar pelo menos uns 20 do lado de fora, você fica com 10, cinco do lado de dentro. Não vai segurar. É impossível segurar. Então esses caras só não brigariam se não quisessem, mas aí um provoca o outro. Pulou o primeiro, pulou o segundo, aí... Aí desandou tudo. As brigas de torcida, elas são muito, muito violentas, porque é muita gente junto. Então não é uma coisa que você fala... Não, elas são violentas porque são de muita gente junto. São 500, 600, 700 pessoas de cada lado. Mil, duas mil pessoas de cada lado. É muita gente. Então vamos colocar ali que alguém caiu. Que 10 pessoas cada

um deu um chute. São 10 chutes na cabeça do cara. Vai morrer. Ele vai morrer. Um chutou, outro chutou, outro chutou, outro não viu, quando chutou, chutou também. O outro viu quem chutou, chutou também. São 10 chutes. O cara morreu. E se a gente viver na utopia de que “poxa, os caras tem que se encontrar e não tem que se bater.” Não, teria, seria louvável se fosse assim? Louvável se fosse assim. Mas infelizmente o ser humano não é assim. Quando dois grupos divergentes se encontram, aí é na política, é na polícia, é na torcida, aí é em qualquer lugar. Esses dias eu estava até discutindo com um rapaz isso aí. Na eleição agora para presidente... Eu dou aula ali perto da República, em uma academia. Quatro horas da tarde, dou aula às 6h, falei: “Vou antes, porque eu vou treinar e tal.” Desci na República. Estou subindo. Quando eu estou subindo uma pancadaria, um monte de bomba para tudo quanto é lado. Falei: “O que é isso?” Quando eu olho para o lado, PT e PSDB. Dilma e Aécio. Quando eu subi, eu falei: “A Independente é ali perto, são os caras da Independente, Gaviões com a Mancha, sei lá.” Um monte de bomba, um monte de polícia. Não, PT e PSDB. Política. Pessoas que estavam a cargo para presidência da república. Então não adianta a gente viver... “Ah, só aqui, tem que respeitar.” Não, não vai respeitar. Dois grupos de pessoas... Aí sempre tem um valentão do lado, tem um valentão do outro, tem um espertinho do lado, tem um espertão do outro. E aí você pode até ter pessoas coerentes, mas essa pessoa vai segurar um, vai segurar dois, vai segurar três. 50 às vezes ele não consegue. O primeiro tapa que voa de um lado para o outro, a primeira garrafa d’água que voa... O que tem que ser feito na torcida? Tem que se evitar que eles se encontrem. Não adianta. E quando você fala “evitar que se encontrem” o que? Os grupos. Não precisa ser, vamos colocar, todos, mas os grupos. “Ah, são grupos?” “São grupos.” “Vão sair de grupos?” “Vão sair de grupos.” “Então tem aqui 50 torcedores...” E aí indiferente se é torcida organizada ou não. São grupos. Cinquenta torcedores do Palmeiras, coloca dentro do metrô e leva ele direto para o jogo. Ah, 100 torcedores do Santos, 100 do Corinthians, coloca no metrô e leva direto para o jogo. Evitando que eles se encontrem. Eu já vim para jogo do Palmeiras e Corinthians em que os três primeiros vagões eram só torcida do Palmeiras e os três últimos vagões eram só torcida do Corinthians. Só tinha dois vagões separando. São quatro para cada lado, só tinha dois vagões separando. Três para lá vocês e três para vocês. Só que nesses dois vagões tinha ali uns 20 policiais. Quem descia para ir para o lado do outro? Ninguém. A torcida do Corinthians ia descer, que o jogo era no Pacaembu. A torcida do Corinthians ia descer, como era o mando deles, eles iam descer na Marechal Deodoro e nós íamos descer na Barra Funda. E viemos da Zona Leste, de Itaquera até a Barra Funda, parando

em todas as estações bonitinho, sem nenhum problema. Essas coisas, essas experiências que a gente prova que dá para ser feito. E as brigas de torcidas... Cara, Pacaembu foi fichinha durante as coisas que acontecem. Fácil. Fichinha mesmo.

B.H. – Da sua lembrança, qual que foi mais marcante? As mais marcantes que você se envolveu.

J.S. – Na verdade, não foi nenhuma briga, mas... Palmeiras e Flamengo no Rio. Na verdade, não era nem Palmeiras e Flamengo. A gente jogou... Não, era Palmeiras e Flamengo sim. Esse era. Palmeiras e flamengo no Rio. A gente voltando, ali na Baixada Fluminense, a gente tomou muito, mas muito tiro dentro dos ônibus. Para você ter ideia, só um ônibus nosso teve 25 tiros. E morreu um menino nosso nesse dia. Ele, na verdade, tomou um tiro de uma passarela, então para você ter uma idéia de como o negocio estava. Ele tomou um tiro de cima para baixo. Pegou na cabeça dele. Varou, saiu embaixo. Esse dia marcou porque a polícia estava escoltando a gente, eu já tinha discutido com um policial no dia, porque ele queria dinheiro para nos escoltar. Eu falei que não ia dar. Eu falei: “É obrigação sua, não vou dar, não vou dar, não vou dar.” Ele falou: “É, você é muito marrento.” Falei: “Marrento é você. Você quer dinheiro nosso para poder fazer seu trabalho?” Aí ele falou: “Vocês vão ver, vocês vão ver.” Falei: “Está bom.” Aí na volta, a gente estava voltando, mas eu achei que ele ia bater na gente no estádio. Na volta a gente estava voltando, quando ele saiu, que ele entrou em uma rua, a gente começou a tomar um monte de tiro, mas muito tiro. E a gente foi tomando tiro. Vamos supor, de onde a gente começou a tomar tiro até onde parou, que foi no pedágio, são 15 quilômetros de estrada. Foram 15 quilômetros tomando tiro. Aí não tinha o que fazer, porque estava no meio da estrada. Você jogava o ônibus em cima dos caras, os caras saíam. Então acho que foi o jogo que mais... De briga de torcida foi o jogo que mais marcou, porque eu falei: “Não, nesse jogo aqui vai morrer todo mundo. Vai morrer pelo menos uns 50.” No final das contas eu falei: “Saiu barato ter morrido só um.” Infelizmente morreu um, mas pela atual situação, ficou até barato.

B.H. – Eram quantos ônibus?

J.S. – A gente estava com 13 ônibus. Bastante ônibus. Então você não conseguia fazer... Você não tinha uma dimensão. A gente só conseguiu ter uma dimensão quando a gente parou no pedágio. A gente parou no pedágio, aí o pedágio tem polícia ali, tem o pessoal. Na verdade chegaram atirando na gente também, achando que a gente estava roubando tudo. Falei: “Só faltava essa.” [risos] Aí quando a gente conseguiu contornar tudo, mesmo assim saiu no noticiário que a gente estava roubando pedágio, que não sei o que. Falei: “Poxa, o cara morreu

15 quilômetros antes. Como a gente está roubando pedágio com o cara morto 15 quilômetros antes?” E aí esse jogo acho que foi o jogo que mais marcou por isso. Foi uma coisa que não foi nem uma briga, foi uma coisa que você falou: “Agora...” As brigas não, o pessoal achou: “Agora vou apanhar bastante”, mas não... Eu falei: “Está bom.” Só achava que ia apanhar bastante. Aí foram várias. Falei: “Nossa, nessa eu vou apanhar bastante.” Na verdade, a gente acaba acostumando. Isso é impressionante. Como o ser humano, ele tem essa capacidade de se adaptar às coisas. Por mais remotas e por mais aterrorizantes que elas sejam. Se a gente colocar que a Palestina vive em guerra, como é que você consegue viver ali? É mais ou menos uma torcida organizada. Esse é o campo de Gaza, o tempo todo. Então a torcida é um campo de Gaza o tempo todo. O tempo inteiro você está no extremo entre a paz e a guerra. Você está ali em uma linha muito... Porque você dar um passo para cá é uma briga que não acaba mais, você dá um passo para lá é uma paz que é uma maravilha. Então a coisa é meio complicada. A torcida é uma coisa que você acaba se adaptando. Diversas outras brigas que a gente teve, diversas outras confusões que a gente teve, mas se eu te falar que a grande maioria das vezes, essas brigas, elas poderiam ser evitadas pelo poder público... Noventa por cento ou mais. Ela poderia ser evitada. Você poderia colocar uma torcida por um canto, outra por outro, você poderia ter um cordão de isolamento. Noventa por cento você conseguiria ter evitado, mas o porquê a gente tem que perguntar às autoridades.

B.H. – Não tem vontade política, não é?

J.S. – Não tem vontade. São coisas que a gente vê que... São muitas coisas no nosso país que não há vontade, não é? Então a gente está em um caso bem linear aí. O negócio do metrô, da Petrobras aí que não há vontade de se resolver. Se fala, se fala, se fala, mas a vontade de se resolver é zero.

B.G. – Essa trégua que você fala, que você vive sempre em estado de guerra, você acha que tem alguma atribuição com negociação entre lideranças? Ou é mais para a parte de poder público?

J.S. – Não, a liderança das torcidas, ela tem um peso... Por mais, assim... Os caras vão ficar bravos comigo, mas eu já falei isso para eles um monte de vezes dentro das torcidas. Por mais que as lideranças de torcida saiam falando: “Ah, a gente não tem controle.” Mentira. Tem. A gente tem. A gente pode não ter total. Não vou falar para você que, de repente, a gente não vai ter mais briga e tal, isso e aquilo. Uma parcela da torcida, que é muito pequena, vai bater em você até altas horas. Mas ela é muito pequena. Então tem controle. Mas se você bater o pé,

falar: “Mano, não vai fazer isso.” Não vai fazer isso, não vai acontecer. A gente tem uma responsabilidade, mas lógico, é uma coisa que também tem que ressaltar. Como eu disse, você tem na torcida tudo. Você tem bandido, você tem polícia, você tem juiz, você tem promotor, você tem tudo. Você tem tudo em torcida. Se você falar: “Tem juiz?” Tem juiz. Tem promotor? Tem promotor. Tem ladrão? Vários. Não é pouco, não. Tem polícia? Também, vários, muitos, e não é pouco, não. Mas como é que uma liderança faz? Porque a torcida é uma coisa assim: ela é uma parte, vamos colocar, do mundo. Você é o que você quiser lá fora. Aqui você é da Mancha. Então aqui, você pode ser lá o Presidente da República, aqui você é associado da Mancha, o presidente sou eu, vamos supor. O presidente aqui sou eu. Você é presidente do resto do país. Aqui não. Aqui eu sou o presidente. Então você vai fazer o que eu quero que você vá fazer. Você pode até retrucar, brigar comigo, mas você vai fazer o que eu quero que você faça. Uma coisa que a gente tenta lutar, mas aí entra a questão do poder, porque a gente depende do poder público, é: tudo bem, um cara questionou, arrumou o grupo dele lá de 50 caras que querem quebrar tudo, matar todo mundo, bater em todo mundo, o que você pode fazer contra ele? Montar outro grupo e bater? Vai continuar a violência do mesmo jeito, porque você bate hoje, apanha amanhã, bate depois de amanhã, apanha no outro dia e aí fica essa guerra. E onde vocês vão se encontrar? Na porta do estádio? Dentro do estádio, não vai ter jeito. No Rio, principalmente a Força Jovem, é isso. Briga lá... E eu conheço todos eles. E é difícil, porque eu falo para eles: “Poxa...” “Não dá, conheço vocês todos. Vocês andavam todos juntos e agora estão brigando um com o outro. São três, quatro grupos diferentes.” Como é que você consegue fazer isso? Com ajuda da Justiça. Velho, tem esse grupo desses caras aqui que não querem se enquadrar aqui. Mas não há interesse nisso. Eu vou usar a Mancha. Logo quando eu assumi a Mancha, eu tirei 200 pessoas que eram envolvidas com negócio de skinhead. Duzentas pessoas de uma vez. Um bairro inteiro. Saiu um bairro inteiro de uma vez. Que não gostava disso, não gostava daquilo, mas isso aqui é futebol, não tem espaço para isso. Mas era um grupo muito forte. Ninguém tirava por quê? Porque era um grupo muito forte. Era um grupo que... Duzentas pessoas. E como é que você vai enfrentar 200 pessoas de vez? Eu falei: “Simples, tira.” Os caras: “Você é louco?” Tira, está fora. Está fora. Ficamos brigando com esse grupo um ano na porta do estádio. Aí você leva... Na época o Decradi que tomava conta disso. Não se resolveu, não fizeram nada. Porque não é importante fazer nada. Mas aí em uma briga que nós tivemos com esse grupo no Palmeiras e Santos, saiu na televisão, na primeira

capa, jornais e não sei o que, grupos não sei o que. Eu falei: “Mas eu estou há um ano avisando isso.”

J.F. – Você lembra quando que foi essa briga?

J.S. – Foi em 2004, 2005, um negócio assim. De 2004 para 2005.

J.F. – No Parque Antarctica.

J.S. – No Parque Antarctica. Isso, no Parque Antarctica. Palmeiras e Santos. A gente estava há um ano já brigando com eles. Um ano. Briga, briga, briga, vai na polícia, fala, bate, briga, briga, briga. E aí? O que faltou? O que fizeram? “Não, deixei eles brigando porque para nós é melhor.” Uma hora acontece o que aconteceu. Aparece na televisão a imagem, todo mundo filmando. Mas era uma coisa já anunciada. Por ser anunciado, todo mundo estava lá para ver, porque era uma coisa anunciada. Um jogo da importância que era, Palmeiras e Santos, semifinal, final do campeonato, você chega lá e você tem 200 pessoas de um lado. É um grupo grande de pessoas.

J.F. – Esse grupo foi entrando na Mancha pouco a pouco?

J.S. – É, assim, são pessoas que eram do mesmo bairro. Tudo do ABC. E o ABC tem um histórico muito grande, tem essa ligação e tal. Aí eles foram se juntando. Foram se encontrando ali e foram se juntando. Já eram do mesmo bairro, iam para o mesmo lugar, pegavam o mesmo trem e tal. Tinha até pessoas que não tinham ligação nenhuma com isso, mas por ter pegado um laço de amizade com as pessoas, acabaram ficando do lado deles. E aí de uma vez eu falei: “Vai ter que tirar tudo de uma vez só. Não dá para ir vendo quem é quem, escolher. Tira tudo e depois vai ver.” Aí teve esse grande problema, mas é algo que a liderança tem um controle muito grande. Não tem total, mas tem de 90 a 95% do controle da torcida, ele tem. Ele tem mesmo. Os outros cinco por cento ele vai ter que contar aí com a ajuda do poder público para poder conseguir controlar e manter longe. Porque você tirar não é difícil. Difícil é fazer manter longe. Porque vamos colocar que aquele jovem que a gente estava falando que é de torcida, ele ainda é maleável, ele ainda é um cara fácil de se implantar na mente dele algumas coisas. Ele já vem de um meio violento, ele já vem de um crescimento, de um convívio, que não é nada harmonioso. Então quando você implanta para ele: “Você só consegue o que você quer na base da violência, tem que se impor, você tem que ser o cara, aí você consegue.” É isso que ele vê no dia a dia e fala: “Não, é verdade.” Porque ele estava na periferia, na favela. Ele falou: “Poxa, aqui é assim.” Aí ele sai para buscar algo diferente, mas na torcida ele fala: “Aqui é assim também.” Ele acha que o mundo gira naquilo. O mundo gira em torno do que? O mais forte

sobrevive. Não é que está longe da verdade, não é? No Brasil não está longe da verdade, mas a gente consegue colocar na cabeça das pessoas que dá para se mudar. Dá para mudar. Se a gente começar a trabalhar, dá para mudar. A diretoria influencia e muito na questão da violência.

B.H. – Alguns desses subgrupos se reúnem e fazem uma dissidência. Nesse caso eles formaram outro grupo ou não?

J.S. – Eles entraram na TUP. Na época eu ainda até falei com o Marcelo, que era o presidente da TUP. Falei: “Não deixa os caras entrarem.” Eu até entendi o lado dele. A TUP é uma torcida pequena, sem quase ninguém, vai entrar de uma vez 200 pessoas, ele achou que ia conseguir controlar. Tanto é que depois ele tirou também. Ele até achou que ia conseguir controlar. “Os caras saíram de uma torcida, vão vir com a cabeça mais tranquila.” Mas aí não conseguiu. E depois pararam. Hoje eu converso com boa parte deles. Hoje eu converso com a grande maioria. Os outros eu não converso porque não encontro mais. Mas a grande maioria eu converso hoje. Boa parte deles até falam: “Não, você tinha razão, devia ter te ouvido.” Não fazem mais parte da torcida, mas continuam indo para o jogo. Aí eu entro na questão da... Não é a camisa. Eles continuam indo para o jogo, eles continuam brigando. Continuam tudo. Até porque eu costumo dizer que é uma coisa que a gente cresceu nesse meio de briga. A gente cresceu vendo que isso era legal. É aquele negócio, se eu parar de falar para você: “Poxa, crescendo na torcida vendo isso eu achava que isso é algo absurdo”, não. Eu só fui ver que isso era algo absurdo porque eu tinha um convívio de ONG e alguém me falou: “Isso não cabe para nós, isso não é certo.” Mas também dizer que não brigava com ninguém. Não, briguei e muito. Eu falava para os caras antigamente... “Você tem quantas lutas?” Eu falava: “Bom, oficial eu tenho umas 42, fora então eu devo ter umas 500, 600 ou mais.” [risos]

B.H. – Então esses desentendimentos da Mancha com a TUP tem a ver com esse grupo ou foi maior do que isso?

J.S. – Na verdade, isso agravou. A relação da Mancha com a TUP sempre foi... Porque a TUP é a mais velha. A Mancha, quando surgiu, tomou muitos integrantes da TUP, então muitos que eram da TUP foram para a Mancha. Discutiram e brigaram algumas vezes, mas sempre foi uma relação bem... Meio que harmoniosa. A gente tem as desavenças em termos ideológicos, de visão de clube. Isso também acaba afetando um pouco. Mas a entrada desse grupo lá foi o que piorou. Porque como a gente ficou um ano brigando, na verdade a gente brigava com eles, mas eles estavam com a camisa da TUP, então era um ano brigando, na verdade, com a TUP. Era

com eles, mas com camisa da TUP. Eu até falava com o Marcelo: “Marcelo, olha, é um ano brigando... Os caras não vão lembrar que brigaram com os caras do ABC. Brigou com a TUP. Então é complicado. Até hoje o relacionamento, ele é meio... Vira e mexe a gente vê aí que dá uns problemas. Porque ficou essas... ficou esse ressentimento. Já tem por causa do clube, porque o nosso pensamento é muito diferente. Eu até digo para os caras, mas tem que ter, porque se não não precisava de duas torcidas, precisava de uma só. Se os pensamentos de visão de clube fossem iguais, não precisava de duas torcidas. A gente fazia uma só. São duas justamente porque eles têm um pensamento diferente do nosso. A gente só tem que respeitar. O pensamento deles é diferente do nosso. Ponto. Quem entender que o que eles estão achando é verdade, vai para lá. Quem entender que o que a gente está falando é verdade, vem para cá e não tem problema. Então quanto a isso a gente até conseguiria contornar. É mais difícil talvez daqui uns 10 anos, porque vai ser uma segunda, terceira geração já a gente consiga dar uma apaziguada nisso aí. Hoje é difícil. Hoje é bem difícil. Os caras não... As duas molecadas que hoje assumiram as torcidas, eles viveram essa briga o tempo todo. Então eles não se batem muito. Mas a gente consegue. Com o tempo a gente consegue.

B.H. – Depois de você então foi o André e agora é o Marcos, não é?

J.S. – Agora é o Marquinhos. Uma outra coisa que eu achei bacana também. Quando eu assumi, a primeira coisa que eu fiz foi isso. Eu mudei o estatuto. Presidente só podia ficar quatro anos e depois tinha que sair. Não foi muito fácil fazer esse negócio, porque os caras queriam ficar, mas aí... Estamos conseguindo. [risos] Agora vamos ter que ver a próxima eleição. Como a gente costuma dizer que o Brasil é novo em democracia, a gente tem quase 500 anos. Imagina uma torcida que a gente está de 2005 para cá fazendo isso aí. A gente está bem, vai fazer 10 anos ainda. Esse vai ser o terceiro presidente a ser substituído. Mas é algo que eu acho interessante. Até porque torcida se cria uma coisa de pessoas tomarem posse e vira um clube. Os caras viram donos da torcidas. Então é uma coisa que eu nunca concordei. As grandes brigas que eu tive na Mancha foram exatamente sobre isso, que a gente teve interna ali. Não briga de brigar de porrada, mas briga de discussão, de debates. As grandes brigas que eu tive foram essas. Eu falei: “A torcida é essa na minha visão. A gente gosta do clube, a gente quer ajudar o clube, participa de uma torcida para fazer essa torcida ajudar o clube. Então ela não pode ser minha. Ela é nossa, é da torcida. Porque vai chegar uma época que você vai ter que cuidar da sua vida ou viver a torcida. Eu, como entrei muito jovem na torcida, até a entrada do Marquinhos, que foi agora, recentemente, em 2010, eu vivi a torcida minha vida inteira. Tentei

estudar, perdi um ano da faculdade justamente por isso. Eu ia muito para jogo, jogo de quarta e não ia para a faculdade, então eu reprovei por falta e aí tive que fazer a matéria da quarta. Falei: “Só joga na segunda, porque na quarta eu vou repetir de novo.” [risos] Aí conseguimos mudar lá e fazer a faculdade. Mas como eu vivi intensamente, chega uma época que você tem que escolher. Aí casado, nasceu minha segunda filha, eu falei: “Agora não vai ter mais jogo.” Com um filho só ainda jogava no colo da mãe, da sogra. “Segura aí.” [risos] E a gente ia tentando levar. Com o segundo você já fica... Duas já é pesado. Coitadinha da velha cuidar de dois moleques. Aí você já começa a ter que diminuir o ritmo, já começa a pensar mais no final da vida, aposentadoria, como é que você vai fazer, vai viver de aposentadoria, vai criar alguma coisa? Então você começa a ter que se afastar para poder colocar os seus planos de vida em ordem. Só aí que aí você já perdeu 10, 15, 20 anos vivendo torcida intensamente. Então é complicada essa questão.

B.H. – Jânio, você foi candidato esse ano?

J.S. – Esse ano eu saí. Saí candidato a deputado estadual.

B.H. – Pelo PDT.

J.S. – Pelo PDT.

B.H. – Como é que foi? Como é que nasceu a idéia?

J.S. – Na verdade, assim... Eu, em 2005, eu falei para os caras: “Olha, a gente tem que parar de apoiar pessoas que vêm aqui. Porque esses caras vêm aqui pedir, na época de eleição, nossos votos e depois ficam quatro anos chamando a gente de vagabundo.” Eu falei: “Poxa, é um absurdo. O cara vem aqui, pede nossos votos, depois fica chamando a gente de vagabundo.” Você vai pedir alguma coisa para o cara... Vamos colocar mastro, bandeira, voltar e tal, fazer uma festa na arquibancada, fazer alguma coisa, tirar esse rótulo, fazer com que... Projetos sociais, que a gente levou vários para a gente poder fazer, para dentro da torcida, para tirar a molecada da rua e tal e ninguém nunca aceitava nada. Eu falei: “Então esses caras não representam a gente.” Política é o que? É um cara representar. Então a gente apóia um cara que vai vir aqui falar: “Olha, te dou um show.” No final das contas você vai fazer o show, vai fazer os caras da Mancha pagarem o show, então não é de graça. Porque o cara pagou para entrar. E aí essa discussão... Comecei a discutir lá, discuti, discuti. Aí o Serdan saiu em 2006. Mas o Serdan saiu não com uma visão da torcida, ele saiu candidato. Mesmo assim a gente apoiou. Falou: “Poxa, está vindo como... É de torcida, parece ser um cara que a gente consegue conversar. Não conseguimos entrar. Aí comecei, daí por diante, ele desistiu, ele falava: “Ah,

não quero nada.” Eu que falei: “Não, a gente tem que fazer.” Vim continuando. Já lançamos em 2006, lançamos em 2008, lançamos em 2010, vereadores, deputados federais. Começamos com poucos votos, com seis. Hoje, na última eleição, nós saímos com 12 mil cento e pouco. Então a gente está conseguindo trabalhar. Hoje há uma conversa entre as torcidas organizadas também para a gente começar a eleger pessoas que... Se você falar assim: “Ah, eleger pessoas que vão defender torcida organizada?” Não. Pessoas que vão defender o direito de torcer, o que é diferente de defender torcida organizada. Então você tem o direito de torcer. Hoje se você vai com a bandeira do seu time entrar, a polícia não deixa. A polícia não deixa você entrar com a bandeira do seu time. É um estádio de futebol e você não pode entrar com a bandeira do seu time. Você só pode entrar com a roupa que a polícia autorizar. Você não pode entrar com a roupa que você quer. Você só pode entrar se a polícia autorizar. E isso eu falo porque eu conheço a polícia. Se a polícia olhar... Um dia a polícia olhou para a minha calça e falou que ela estava muito baixa. Eu falei: “Você é o que? Você é estilista?” [risos] Eu falei: “Você quer que eu entre como? Você é policial, ou você é estilista?” “Não, mas está muito baixa, você não vai entrar aqui.” Eu falei: “Você está de brincadeira. Então me leva preso, porque eu nunca vi isso.” “Aqui quem manda...” Falei: “Não, você não manda. Polícia não manda. Só cumpre ordens, só cumpre lei. Você não faz lei. Isso não cabe a você.” Mas aí a gente entrou em um debate e tal. A idéia principal da eleição é o que? Fazer com que você coloque pessoas lá que consigam defender essa sua visão de torcer, de o estádio ser algo democrático realmente, ser acessível para todo mundo. Ser algo que um cara que recebe salário mínimo, ou um cara que é milionário consegue ocupar o mesmo espaço, torcer para o mesmo clube e viver no mesmo ambiente. Essa é a idéia principal. Você ter o direito de associação, que a Constituição te permite, mas que os órgãos públicos querem te tirar. Então é isso que a gente está batalhando hoje na questão da eleição.

[FINAL DO ARQUIVO II]

J.S. - ...sedes das torcidas, um lugar para a gente poder trabalhar o lado social. Tirar a molecada... Principalmente com jovens. Eu dou preferência mesmo, eu gosto muito de trabalhar com jovens, que são pessoas que você consegue formar, mudar. É difícil você mudar um homem formado já. O cara tem a opinião dele, tem a questão dele, tem o que ele quer e é uma coisa mais complexa. O jovem você consegue moldar. O jovem você consegue direcionar ele e o jovem, ele é do meio que ele vive. Não adianta. Se ele viver na guerra, ele vai ser um

guerreiro. Ele não tem como ser outra coisa. Agora, se ele tiver oportunidade, se ele tiver chance, se ele deslumbrar uma oportunidade de vida melhor, ele vai agarrar isso, se você começar a colocar na cabeça dele que é a opção que ele tem. “Não desperdice as oportunidades. Quando você ver uma oportunidade, abraça, vai e faz.” Então ele consegue. “Olha, como é que você vai conseguir fazer isso? Fazendo assim, fazendo assim.” Você consegue direcionar. Com um cara de 27, 28, 29... é mais difícil.

B.H. – E Jânio, você teve 12 mil votos. Você sabe de onde veio? Da Zona Leste? Foi do seu...

J.S. – Do meu bairro eu tive bastante. A maioria dos meus votos é porque eu trabalhei mais no interior, foi do interior. Eu trabalhei mais no interior, até porque aqui em São Paulo, como a gente não tinha muita verba, questão de dinheiro e o partido não estava ajudando muito... Eu preferi pegar o que? O público de mais longe, que tivesse uma distância maior da gente, para poder chegar a conversa. Até porque a gente esperava ganhar, porque você nunca entra em uma luta para perder, mas a gente sabia que seria muito difícil. E a gente tem aí 2016, a idéia é continuar. A gente não quer parar. A gente vai tentar até conseguir. Se a gente olhar que o PT, que todos os partidos demoraram 20, 30 anos para conseguir chegar em algum lugar, a gente não tem pressa. Eu ainda me considero um cara novo, estou com 36, então me considero novo. Dá para a gente esperar mais uns 10, 15 anos aí e tentar alcançar esse objetivo. Até porque nesse tempo eu falei para os caras. “Porque você não pode deixar essa visão de torcida acabar. Porque ela não é uma visão comum. Visão de torcida de que ela tem que ter um lado social, um lado de conduzir... Por mais que pareça, ela não é uma situação comum. O comum é o cara entrar na torcida, querer ganhar dinheiro, colocar a torcida para quebrar o pau com todo mundo e deixar a coisa ir. Esse é o comum. É a questão do cara ir para a torcida torcer e deixa a coisa acontecer. Então essa visão, eu acredito que se a gente parar, esse grupo que a gente formou parar de lutar por isso, a gente vai acabar perdendo. Então eu ainda sou da época que torcida é minha ideologia, não é meu ganha pão. A torcida é só minha ideologia. É o que eu gosto, é o que eu acho bacana, é o que eu vivo, porque eu realmente sinto prazer em torcer para o Palmeiras, sinto prazer em estar no estádio, sinto prazer em estar na arquibancada. Então torcida, para mim, ainda é isso. Torcida para mim ainda é ideologia.

B.H. – Você continua ainda frequentando?

J.S. – Continuo. Menos, mas continuo. Até para viajar está difícil. Eu fui para o Rio umas duas vezes, fui para Minas, mas meu Deus do céu, está difícil. Quando eu tinha 20 anos era tão fácil. [riso] Eu ia para o Rio e voltava que eu nem percebia. Quando eu percebia, já estava em casa

de novo. Agora, para chegar na metade do caminho do Rio, eu estava com uma tristeza. “Meu Deus do céu, está na metade do caminho ainda.” [risos] Está triste, hoje em dia está difícil. Mas eu vou, mas eu vou, ainda vou bastante.

B.H. – Jânio, você disse no início da entrevista, que hoje as torcidas são entidades fortes. No caso de São Paulo, você acha que isso tem a ver com o fato de que elas são também escolas de samba? Como é que você vê a escola de samba Mancha Verde?

J.S. – A Mancha, ela é separada. São duas diretorias diferentes e que até não se batem muito. O que é natural, porque os pensamentos são diferentes. Você tem na escola de samba o pensamento de ganhar dinheiro e de usufruir do Carnaval, da ostentação do Carnaval e você tem do outro lado uma torcida que pensa na questão de clube, de paixão, de amor e tal. Então quando você tem essas duas vertentes... Tanto é que a gente separou justamente por isso. A gente não achava que ia chegar a esse conflito tão grande, mas tem um conflito muito grande nesse sentido. Então você tem de um lado torcedores que, em sua grande maioria, é periferia e tem do outro lado uma escola de samba que vive o glamour do samba. Então que cobram o ingresso para entrar a R\$ 35, R\$ 25, R\$ 50 e que a molecada que é do futebol não tem. Ou o cara vai para o estádio de futebol, ou ele vai para o ensaio da escola de samba. E aí a gente vive nesse contraste o tempo todo.

B.H. – Que não é exclusivo da Mancha. Porque a Gaviões tem conflito.

J.S. – Não, tem. Eu conversando com todos eles, conversando com o pessoal da Gaviões, conversando com o pessoal da Dragões, conversando com o pessoal da Independente... Eu tenho um costume assim: tudo que eu faço eu tenho o costume de tirar parâmetro. Eu vou lá e começo a analisar, começo a pesquisar, começo a perguntar para as pessoas e começo a fazer um levantamento de dados menor, porque sou eu que vou estar ali tentando calcular. E você conversando com as pessoas, você tem esse contraste que eu te falei. Então você tem de um lado as pessoas do futebol, da torcida, que sua grande maioria é da periferia e do outro você tem o contraste do glamour da escola da samba. Por mais que você tenha uma galera da periferia, vamos colocar assim, a Mancha é uma escola de samba da torcida do Palmeiras. Então não é um reduto das pessoas que moram perto. Que hoje até não existe mais no carnaval. Você dizer que a Vai-Vai é só para quem mora na Bela Vista, estou mentindo. Você tem casas apaixonadas pela Vai Vai lá em Itaquera, que está a 35 quilômetros do local. Mas esse glamour que o samba vive, ele acaba sendo um contraste muito grande com o que o moleque vive na torcida, ou o que ele vive no bairro dele. Então esse choque de realidade quando ele vai entrar

na escola... Vamos supor, ele vai entrar na escola de samba, aí ele vai pagar R\$ 5, R\$ 6, R\$ 7 em uma lata de cerveja. Vai pagar R\$ 15 em uma dose de whisky, o cara não tem esse dinheiro. Vai pagar R\$ 20 em um energético. Ele não tem esse dinheiro. No bairro dele o litrão lá é R\$ 5. Não paga nem uma latinha de cerveja na escola de samba, que são sete. Então esse contraste acaba fazendo com que todas as torcidas, elas tenham esse choque de realidade. Recentemente eu ate falei para o pessoal dos Gaviões. Eles falaram: “Vamos separar que nem na Mancha, que aí fica tranquilo.” Eu falei: “Mas também não é um problema, porque o problema não é direção, ser uma direção só ou duas direções. É que o contraste de vida é muito grande. É uma diferença muito grande. É como você estar no Rio, em Copacabana, você viver em um prédio em frente ao mar e estar atrás do prédio no morro, na Rocinha, sei lá. Na Mangueira. O contraste é muito grande. Então você tem um cara vivendo no barraco pendurado no morro, você desceu três quarteirões, tem um cara num apartamento de um por andar. Esse contraste causa toda essa confusão. Mas foi um braço muito forte, porque você não pode negar que na maior emissora de TV do país, durante uma hora, 1h15min, mostrando o nome que é o mesmo da torcida e da escola de samba e quem está fora não consegue desassociar uma da outra, é o mesmo nome, te dá uma força. E é uma outra questão que eu discuto muito com o pessoal lá no samba. Você hoje vive uma situação de que o samba é cultura. Então hoje é bonito apoiar o samba, hoje é bonito falar que ajuda a escola de samba. Na década de 1930 ninguém queria apoiar, mas hoje todo mundo quer tirar uma lasquinha. [risos] Hoje tem a Cidade do Samba, vão construir e tal. Então hoje isso é uma cultura, hoje isso é bacana, hoje em dia você tem dinheiro do governo que auxilia em algumas situações, que te ajuda em determinados trabalhos que você quer fazer. A própria quadra da Mancha também é doada pela prefeitura o espaço. A prefeitura que deu o espaço para que a escola pudesse se instalar ali. Assim como é do Águia, assim como é de outras escolas. E com essa Cidade do Samba se fez uma lei propícia para isso, para se dar espaço, para se tirar debaixo das pontes, dos viadutos, as escolas de samba. Então acabou sendo algo que o samba aproximou esse poder público das organizadas, mesmo que esse não fosse o objetivo principal. Mas acabou aproximando. O que as torcidas organizadas fizeram com isso é que é outro problema, mas aí é uma outra questão. Mas acabou fazendo com que as torcidas fossem fortes. Também as torcidas em si elas se tornaram muito fortes, com sedes próprias, com venda de materiais que é muito grande, então faz com que elas sejam financeiramente independentes. Elas vivem delas mesmas, elas não precisam de nada. Se você falar que ela precisa do clube, que nem a questão que a gente tinha falado do ingresso... Não precisa. Uma

torcida organizada hoje, ela não precisa do clube para nada. Para nada. Ela pode ter precisado no começo, mas hoje ela não precisa para nada. A única questão que eu batia muito com os presidentes que a gente teve era questão de ônibus. Por quê? Porque é caro. Então se você cobrar R\$ 200 para ir para o Sul... Que normalmente é isso, R\$ 200, R\$ 250, R\$ 300 para ir para o Sul e voltar, e você cobrar R\$ 30... Em vez de você levar um ônibus, dois, com a torcida do seu clube, você leva 10, 15. Então essa proporção que eu falo: “Não é bom para a torcida, é bom para o clube.” Você trabalha até o psicológico do jogador. Imagina um jogador entrar em campo no Rio Grande do Sul, o cara está de ônibus a 20 horas do estado dele. Você olhar lá e você vê 500, mil, três mil, cinco mil pessoas torcendo por você. A não ser que o cara seja muito mau caráter, isso vai dar um ânimo para ele. Ele vai olhar aquilo e falar: “Poxa, cinco mil pessoas se deslocaram até aqui para ver a gente jogar.” Não vou falar que ele vai ganhar, mas ele vai se esforçar. Ele vai lutar, ele vai batalhar para conseguir um bom resultado. Porque sente que aquele torcedor, ele foi ali e se esforçou para chegar até ali para poder... Então para o clube é bom isso. Mostra grandeza. Você jogar no Sul com 10 caras e você jogar com cinco mil pessoas mostra grandeza. Você tem cinco mil pessoas que vão até o Rio Grande do Sul te acompanhar. Eu acho que essa estrutura das torcidas hoje é isso. Elas financeiramente se sustentam. Então é aí que está a força da torcida.

B.H. – Mas você está do lado dos que questionam a escola de samba? Como é que a sua...

J.S. – Não, eu gosto. Na verdade, eu acho muito importante uma escola de samba, justamente por causa desse quesito. Você tem em uma das maiores emissoras de TV do país... Fora as entradas que você entra quando está perto do Carnaval. Você tem, na verdade, dois meses da imprensa inteira falando de você, da sua imagem. O que eu discordo muito é a maneira de se conduzir isso depois. Se afastando isso das torcidas e querendo viver só como escola de samba. Isso não é uma escola de samba, isso é uma torcida no samba. Não pode ser chamado só de escola de samba. E esse contraste é o que eu discuto bastante. Se você nasceu de uma torcida, você não pode virar uma escola de samba. Você é uma torcida no samba. Para o resto da vida você vai ser uma torcida no samba. Não interessa. Porque a gente entrou com um objetivo. Eu estou na Mancha desde o começo da escola de samba. Hoje estou menos por causa desse contraste. Hoje estou menos não, hoje quase não estou. A gente entrou com um objetivo. Qual foi o objetivo? Quando os Gaviões foram campeões do Carnaval, a gente falou: “Tem que bater nos caras. A gente tem que ganhar deles.” Bater no sentido de ganhar. Nós temos que ganhar deles. Eles não podem ganhar o samba. Porque eles só ganharam porque a gente não estava lá.

[risos] O Vasco só ganha se o Flamengo não estiver lá. Vascaíno é a mesma coisa. Então na nossa cabeça, quando a gente entrou no samba foi justamente por isso. Por incrível que pareça. Vamos entrar no samba e torcida tinha acabado e tudo. “Nós temos que ganhar dos caras. Vamos entrar. Temos que ganhar dos caras, temos que ganhar dos caras.” Eu vivi isso e isso era minha meta. Eu vivi a escola de samba intensamente porque essa era minha meta. Quando a gente chegou, que aí inventaram a tal da Liga das Escolas de Samba de Torcida, que a gente não competia para ganhar nem para perder. Eu falei: “Não, tudo bem, mas a gente vai competir com a Gaviões, beleza aí. Então ganhar da gaviões, aí está legal.” Mas quando começou a mudar... “Não, a gente tem que lutar com Rosas, com Vai-Vai.” Aí não. Porque eu sou da Zona Leste. Eu torço para a Nenê. Nenê de Vila Matilde, escola de samba é Nenê de Vila Matilde. Eu sou da Zona Leste. Eu sou da Mancha porque a Mancha é minha torcida, representa o Palmeiras. A imagem da Mancha tem que ser essa a vida inteira. Por mais que a gente esteja no samba, a gente é o Palmeiras no samba, a gente é a Mancha no samba. Então não muda. Quando eu comecei a lutar foi a mesma coisa. Falei: “Meu, a gente é o Palmeiras lutando.” Não tem essa. A gente tenta levar sempre essa visão. Aonde quer o nome da torcida vá, ela está representando o Palmeiras. Ela é o Palmeiras ali. Então a gente não pode agora... A gente reclama do Palmeiras aqui, da questão que é caro para ser sócio do clube. Mas a gente fica também deixando a entrada no samba, que deveria ser, na minha visão, gratuita para o associado. Aí é onde eu brigo bastante. Os caras: “Mas não dá.” Dá. A quadra é nossa. Quem é sócio da Mancha entra de graça, quem não é paga R\$ 100. “Ah, mas aí não vai ter ninguém.” Não tem problema. É nossa, é para nós, não é para os outros. Tem essa visão, essa visão de que é para a torcida do Palmeiras. Não tem questão de “os outros.” Que os outros? Os outros não interessam. Os outros vão para outras escolas. Aqui é nossa. Aí você fala: “Mas aí não tem nada de socialismo”. [riso] Tem, porque se você tem a visão de que ali é de graça. Se você ficou sócio, se você compartilhar disso aqui, você entra de graça. Se você não for... Tanto que é que na minha administração a maioria dos jogos fora que a gente levava longe, sócio em dia era de graça e quem não era R\$ 50, R\$ 60. Em 2008. Quer dizer, já era caro. A minha idéia era levar o nosso sócio para o jogo. Levar o torcedor do Palmeiras sim, mas levar o nosso sócio, principalmente, para o jogo. Já que ele é sócio, ele tinha que ter uma contrapartida. Então se o cara é da Mancha e a Mancha está representando ele no samba, ele tem que participar. Ele tem que ser chamado a participar. Mesmo que às vezes ele fale: “Ah, não vou.” Então você tem que dar um atrativo para que ele fale: “Poxa, eu vou lá. Eu vou participar.” Porque o principal alvo

de uma torcida, além de torcer para o ser clube, é fazer com que os seus associados participem. Porque a grandeza vai estar ali. A grandeza vai estar na participação, na quantidade de pessoas que participam. Não no valor que ele paga para entrar, mas na quantidade de pessoas que participam. Pessoas que se desempenham, pessoas que se deslocam, pessoas que estão ali se entregando por algo que, na verdade, você não está recebendo nada. Mas também não está pagando.

B.H. – Agora em 2015 o tema vai ser o centenário do Palmeiras. Você vai desfilar?

J.S. – Não. Não vou desfilar. Não desfilo mais. Eu parei. Eu parei. Agora só assisto.

B.H. – Mas por conta desse desentendimento?

J.S. – É, por conta do pensamento que eu não desfilo para disputar com a Rosas de Ouro. Eu só desfilo se for para disputar com os Gaviões. [risos] Disputar com a Rosas de Ouro não me interessa. Com os Gaviões, com a Dragões, aí me interessa.

B.H. – Mas a Gaviões e a Dragões estão dentro, estão no grupo especial, não é?

J.S. – Estão. Sim, mas é que a visão hoje é ser campeão, indiferente... Mas não, a minha visão é só eles. Se a gente ficar em segundo, eles em terceiro, em quarto, está bom. Está ótimo. Não precisa ser campeão. “Ah, não, precisa ser campeão.” Não, não precisa ser campeão. Eu só quero ser campeão se algum deles for em segundo. Aí a gente tem que ser campeão porque só consegue ficar na frente deles se for campeão. Mas de resto não. É que, assim, eu tenho uma coisa dentro do futebol e o que leva da Mancha que isso para mim ela só é viável se ela estiver dentro de uma rivalidade. Então o nome da torcida e o nome do clube, eles só são viáveis se estiverem dentro de uma rivalidade. Eu não posso usar o nome do clube para, sei lá, ganhar dinheiro. Não tem nexo. O nexo é o que? Na rivalidade dentro do futebol. Porque mesmo que, de repente, não seja dentro de campo, você falar assim: “Ah, você perdeu para a gente.” Vamos colocar que em 2014 vocês perderam para a gente no Campeonato Paulista. “Ah, mas vocês perderam para nós no samba. Nós ganhamos.” [risos] Tem, lógico que tem. Nós e você, não interessa a competição. Não interessa se é par ou ímpar, não interessa quem corre em menos tempo 100 metros. Ganhamos. A gente ganhou. Ganhou e vocês perderam e ponto. Competimos quantas vezes? Dez vezes. Em um jogo de botão ganhamos seis e vocês quatro. Ganhamos seis e vocês quatro. Ganhamos. O ano está bom para nós. Ganhamos. Saímos na frente. Eu vivo dentro desse contexto. Minha visão de torcida é dentro desse contexto. Então o que sai disso... Aí eu já sou meio chucro. Eu já não acho que... A grande questão é: eu não acho que a gente deva se aproveitar do amor das pessoas. Porque quando você começa a cobrar

caro... Uma escola de samba, que é ligada à torcida, uma escola de samba como é, vamos colocar aqui, o Rosas, que é da família. Não, não é da sua família, não é seu. É nosso. Então se é nosso, tem que ser o mais barato possível. Se a gente consegue que... A verba que é repassada é boa, então a verba que é repassada do governo, da prefeitura, de todo mundo, dos patrocinadores, é uma verba boa e consegue manter a sua quadra, consegue manter o seu estádio. Então o cara não precisa pagar para entrar, para participar do ensaio. Mesmo porque depois lá ele vai consumir, então não precisa custar R\$ 7 uma cerveja. Porque o cara já... Então que custe o preço da rua, que é dois, três. Que custe o mesmo valor. O que eu entendo? Você tem que fazer daquele lugar a casa do cara. Aquele lugar, ele tem que sentir bem. Ele tem que ir lá e falar: “Meu, aqui é o meu canto, aqui é minha segunda casa. Quando eu não estou em casa, não estou trabalhando, eu estou aqui. Ou quando eu não quero trabalhar eu estou aqui. Quando eu não quero ficar em casa, eu estou aqui.” Então ali tem que ser o lugar onde o cara se sinta bem. Ali tem que ser o lugar onde o cara goste de participar. Tanto a escola como a torcida. A torcida e a escola têm que ser um lugar que o cara... O cara que é da Mancha e é Palmeiras, ele tem que sentir prazer em estar aqui, se não, não tem porque estar. Não tem porque o cara estar ali, participar dali para que? Então a gente acaba perdendo e eu acho que você fazer com que as pessoas paguem caro para participar... Porque as pessoas pagam, porque a paixão dele fala mais alto. É se aproveitar da paixão. Não concordo. Entendo, mas não concordo. Aí que está, não é? Eu entendo, mas não concordo. [risos] Não vou participar, não. Vou assistir, porque eu assisto todo ano. Assisto, torço para que ganhe, isso é fato, porque é o nome da minha torcida, é o nome da minha entidade. Mas não participo mais. Desde quando a gente parou de competir exclusivamente com as torcidas eu não vejo mais graça nesse sentido

B.H. – E hoje no Carnaval de São Paulo no grupo especial você tem três, como a gente mencionou, a Independente está no acesso, a Jovem do Santos está também se mobilizando. Você acha que pode acontecer com o Carnaval o clima que acontece nos estádios? Ou seja, territorialização, dia de desfile, apuração, essa lógica pode chegar no Carnaval?

J.S. – Eu acho difícil. Eu acho difícil por dois motivos. Quem está dentro do Carnaval sempre fala que o público é outro. Não, o público é outro até pelas questões que a gente já discutiu aqui. Mas a visão de quem está na frente é outra. É uma visão empresarial, uma visão de ganhos. Então não interessa a briga, não interessa a confusão, não interessa qualquer coisa que venha manchar essa imagem. Tudo que é para manchar a imagem deixa para a torcida. E aí no Carnaval a gente fica de boa, no Carnaval a gente só colhe os louros e tal. É o que eu falo para

os meninos direto. Se você tem uma escola de samba forte é porque você tem uma torcida forte. “Ah, elas vivem só.” Não, não vivem só. Porque se o Palmeiras acabar não tem mérito nenhum ficar na escola de samba Mancha Verde. Qual é a escola de samba Mancha Verde? É o Palmeiras. Sem o Palmeiras a escola de samba Mancha Verde não é nada. Quem representa o Barra Funda, na verdade, é o Camisa Verde e Branca, não é a Mancha. Então nem comunidade a gente tem. Nossa comunidade é a torcida do Palmeiras. Eu vejo na visão que é quase impossível acontecer... Apesar que aconteceu com a Independente quando era bloco, mas eles aprenderam, eles viram que eles fizeram... Porque ficaram fora do carnaval. Ficaram fora da bolada e aí tanto é que voltaram como escola de samba agora. Porque na época eles eram bloco. Então não podiam voltar mais como bloco, acabaram fundando uma escola de samba. Pelo o que conversei com os caras, estão com um pensamento totalmente diferente. Então o pensamento deles é esse de novo. É o mesmo das outras. Empresarial, é o lado comercial, é ganhar, se manter ali na elite até para poder receber mais. Então não acredito. Porque a visão da torcida ainda... A gente volta para a torcida. A visão da torcida ainda é aquela visão de que a gente tem que ter força, a gente tem que ser forte e a gente tem que mandar no pedaço. Essa visão, por mais que a gente tente mudar, por mais que a gente esteja tentando fazer algo diferente e já ter conseguido bons resultados... De todo tempo da Mancha, que eu costumo dizer que não foi em vão foram as pessoas que se formaram e foram as pessoas que começaram a lutar, que você sabe que, pelo menos, a vida de algumas pessoas você conseguiu mudar. Mas ainda falta muito para a gente conseguir fazer a torcida que eu acho ideal hoje.

J.F. – Eu queria fazer uma pergunta. Você tem falado muito da tua comunidade, da tua experiência de vida na favela, da Zona Leste. E, ao mesmo tempo, você tem essas tatuagens, “Palmeiras”, você é uma figura conhecida da Mancha. Fora desse momento do jogo, no cotidiano, você transita sem problema pelo fato de você ser identificado com a Mancha? Na Zona Leste...

J.S. – Eu ando. [risos] Eu ando porque eu sou teimoso, mas não é muito seguro. Mas eu ando. É lógico, evito algumas coisas, tipo jogo do Corinthians em Itaquera, às vezes eu vou para a casa da minha sogra e é perto do estádio. Então eu tenho que descer em... Eu já não vou no horário do jogo. Eu vou quando o jogo já está começando, vou antes do jogo terminar, no intervalo, que não tem um fluxo de pessoas muito grande. Ou eu vou de ônibus, que aí eu venho por cima, venho por fora. Então eu procuro evitar. Ou eu vou de carro. Apesar de andar muito de metrô, eu tenho carro, eu tenho moto, mas eu prefiro andar de metrô, que é mais rápido. As

academias, como eu dou aula, são do lado dos metrô e eu moro perto da estação de trem, então eu prefiro andar de metrô e trem. Porque é mais rápido e eu não preciso dirigir, então não corro o risco de bater, de fazer nada. Eu ando, mas não é uma coisa muito fácil. Dentro de eu moro, de onde eu convivo, não. Todo mundo sabe, todo mundo até reconhece. A minha maior dificuldade, na verdade, seria em relação à questão de emprego, dessas coisas. Então é muito difícil. Você cria uma imagem, um rótulo que, se eu dependesse hoje de arrumar um emprego em uma empresa, registrado, bonitinho, se a empresa quiser pela imagem, minha imagem não seria a mais indicada para ela. Mas como eu vivo de luta, dou aula, na academia não interfere. As tatuagens não interferem. Eu trabalhei na bolsa durante 10 anos. Eu fui operador de pregão da bolsa. Trabalhei 10 anos lá. Trabalhando lá eu comecei a fazer algumas tatuagens e tal, quando eu era moleque. Aí os caras começaram a criticar, falando um monte. Falei: “Ah, o corpo é meu. Eu trabalho de terno. A manga aqui não pega nada.” E fui fazendo, fui fazendo, fui fazendo e acabei com o corpo quase todo. E na luta não interfere, porque na luta é até meio que normal os caras serem tatuados e tal. E como eu já trabalhava na bolsa e treinava, lutava, foi uma coisa meio que natural. Saí da bolsa, já comecei a lutar e a dar aula. As pessoas vêm, reconhecem, às vezes você está andando em um lugar e os caras olham assim. Você fala: “Esse aí é adversário.” [risos] Já pega logo no ar. O cara olhou meio assustado, você fala: “Esse aí já não é da sua.” Porque se fosse da sua, o cara: “eai”. Se olha assustado, já falo: “Esse aí já é de outra.” Hoje mesmo, vindo para cá, estava no metrô e tal, aí entrou um menino com o agasalho da Camisa 12. Ele entrou e parou do meu lado. Quando ele parou do meu lado, ele fez assim, fez assim. [risos] Aí eu só olhei para ele. Estava lendo o jornal, só olhei para ele assim, continuei olhando o jornal. Ele desceu na estação. Sei nem se era estação que ele ia descer, mas ele desceu na próxima. Eu sou tranquilo para isso, cara. Por mais que eu tenha... Nossa... para a torcida vão falar que é hipocrisia, porque eu briguei demais em estádio, mas briguei muito mesmo. Mas nunca fui um cara de arrumar confusão. Eu ando. Tanto dia de jogo... Eu falo isso já. Dia de jogo eu estava na Barra Funda, Palmeiras e Corinthians, eu estava descendo, aí eu vi uma camisa dos Gaviões lá na Barra Funda. Eu descii na frente. Atrás vinham uns 50, 60 caras da Mancha. Eu falei: “Mano, desce aí, que os caras estão vindo agora. Os caras vão te bater. Se os caras te virem, os caras vão te bater.” “Ah, não, não sei o que.” Falei: “Então fica aí.” [risos] Aí eu nem sei se os caras bateram nele. Peguei e fui embora. Falei: “Então fica aí, os caras estão subindo.” Eu sempre tive essa visão. Olha, se não quiser me bater, eu não vou te bater porque você está com a camisa. E sempre passei isso para a torcida. Agora, se quiser me

bater também... Vai arrumar um lugar bom, porque nós vamos brigar até... Eu sou até de dizer para os caras, eu vivo disso, então porrada eu tomo todo dia. Se é cedo no metrô, ou se é à tarde na academia, para mim, tanto faz. Mas eu procuro sempre ficar... O problema é que por ser conhecido, você vira um alvo mais fácil. Até por ser conhecido, as pessoas conhecerem, aí o cara quer te bater mesmo. “Se eu bater nele todo mundo vai saber que eu bati nele.” Então é meio arriscado. Mas não é uma coisa que não me tira de casa. Eu saio. Se eu precisar sair, eu saio. Eu só evito esses momentos. Se eu tiver que passar perto do estádio e lá tiver jogo, eu procuro ir em horário de intervalo, eu procuro ir em um momento... E de preferência sem camisa de time nenhum para não correr nenhum risco. O mais complicado realmente seria em termos de trabalho. Acho que é o lugar que eu ia ter mais problema. Como hoje eu já não trabalho mais nesse termo de procurar empresa registrada... Eu trabalho mais em academia e tal. E na maioria das vezes em academia... Eu trabalho para mim, eu dou as aulas e recebo por aula, então é indiferente. Para mim é tranquilo nesse quesito.

B.G. – E aí quando que você resolve entrar para a luta? Você fazia parte da torcida, você era presidente?

J.S. – Eu sempre gostei muito de luta. É uma coisa impressionante, porque eu lembro de mim moleque, quando eu comecei a ir para estádio, 11, 12 anos também, eu ficava até mais tarde querendo ver as lutas do Mike Tayson. Eu amava boxe. Eu amo boxe até hoje, eu gosto muito de boxe. Eu amava boxe, eu queria lutar boxe com 12, 13 anos. Minha mãe que não deixou. Meu pai trabalhava no CMTC, também trabalhava no estádio. Meu pai, além de trabalhar em estádio... Ele trabalhava no estádio final de semana. Eu queria lutar no CMTC, porque lá tinha boxe e os maiores homens do boxe brasileiro saíam do CMTC. Eu queria lutar boxe, mas minha mãe não deixava. Minha mãe pegava e falava: “Ah, não criei filho para ficar tomando soco na cara.” E não deixava. E meu pai falava: “Não, sua mãe não deixa, não vou levar e tal, se não vou arrumar confusão.” “Não, pai, deixa eu ir, o senhor me leva. O senhor fala que eu vou trabalhar com você, me deixa lá.” “Não, você é louco. Vai chegar todo marcado, sua mãe vai te matar.” E aí foi passando. Como qualquer adolescente, comecei a brigar na rua, aí ficava brigando em baile. Aí minha mãe ficava atacada. Eu aproveitava. “Está vendo? Se deixasse eu lutar boxe, eu estava lutando no ringue”. [risos] Aí aos 18, 17 anos, eu fui trabalhar em uma corretora como office boy e passando no centro, ali na Avenida São João, tinha uma academia que estava a faixa lá. muay thai. Poxa, eu conhecia dos desenhos. Tinha os desenhos do muay thai. Van Damme tinha lançado Dragão Branco e tal, não sei o que, eu falei: “Nossa, essa é a

luta do Van Damme. Eu vou lá ver e tal.” [risos] Aí subi, conversei com o pessoal, vi um aluno que estava treinando lá, assisti. Eu falei: “Poxa, vou fazer.” E eu já tinha tentado com 17, 18 anos, tinha ido fazer capoeira. Tinha feito capoeira e tal, mas a capoeira é aquela coisa. Eu fiquei quase seis meses só gingando. Aí eu ficava nervoso. Falei: “Só vou aprender isso? não vou aprender a bater em ninguém?” [risos] Aí fiquei lá e tal, depois fui em uma outra academia de boxe também, não gostei muito porque o cara ficava me ensinando só a andar também. Passo para lá, passo para cá. Eu falei: “Não.” Aí entrei no muay thai, fui lá, tomei uma surra no primeiro dia de aula. Falei: “Meu Deus do céu.” Os caras me bateram muito. Falei: “Vou ficar aqui mesmo.” [risos] Falei: “É aqui que eu vou ficar. Vou aprender isso aqui.” Aí eu falei para o meu mestre até hoje, falei: “Meu, você se ferrou, porque agora eu vou ficar aqui até bater em vocês todos. Vocês me bateram muito.” Eu lembro que eu fui embora para casa, pegava o trem ali perto, na Estação da Luz. Eu levava no máximo uns sete minutos para chegar na estação. Levei uma meia hora nesse dia andando, com a perna toda arrastada.” Falei: “Nossa, eles estão ferrados comigo.” Aí vim treinando, estou há quase 20 anos treinando lá agora. Mas a luta nasceu assim, é uma coisa que eu sempre gostei. Fui treinando... É que paralelamente eu sempre fui para a torcida, então eu ia para a torcida. Tinha a torcida e a luta, a torcida e a luta e eu sempre fiz os dois. Sempre fui muito ativo nos dois. Eu treinava e depois eu ia para a torcida. Diariamente eu ia para a torcida. Eu ia para a Mancha todos os dias. Quando eu trabalhava no Centro, eu saía do trabalho, trabalhava até as cinco na bolsa, entrava na academia, saía da academia às sete, ia para a torcida e ficava na torcida até 11h da noite, 11h30min. Aí voltava para casa. No outro dia de manhã... Eu entrava no trabalho tarde, entrava nove horas, então descansava bem. Aí eu fazia isso todo dia, durante todos esses anos aí. Então sempre participei dos dois ativamente. Sempre lutei, sempre treinei, lutei e participei da torcida igual.

B.H. – A gente achou na revista Placar dos anos 2000 algumas reportagens que você conta da vez em que você se deparou com 30 torcedores saindo eu acho que da sede da Mancha. Trinta torcedores da Gaviões que você teve que correr e uma outra que você foi arremessado do trem. É isso? [riso]

J.S. – É. Eu caí do trem, na verdade. Eu não cheguei nem a brigar com os caras, porque a porta estava aberta. E aí naquele negócio de discussão ali, eu acabei caindo. Antigamente os trens andavam... Em São Paulo os trens andavam com as portas abertas. Então naquela sacudida do trem lá eu caí para fora. Mas nem cheguei a... A gente estava voltando do jogo, na verdade, Palmeiras e Ferroviária. A gente encontrou... O Corinthians, acho que jogava em algum lugar,

a gente encontrou. Aí como era o mesmo trem, deviam morar lá para o nosso bairro, então ficou aquela discussão. Aquela discussão, aquela discussão... “Você quem sabe.” A gente pega, depois ele pega, pega, não pega, não pega, não pega, mas só que aí nós estávamos perto da porta, quando balançou, eu acabei caindo. Não consegui segurar em nada e caí. Na verdade, em 1997 eu acho. Nós estávamos voltando de uma festa da Mancha, que era uma outra coisa de torcida. As brigas eram marcadas. A Mancha fazia... Porque não tinha muita data, então a Mancha fazia uma festa, a gente chamou de Festa do Havaí. E não tinha jeito. Todo ano a nossa festa do Havaí combinava com a festa do chopp dos Gaviões. Então era todo ano. Parece que era até de propósito, os caras faziam de propósito, não é possível. Todo ano era a mesma coisa. E aí as festas acabam 4h da manhã. Quatro horas da manhã porque aí todo mundo vai para o metrô e pega o primeiro metrô. Mas aí é todo mundo, é a gente e eles. Só que a gente entrava na Barra Funda e a torcida do Corinthians entrava na Sé. Aí todo ano na Sé era uma pancadaria que não acabava mais. A gente ficou, sei lá, décadas, não foram nem anos. Ficou décadas fazendo isso, porque é sempre a mesma... E aí, nesse ano, a gente não encontrou. Os moleques falaram: “Vamos com a gente até Itaquera, que a gente mora em Itaquera e tal.” Eu falei: “Vou até Itaquera? Eu desço no Brás, que eu pego o trem e vou para a minha casa. Eu não vou até Itaquera.” “Não, vamos lá, que os caras vão estar lá.” Aquelas coisas de moleque. “Ah, já que os caras vão estar lá, vamos lá.” [risos] Aí a gente foi lá, chegamos lá... Devia ter uns 20 caras e os Gaviões deviam ter uns 30. Pouca coisa a mais. Falei: “Dá, vamos brigar que dá.” Só que aí os moleques correram todos. Eu falei: “Não vou correr, não. Vou ficar aqui. Já vim até aqui.” Aí fiquei brigando com os caras e tal, me derrubaram, me dera um monte de porrada. Acabamos todos presos, ficando no hospital lá e tal.” Aí eu fiquei uns três dias, quatro dias internado, porque quebraram umas canecas na minha cabeça, aí deu uns coágulos, sei lá o que deu que o médico falou que eu tinha que ficar. E mesmo assim eu ficava falando para os caras. Porque eu levei dois pontos na cabeça e o cara tinha levado três. Falei: “Esse aí ainda conseguiu ser pior que eu.” [risos] Aí o policial: “Você é louco.” “Os caras estão em 30, eu estou sozinho e o cara levou mais ponto que eu.” Se eu chegar lá quebrado assim os caras batem em você ainda.” E aí comecei a... Não tinha mais o que fazer. Já tinha apanhado pra caramba. Ia fazer o que? Só dava para dar risada. Não tem mais o que fazer. Então são coisas que acontecem, que às vezes você não... Depois você vê, se você parar para analisar, você fala: “Nossa, podia ter morrido.” Mas, ao mesmo tempo, você fala: “Legal, é uma experiência de vida.” Então são contrastes de torcida que entra no que eu te falei. Você vive tão dentro que as coisas acabam sendo naturais.

Você acaba acostumando e falando: “Poxa, isso é normal.” Apesar de não ser normal você acaba entendendo como normal porque você vive aquilo diariamente. Então como você vive aquilo diariamente é uma coisa que acontece.

B.H. – Chegou a ter ameaça de morte, alguma coisa assim mais para além das brigas?

J.S. – Eu tive, eu tive bastante. Tive bastante, porque como eu disse, eu brigava bastante, então eu tive muitas. E eu era... Graças a Deus eu tive essas pessoas das ONGs, essas pessoas que... Minha mãe também, as pessoas que me ajudaram a mudar até meu comportamento. Porque eu tinha na cabeça que... Eu costumo dizer até hoje. Porque ninguém é mais homem que eu. Pode ser igual, mas mais não é. Então eu tinha na cabeça que eu não corria de ninguém, fazia nada com ninguém. Eu não mexia com ninguém, mas também não corria de ninguém. Então eu brigava muito. Onde eu encontrava nego que olhava feio para mim, nós saíamos na porrada. E bati em muita gente de liderança de outras torcidas e onde eu encontrava eu batia e tal. As pessoas vão falando. “Ah, vou te matar aqui, nós vamos te matar ali.” “Ah, está bom. Pega a senha aí que o seu número é dez mil quinhentos e pouco. Aí vai segurando a senha aí e depois você vê.” [risos] Vai chegar o seu dia. E a gente ia, tanto é que uma época eu acabei sendo preso andando armado e tal. Porque eu também andava armado. Porque vai que acontece de os caras me pegarem mesmo. Minha mulher: “Não é para você andar armado.” Eu falava: “Vou andar armado porque tem...acaba mais, então não sei se o cara vai matar mesmo ou não.” Depois desse dia eu parei. Falei: “Ah, se for matar, vai matar.” Por mais que eu andasse armado, eu sempre fui contra tirar a vida de alguém. Eu andava armado porque eu falava: “Se os caras vierem me matar, não vou morrer.” Mas depois falei: “Ah, se tiver que morrer, vou morrer.” Apesar de sempre gostar de brigar... Até eu entender que a briga não era uma coisa natural... Eu achava briga uma coisa legal. Porque nós trocamos porrada aqui, o cara vai embora para a casa dele, eu vou para a minha, legal. Fica machucado, daqui uma semana sai. Até você entender, até eu conseguir entender toda a funcionalidade dessa situação, entender todos os pros e contras, demorou um bom tempo. Porque o que acontece? Eu vim da periferia, a gente tem uma educação bem... Meu pai só sabe ler e escrever mesmo, minha mãe é analfabeta. Então você vê, eu vim de uma estrutura familiar... Apesar que meu pai e minha mãe sempre tentaram me incentivar a estudar, o que acontece com o jovem? Qual que é o grande problema? E aí eu tentei fazer a faculdade para dar um conselho para os meus filhos. Eu olhava para minha mãe e para o meu pai. “Ah, minha mãe quer que eu estude, mas ela não sabe nem ler nem escrever.” Não falava para ela, mas no meu consciente eu falava: “Ah, minha mãe sabe nem ler nem

escrever, eu vou estudar? Vai mandar eu estudar?” E essa questão de passado, essa passagem continuada aí que você tem hoje, que é uma das coisas que brigo pra caramba também. Parece que eu só brigo em torcida, mas eu brigo em política também. [risos] Brigo para caramba com os políticos aí. Tem uns aí que não gostam nem de me ver mais perto porque os caras já saem correndo... continuada que faz. Ele fomenta você a não se interessar em conhecer nada. Você não se interessa em conhecer nada. “Vou passar mesmo final do ano.” Meu pai só enche o saco se eu não passar e eu vou passar.” Então as informações, eu não ia tendo. E aí o que eu convivia? Periferia. Convivia com o tráfico, com as brigas, com os tiros, com a polícia invadindo, matando todo mundo. Você convivia com isso a vida inteira. Brigar para você era normal. “Os caras lá matam, aqui eu só estou dando umas porradas. Pega nada, está suave, tranquilo.” Com o tempo, quando eu entrei na bolsa de valores, entrei em uma ONG, na verdade. Ela que me encaminhou para essa corretora, para entrar na bolsa. Ali, nessa ONG, eu comecei a despertar esse interesse em estudar. Então voltei a estudar. Aí comecei a estudar, fui para a faculdade. Aí comecei a ganhar um entendimento mais amplo da coisa. Falei: “Isso não é certo. Isso aqui pode acabar com a vida de alguém.” Mas até aí... Aí já tinha feito muita coisa. Tinha brigado demais. Até eu entender toda essa situação levou um tempo muito grande. Mas ameaça de morte de torcida... Eu devo ter ficado uns 10, 15 anos. Nego falava: “Vou te matar, vou te matar.” E eu só dando cartãozinho. “Pega sua senha aí, vai segurando. Depois você pega. Depois você tenta aí. Eu era muito folgado. Eu me vejo antes e me vejo hoje, eu era muito, mas muito folgado. Hoje os caras desacreditam. “Mas não é possível que você...” Mas eu era muito folgado. Folgado demais, cara. E era com todo mundo. “Você não respeita ninguém.” Eu falei: “Ninguém me respeita.” E depois eu vi que ele estava certo, que era verdade mesmo. Eu não respeitava ninguém mesmo. Então era algo complicado, mas foi algo que a gente conseguiu superar.

B.H. – E esse outro lado, para além das rixas, quando você chegou na Mancha já tinham as alianças, as amizades com a Força, com a Galoucura. Quando você foi presidente isso continuou? Você teve alguma aliança nova que você fez? Você reforçou as que já tinham? Como é que é?

J.S. – Na verdade, eu só desfiz.

B.H. – Só desfiz? [riso]

J.S. – Na verdade, eu só desfiz. Poxa. Até por essa questão, que eu sempre fui muito folgado. Tinha coisa que acontecia que eu não aceitava. Eu metia a porrada nos caras e aí acabou. Nossa

amizade com a torcida do Náutico acabou, nossa amizade com a torcida do Coritiba acabou. Tivemos uma briga com a torcida do Vasco. Por mais que a gente tenha uma amizade muito forte, fui eu que briguei com os caras. Mas aí até esse ponto eu vou me defender, porque nesse ponto aí quando a Força estava brigando entre eles lá, aí chegou um grupo da Força lá na sede e a gente acolheu. Aí chegou um outro depois e quis bater em nós porque nós tínhamos acolhido os caras. Falei: “Espera lá, não é? O problema é de vocês, não é nosso.” A gente tinha amizade com a Força, indiferente de visão. É com a instituição, não é com A ou com B. Depois conseguimos reverter, conseguimos manter. Mas a maioria eu acabei. Mais desfiz do que fiz. [risos]

B.H. – Galoucura continuou?

J.S. - A Galoucura foi a única que a gente conseguiu aproximar mais, até porque os meninos lá lutam também. Então eu ia lá treinar com eles, eles vinham para cá treinar. Eu fiz um evento de luta aqui, eu trouxe um dos meninos deles para lutar. Então aproximou mais por causa dessa afinidade fora, que é da luta, questão de lutar e tal, de treinar. E aí a gente conseguiu aproximar bastante. Uma torcida que já era próxima, com essa questão a gente conseguiu aproximar bastante. Então foi a única coisa. Tenho mérito em uma, pelo menos, pelo menos. Não foram todas. De todas, não foi tão ruim assim. Uma a gente aproximou, mas a maioria a gente desfez.

B.H. – Grêmio, Avaí.

J.S. – Grêmio a gente desfez com a metade. A outra metade a gente conseguiu manter, mas uma outra metade lá, que foi da Geral do Grêmio, a gente também deu umas porradas e os caras sumiram. A do Avaí a gente continua tranquilo do mesmo jeito. Mantemos uma aliança mais forte também com o pessoal da Inferno Coral, do Santa Cruz. Até por causa do Luizinho, que era meu vice-presidente, que tinha uma afinidade muito boa com o pessoal, conhecia o pessoal há bastante tempo e tinha uma amizade muito boa. Hoje tem uma molecada nova que também está com a torcida do Bahia lá. Uma aliança muito forte, que a molecada gosta. Fizeram até uma torcida que... Fizeram uma unidade aqui em São Paulo junto com o pessoal da Força Jovem também do São Paulo, que tem uma aqui em São Paulo, que é a 23ª Família.

B.H. – Goiás, Força Jovem?

J.S. – Goiás também nós conseguimos fazer uma aliança boa com o pessoal. Até pela identidade que a gente teve com o pessoal do Goiás. Aí já vai do quesito mais de violência. Eles gostam de uma briga, que é uma brincadeira também que eles brincam. Acabou se identificando com a gente... Acabou aproximando também. Foi bacana o pessoal do Goiás. Com o restante a gente

mantém o mesmo. Tirando o Coritiba e o Náutico, que a gente virou até... Aliás, uma das brigas que a gente teve com a TUP foi justamente por causa da torcida do Coritiba, que eles estavam na TUP, aí bateram neles lá, bateram na TUP também, aí aconteceu uma confusão.

B.H. – A TJB continua?

J.S. – É que a TJB, ela acabou praticamente, não é? O grande problema da TJB é uma coisa interessante. Quando a gente estava no negócio da TOG lá, que é do Rio.

B.H. – [Vetorge]⁵.

J.S. – [Vetorge]⁶. Eu fui lá conversar com o pessoal e estava uma briga danada com o pessoal da Fúria. Eu tinha brigado com todo mundo. Aí eu falei com o Frajola, com o pessoal lá, fui lá, pessoal do Flamengo, da Raça do Flamengo, da Jovem. Eles também me amam, não é? Eu já aprontei algumas para eles.

B.H. – É só você dizer seu pai é flamenguista. [riso]

J.S. – Meu pai é flamenguista. Tem essa. Meu pai é flamenguista. Já é uma vantagem. E a gente conversando lá, eu falei para ele. Até questionei para ele. Falei: “Mas como é que [vocês podem]⁷? Porque a Fúria, ela é quase toda a diretoria da TJB. E a TJB, ela tinha uma guerra com a Gaviões que... Queimou ônibus da TJB aqui, queimou ônibus da torcida do Corinthians lá. E se bateram aqui, se bateram lá, deram tiro aqui, deram tiro lá. Foi uma coisa. E depois os caras fundam a Fúria e viram amigos. Briga com a gente, que sempre andou com a gente, e vira amigo dos Gaviões. Falei: “Não entendo. Se fosse uma molecada nova, eu até compreendia. Não viveu as guerras que vocês viveram.” Apesar de eu não aceitar. Os caras vêm tocar uma historia dessa. Como é que pode? Porque as brigas da Mancha com a TJB, eu estava dando soco na cara de cara que eu conhecia há 20 anos. Porque o cara mudou de torcida e mudou de ideologia. Eu falei: “Vocês estão loucos.” E depois, sentando para conversar, a gente conversava e os caras falaram: “Não, não é e tal.” Eu falei: “Você vai me explicar um monte de coisa, eu não vou entender.” Tudo bem, eu saio da Mancha hoje, mas poxa, eu não vou gostar da torcida do Flamengo. Não tem como. Nós vivemos em guerra. Não dá para eu gostar da torcida do Flamengo. Não gosto do time do Flamengo. Simples. Não gosto do time Flamengo. Eu gosto do meu pai, mas não gosto do time que ele torce. [risos] Eu não gosto do Flamengo, então não dá. Falei: “Não entendo, velho.” Amor de futebol não é coisa que você

⁵ O mais próximo do que foi possível ouvir.

⁶ O mais próximo do que foi possível ouvir.

⁷ O mais próximo do que foi possível ouvir.

troca assim como se fosse uma roupa. Eu não gostei dessa camisa, tiro e trocou. Por mais que seja uma camisa, mas não dá. É questão de... A gente está falando de cores, de ideologia, identificação. Você não se identifica com tudo, você se identifica com algumas coisas. Não dá para mudar. Time você não muda. Torcida, até torcida não muda. Ultimamente nas lutas também eu falo para os caras. Os caras falam: “Não, agora são aqueles atletas que treinam em todo lugar.” Eu falei: “Eu sou antigo ainda. Eu sou de torcida que é uma torcida só, time é um time só, equipe é uma equipe só. É aqui e...” Então eu ainda vivo isso aí. Porque a gente passa por momentos ruins em toda... É como se fosse um casamento. Vai dizer que você vai viver em lua de mel 30 anos, não vai, impossível. Você vai ter uns percalços aí, você vai ter uns problemas, você vai ter as situações que você vai ter que passar, mas não dá para trocar de esposa. Apesar que hoje estão fazendo, mas não dá para trocar de esposa toda hora. [risos] Porque o problema vai ser o mesmo daqui a pouco. Não tem muita diferença. O problema que está hoje vai acontecer daqui a cinco anos...então não dá. Só vai adiando o problema. É melhor passar por isso uma vez só, que aí você já passa com ela e não faz mais esse. Pode ter outro, mas aquele já não tem mais. Então é mais fácil.

J.F. – A Arena, você foi na estreia contra o Sport? Qual é a sua visão dessa...

J.S. – Poxa, eu ainda não fui, na verdade. Eu ainda não fui. Não fui nem contra o Sport nem fui no último jogo contra o Atlético Paranaense. O primeiro da Arena é porque eu não queria ir mesmo na estreia. Estava muita bajulação para o estádio. Eu torço para o Palmeiras, eu não torço para o estádio. E aí depois o preço do ingresso. Eu achei um absurdo. Falei: “Meu, muito caro e tal.” Apesar que está um preço popular, que é R\$ 60, mas é muito difícil você conseguir ir também e tal. Apesar que era mais fácil, eu ligo para a torcida lá, os caras conseguem pegar para mim. Mas aí eu volto na questão do... Eu sou um cara ideológico demais. Às vezes eu me corrompo disso. Então quando eu acho que está errado, eu não participo. Se eu não conseguir mudar, eu não participo. Então eu achava que era muita bajulação para um estádio e outra: como sócio do clube eu conheci a Arena. Eu fui lá, entrei lá e vi. O jogo eu assisti pela televisão. A Arena eu fui lá e vi. “Ah, ver a Arena.” Não, eu fui lá e vi. Entrei, fiquei andando lá. Vi, conheci. Se o problema era conhecer, eu conheci. [riso] Só não vi o jogo de estreia, mas conheci o estádio. Aí eu estava meio bravo também com o Palmeiras, falei: Palmeiras vai cair mesmo, ano que vem a gente vai jogar a série B, então como a gente vai jogar a série B o ingresso vai ser R\$ 10. Vão me pagar para eu entrar lá dentro. Então firmeza, eu vou ano que vem.” Até porque eu quero levar meu filho também no dia do jogo. Eu queria um jogo mais tranquilo.

Nesse jogo contra o Atlético Paranaense eu fiquei meio preocupado do Palmeiras cair e tal. Eu não queria que o Palmeiras caísse e o meu filho estivesse dentro do estádio. Porque eu estava nas duas vezes dentro do estádio e eu falei: “Não, terceira vez é demais.” Nem o jogo eu assisti. Quando o Atlético Paranaense fez um a zero, eu saí para a rua e só voltei duas horas depois. Não sabia nem o que estava acontecendo. Só perguntei antes de entrar em casa. “Palmeiras ganhou?” “Não, empatou, mas se classificou.” “Caiu?” [risos] “Agora vou entrar, vou jantar, agora vou ficar em casa. Agora já dá mais tranquilidade.” Porque é difícil. Você ver o time cair assim. Já caímos duas vezes, então... Foram dois jogos muito difíceis para eu poder ir. Eu não queria levar meu filho no jogo e ele ver o Palmeiras cair. Eu não queria que ele passasse por essa sensação que eu já tinha passado. Então eu não quis levar. Eu falei: “Não, deixa outro jogo aí. Ano que vem, o primeiro jogo que tiver na Arena, a gente vai.” E aí eu tenho que levar ele no primeiro jogo que tiver. Porque ele já conheceu também o estádio lá, como a gente é sócio a gente entrou, mas ele quer ir ao jogo, quer ver um jogo e tal. É importante também. Eu quero também cultivar isso nos meus filhos. Apesar de a gente estar indo menos, mas meu filho é um dos moleques privilegiados, porque eu já levei ele para tudo quanto é canto. Já foi para o Ceará, já foi para Recife. Já viajou comigo bastante para jogo. Já foi para o Rio. Dessa vez que eu fui para Minas mesmo ele foi comigo.

B.H. – Mas com a torcida?

J.S. – Com a torcida. Foi no ônibus com a torcida comigo. Mas aí eu fui contra o Atlético, que é um jogo mais tranquilo. Contra o Cruzeiro não dá, não. E depois quando eu fui para um jogo no Rio, mas aí eu fui de carro. Levei ele de carro. Eu falei: “De ônibus não, porque qualquer jogo no Rio é perigoso.

B.H. – Mas ele te pergunta da Mancha? Ele tem curiosidade?

J.S. – Não, ele gosta, ele gosta bastante. Porque ele já tem 12 anos, então eu levo ele desde... O primeiro jogo dele, que eu levei ele, era Palmeiras e São Paulo, ele tinha dois anos, no Morumbi. Aí minha mãe quase me mata, não é? Porque minha mulher é outra louca, ela foi comigo. Aí a gente foi, mas a minha mãe quase me mata. A minha mãe: “Você é doido, o menino tem 12 anos.” Mas foi tranqüilo, eu fui de carro nesse dia também. De carro, parei na frente do estádio. Não tem problema. O problema maior é se eu for de metrô, mas de carro paro no estacionamento, é tranquilo. Tranquilo não, porque se os caras me conhecessem no meio do caminho, aí tava...Mas aí o insulfilm carro era bom, não dava para ver nada.

B.G. – E ele tem vontade de entrar para a Mancha?

J.S. – Ele tem bastante, sim. Na verdade, da Mancha ele é. Ele é sócio. Eu não deixo muito ele participar, estar envolvido como eu fiquei. Aí você fala: “Poxa, mas você não acha legal torcida?” Acho legal torcida, mas eu não acho legal, de repente, as pessoas que ele pode se envolver. Como eu te disse aqui, tem uma porcentagem da torcida ainda que é difícil de lidar. Você deixar um moleque lá de 12, 13 anos na mão deles é difícil. Ele vai comigo, quando eu vou, ele vai. Quando eu vou, ele vai. Aí deu deixo ele lá. Ele fica. No último jogo que eu fui do Palmeiras foi no Pacaembu. Um jogo antes de a gente jogar na estreia do Aliança Parque. Aí ele foi comigo. Estava de carro. Estávamos eu, minha esposa e minha outra filha, que tem dois anos, agora tem dois anos. Eu falei: “Não, eu vou de carro. Não vou andando daqui até o Pacaembu, porque eu estou com a pequena. Ela não vai conseguir andar.” “Não, eu vou andando com as caras.” Falei: “Não, tudo bem.” Então eu fui de carro e ele foi andando com a torcida. No meio da torcida lá. Aí cheguei lá no estádio, fiquei lá embaixo e ele na torcida também, cantando lá, pulando. Mas aí você está ali, então não tem como ele sair daquele contexto. E quando ele estava andando com os caras, eu falei: “Olha, cuida do meu filho aí. Não vai deixar ele fazer merda não, hein.” Os caras: “Não, pode deixar.” Na época ele foi. Então eu gosto e não vou proibir meu filho de participar de torcida, porque eu acho legal você torcer, você cantar, você vibrar. É o momento de diversão, ainda mais para uma criança dessa idade. É um divertimento. Tocar, cantar, pular. Nossa, ele sai molhado, suado, felizão. Então é um momento legal para ele. O problema é você deixar à mercê. De repente, esses caras: “Ah, vamos arrumar confusão ali.” Aí saem 10 caras e levam ele junto. Aí não dá. Ainda mais uma criança com o pai que tem, com histórico, aí ouve os caras falarem. Porque de vez em quando ele vem me perguntar. Aí a cara já vai lá embaixo. “Pai, aquele dia que você fez isso, você fez mesmo?” Agora pegou. [risos] “Então, eu fiz, mas não faz, não. Aquilo não é certo, não. O pai era meio...” [risos] A gente tenta consertar. Ele pergunta também. Aquela questão que eu fui preso em 2004. “Você foi preso em 2004?” “Então, mas não era eu e tal.” Tentei explicar. O que acabou sendo verdade, eu estava longe, mas eu era o presidente na época, então sobrou para mim. “É você mesmo.” Porque, na verdade, não se achou quem foi o culpado. “Pega o presidente aí para a gente calar.” Falei: “Estava a mais de dois quilômetros do lugar. Você é louco.” E quem ligou para a polícia fui eu. Vou ligar para a polícia e vou para lá? Porque, na época, quem ligou para a polícia fui eu. Liguei para o major e falei: “Mano, está acontecendo uma briga assim em tal lugar, assim, assim. Manda a polícia lá que vai morrer gente. É muita gente brigando.” Eram mil caras de cada lado. Eram duas mil pessoas brigando. Eu falei: “Vai

morrer gente.” Não mandou ninguém, o cara morreu, a culpa é minha? Só faltava. A culpa é do Estado, porque a polícia foi avisada. Se a polícia não fez nada... Mas aí o lado mais fraco é a torcida. Para o meu azar, que me aconteceu para os caras acabarem me prendendo, foi o que? Quem morreu nesse dia foi um vizinho meu. O moleque era meu vizinho. E no sábado, antes do jogo, ele estava na minha casa. Eu tinha mudado, tinha casado, tinha mudado de casa e ele estava em casa. E aí eu fiz um churrasco lá para os moleques, que eles me ajudaram e tal a mudar o dia inteiro, ficamos o sábado inteiro mudando. E a gente estava em casa conversando e tal. E o meu irmão, que andava com eles, também estava. Meu irmão é corinthiano, o mais novo. Eles estavam todos lá. Aí eles falaram: “É, não vai para o jogo amanhã você vai ver.” Eu falei: “Vocês vão para o jogo. Não fica caindo na onda desses caras de ficar querendo arrumar confusão não para não dar problema para vocês.” “Não, não, a gente vai só para o jogo direto.” Eu falei: “Não vai arrumar confusão.” “Está bom, está bom.” E foram embora. Aí teve a briga, beleza. E como ele não morava lá, teve a briga... Eu cheguei em casa, aí os moleques da rua ainda falaram: “O Gabriel apanhou lá no jogo.” “Apanhou?” “É, ele apanhou.” “Mas aonde?” “Não, ele estava lá naquela briga da Barra Funda.” “Não acredito.” Aí falei: “Mas e aí?” “Não, ele está bem, está em casa. Está tranquilo. Só está com o olho inchado, mas está bem.” Aí eu falei: “Beleza. Amanhã de manhã eu vou lá na casa dele. Amanhã vou falar com ele.” Aí encontrei o outro menino que mora perto da minha casa na rua. Falei: “Vocês são fogo. Falei para vocês não ficarem arrumando confusão e tal.” “Não, nós fomos lá os caras falaram que era só para a gente passar e tal.” Passou. Aí no outro dia de manhã, quando eu levanto para ir para a casa do menino... Que eu ia trabalhar, falei: “Já passo na casa do Gabriel, vejo como é que ele está e vou embora trabalhar.” Quando eu saí para a rua, eu encontrei meu irmão, que eu moro perto da casa da minha mãe. Aí encontrei meu irmão, aí meu irmão falou: “Mano, o Gabriel foi para o hospital, ele morreu no hospital.” “Morreu no hospital?” Já começou um... Aí o delegado falou que eu que mandei, porque eu conhecia o moleque. Aí se apegou nisso. Eu mandei porque eu conhecia o moleque. Eu falei: “Eu conhecia, mas se todo corinthiano que morrer... Eu estou ferrado. Me deixa preso já. Onde eu moro só tem corinthiano.” Dois, três, palmeirenses, dois, três são paulinos, um santista e o resto é corinthiano. Os caras vão morrer, não tem jeito. Todo mundo vai morrer. Só que, lógico, o moleque morreu em uma situação adversa, Palmeiras e Corinthians e tal. E é meu amigo. Eu falei: “Vocês mesmos estão imputando a intolerância. Quer dizer que só porque o cara é corinthiano e é meu vizinho, não pode ser meu amigo?” Falei: “Frequenta minha casa, ele anda na minha casa, vai na casa da

minha mãe, minha mãe trata ele como um filho, porque ele anda com meu irmão mais novo para cima e para baixo. Ele dorme na casa da minha mãe.” É a mesma coisa que eu falar: “Mata meu irmão então.” Os dois andam junto.

B.H. – Aí você ficou um tempo?

J.S. – Fiquei seis meses. Até conseguir. Porque aí, apesar de a lei dizer diferente, mas aí você que tem que provar que você é inocente, não é o Estado que tem que provar que você é culpado. E aí nesses seis meses eu estava longe, ligação que eu tinha ligado de dois quilômetros longe para o coronel. Então consegui provar que eu não estava nem perto. Eu nem sabia que ele estava lá. Eles tinham falado para mim que eles iam para o jogo direto. E a gente conversou assim. Perguntei, “Não, a gente vai para o jogo direto.” Beleza. Tranquilo. Então não foi algo programado. Depois até conversando com os moleques eles falaram: “A gente ia para o jogo. Aí os caras: ‘Não, vamos por aqui que é mais perto.’” E eles desceram e encontraram a torcida do Palmeiras. A gente vai fazer o que? A culpa é minha? Até a parte que os caras encontraram a torcida do Palmeiras fui eu que adivinhei? Não dá, não é? Eu tive o azar que a gente perdeu duas vezes. Eu perdi minha liberdade e um amigo. Eu perdi duas vezes. O moleque andava comigo, andava na minha casa. Era um amigo mesmo. Mais amigo do meu irmão, porque ele tinha a mesma idade do meu irmão. Na época ele tinha 16 anos, tinha a mesma idade do meu irmão, ele andavam juntos, estudavam juntos, andavam juntos para cima e para baixo. Torciam para o mesmo time e tal, então estavam sempre juntos ali. É algo difícil de explicar para o filho depois disso. E não tem como fugir, eu tenho que falar para ele. “Aconteceu isso, aconteceu aquilo e tal.” Até para não ficar... Porque o problema de tudo isso é que fazem uma grande história em cima. Não foi brigando, porque eu não estava brigando. Foi porque a polícia precisava prender alguém. Simples assim. Um dia, na audiência eu falei para a juíza. “Sabe o que é impressionante?” Ela ficou brava comigo, ela mandou me retirar. Ela falou: “O que é?” Eu falei: “Porque eu já briguei tanto, já fiz tanta merda e nunca ninguém me levou nem para a delegacia, e pelo o que eu não fiz, vocês me prendem.” [risos] Já fiz tanta coisa errada que dava mais tempo de cadeia do que isso aí. E agora aqui, uma coisa que eu estava distante, que eu tentei evitar, porque eu avisei para o coronel, eu liguei para ele. Quando os caras se encontraram, não tinham nem começado a brigar ainda, o moleque me ligou e falou: “Jânio, os caras estão aqui. Estão três, quatro vezes maiores que nós. Os caras vão vir para cima da gente.” Aí eu liguei para o coronel. Falei: “Entra lá antes que a briga aconteça.” “Ah, não posso fazer nada.” Se o coronel não pode fazer nada, imagine eu. E era até o Marinho... “Ah, não posso

fazer nada. É impossível.” “Coronel, se o senhor não pode fazer nada, eu que não vou lá.” Imagina se eu apareço na imagem indo para lá. Como é que eu ia explicar que eu fui lá para tirar? “Não, fui tirar.” “Ah, você foi tirar?” Graças a Deus ainda eu estava longe e não dava para eu chegar lá. Eu liguei, eu falei: “Tenta resolver aí.”

[FINAL DO ARQUIVO III]

J.S. – Troféu. Aí você fala: “Poxa, vira troféu.” Vai explicar a mente do ser humano. Vira troféu. Então o cara, ele era ninguém, um excluído, ele era um cara marginalizado. Agora, pelo menos dentro desse grupo, ele é o cara que fez isso, entendeu? Ele é o cara que...

B.G – Ele é reconhecido.

J.S – Ele tem um reconhecimento. Então esse reconhecimento, para quem sempre foi excluído, é um prato cheio para o cara não parar mais. A não ser que o cara seja instruído, que ele seja um cara.. Você fala: “Não é assim. Isso aqui vai acabar prejudicando a sua vida.”. Então esse segmento, essa linha, que eu acho hoje que a torcida deve ter. Eu costumo dizer para os caras... Os caras falam: “Você vai falar isso agora?” Eu falei: “Não estou aqui para proibir vocês de brigarem com ninguém. Quem sou eu? Eu vivi brigando, amei brigar com todo mundo, mas só que, velho, nós dizemos que somos seres humanos, não é?” Aí os caras: “É.” Então, o ser humano evolui, ele nunca fica parado no tempo, ele evolui. Nós temos que evoluir junto com a sociedade. A sociedade evoluiu, velho. A sociedade evoluiu. Se você pegar o último processo que eu tenho... Na verdade, foi da última briga que eu tive, mas o último processo que me deram foi acho que em 2010, 2011, no Canindé, porque eu tinha uma desavença já com o tenente, com o sargento lá. Aí teve uma briga lá no Canindé entre palmeirenses. Os caras discutindo porque um estava xingando o Felipão e o outro queria que o Felipão ficasse quieto, aí um mandava o outro calar a boca. E eu estou lá, vocês estão aqui e eu estou aqui sentado no meio, estou lá sentado. Aí os caras foram para cima um do outro, quase caíram em mim, eu levantei. Quando eu levantei o sargento me prendeu. “Você está brigando!” Eu falei: “Você está louco? Os caras já brigaram duas vezes aqui e você vem me prender?” “Você é perigoso, você está brigando, você está brigando!” Eu falei: “Está bom, prende aí.”. Tanto é que eu sou proibido até hoje, por causa disso. Aí prenderam os outros caras que estavam brigando. Aí os dois que estavam brigando ele falou: “Ele não tem nada a ver, ele não estava no meio.” Mas mesmo assim a Federação me proíbe até hoje de entrar no estádio. Eu não sei por que, mas me proíbe. Eu não fui processado, não fui nada, porque não estava no meio. Eu falei para o

delegado: “Só vim até aqui porque o sargento deve ter uns probleminhas.” Eu falei: “Eu podia ser processado por ter batido no sargento. Eu já havia batido nele mesmo. Então nele tudo bem, mas quando eu bati nele ninguém me prendeu, agora vocês vão me prender?”. [risos] Aí está outra questão: o que eu fiz ninguém fez eu pagar, o que eu não fiz os caras querem que eu pague, então...É essa questão de impunidade ainda bastante. Mas a questão dos torcedores, a diferença da torcida está aí. Você tem um moleque de periferia que quer um reconhecimento através da violência e você tem o cara, o playboy, que ele usa a violência como divertimento. Então você tem que saber conter esses dois lados e não é difícil, porque se um moleque ao invés de ser reconhecido, ele tomar uma cana boa, se ele tomar um prejuízo bom, ele não vai querer luta. “Só me ferrei nessa aqui, deixa quieto, vou parar.” Agora se ele fica e não acontece nada, ele não vai preso... Ele vai continuando, porque ali ele começou a ser conhecido, ele é alguém. Ele é alguém. Eu costumo dizer que a torcida... Assim, ser presidente da Mancha caiu no meu colo, não é? Porque eu nunca quis. Nunca quis ser presidente, sempre falava para os caras: “Eu não quero que ninguém me conheça, porque assim eu posso brigar com todo mundo e eu não vou preso nunca.” Aí os caras: “Você é louco!” Eu falei: “Lógico!” Porque na época não tinha esse negócio de internet, então para conhecer era muito difícil, para saber quem era quem. Eu não ia em reunião, eu não fazia nada, eu só brigava com os caras. Então eu falei: “Não, não quero ser nada porque aí ninguém nunca vai me conhecer, não é? Eu vou ver tipo um fantasma. Você vai lá, briga, vai embora para casa e acabou.” Mas aí acabei sendo presidente e acabou que foi bom para mim, porque eu acabei mudando a visão, encontrei essas pessoas que me ajudaram, entrei na ONG, então as coisas acabaram fluindo de um jeito que me ajudou. E aí eu entendo até porque eu consegui chegar na torcida. Até para mudar essa visão, até para mudar esse caminhar das torcidas que a gente tem hoje para esse lado mais social, ao invés de a gente ficar sempre visando só a briga, só a confusão, só o lado de quem é mais forte. A gente começar a priorizar quem é mais inteligente, a gente começar a utilizar... É uma crítica que eu faço muito grande à Federação e à Polícia. Eu falo: “A gente poderia fazer esses caras começarem a digladiar na questão histórica dos confrontos, lembrando jogos históricos. Então quando a gente foi falar... Uma vez a gente fez uma faixa e um mosaico, as coisas todas voltadas para 1942, Palmeiras e São Paulo, e a polícia barrou. “Ah, isso não, isso é violento”. Eu falei: “Violento? Você falar de uma história de dois clubes é violento? Violento é você deixar os caras sem fazer nada e os caras se matarem. Ou o cara entrar com uma faixa escondido, como entrou lá com ‘Chora, porco, ‘Inajá’, porque os moleques morreram lá.” Você

falar de confrontos dos dois clubes, de jogos históricos, de títulos conquistados um em cima do outro, isso é você fomentar o que? Um conhecimento mais profundo. “O cara falou de um jogo que, de repente, eu nem conheço.” “Poxa, e aí? Nem conheço a história do clube, nem conheço as histórias dos confrontos”. Então você vai fazer o cara... Queira ou não queira, por mais que entre dentro do futebol, é leitura. Você faz o cara pensar, você faz o cara ler, você faz o cara... Então são coisas básicas que a gente acaba deixando passar e você não consegue entender por que. Hoje, se você for em uma torcida, a probabilidade de você encontrar um cara que não sabe nem o hino do clube é mundo grande. É muito grande. Porque o cara não tem por que saber. O cara vai para o jogo só para ver o jogo do time e para brigar com os outros. Para que ele quer saber a história do Palmeiras, que o São Paulo tentou tomar o estádio, que o Palmeiras em 1942 entrou, o cara não quer saber. Para ele não interessa. Ele vai usar isso para que? A não ser que o cara goste muito do clube, de futebol, de ler, de se interessar pelas coisas. O moleque que vem da periferia, nessa progressão continuada, ele... Ler? Ele vai ler justo isso? Não vai ler. Então são coisas que a gente precisa rever no futebol, mas que daria certo se a gente conseguisse mudar a mente, mudar um pouquinho e visualizar a torcida, assim como o futebol, como um patrimônio. A manifestação cultural que a torcida tem, ela tem que ser reconhecida como patrimônio, não adianta. Como toda coisa tem seu lado ruim. Se você falar que o samba já matou muita gente, é verdade, houve muita rivalidade no samba, mas quando ele começou a ser uma coisa que virou uma cultura, que virou um lazer, mudou a cabeça dos caras também. Então se aconteceu isso no samba, que era bem pior que torcida em 1930, em 1950, por que não pode acontecer com a torcida? Dá para acontecer, a gente precisa querer. E da parte das torcidas tenho certeza que tem. Pode ter uma ou outra ala que não seja favorável, mas a grande maioria é favorável, porque a grande maioria quer ver, principalmente esses moleques que estão indo para o estádio hoje, eles não viram torcida na arquibancada. Festa, torcida, torcida na arquibancada. Eles viram o que a gente faz hoje, que é nem 1% do que a gente fazia de festa. Comparado às festas que a gente fazia até o final da década, até a metade da década 1990, não era nada, a gente está brincando de ser torcida. E isso acaba fazendo com que os caras desistam, desestimula eles a tentar fazer algo mais bacana.

B.H. – Jânio, quando a gente interrompeu o terceiro bloco, você estava falando dessa passagem, desse momento...

J.S. – Eu contratei um advogado, que na verdade... Nessa época eu era o presidente da torcida, mas a parte financeira, quem cuidava era o Serdan. Eu não mexia na parte financeira do clube.

Eu era presidente só das partes de arquibancada, para viajar e tal. Como o Serdan não viajava mais, eu... Aí quando eu fui preso, o Serdan arrumou um advogado amigo dele, só que, na verdade, o advogado, ele era tributarista, ele não manjava muito dos negócios e tal. Aí eu arrumei um outro advogado, coloquei um outro advogado e tal, e esse advogado, quando eu saí, ele começou a trabalhar. Um amigo meu que deu a entrada na metade do valor que ele tinha pedido para me defender e eu paguei o restante depois, quando eu saí. Tanto é que quando eu saí, eu saí já assumindo a torcida e fazendo essa reformulação de ninguém ficar muito tempo, porque na época o Serdan já estava na torcida desde 1992, a gente estava já em 2004. Aí eu troquei, falei: “Não, vocês se acham dono e tal.” Então tornou essa polêmica e aí tirei. Mas a torcida acabou sendo quem pagou. Eu paguei uma parte, depois e tal, então acabou pagando até. Porque tinha que ser, não é? Podia ser diferente, eu até ia pagar, mas é um absurdo eu pagar sendo que eu fui preso defendendo a instituição. Se eu fosse preso pelo menos brigando, a instituição tinha todo o direito de me tirar, porque isso manchava a instituição, tudo bem. Mas eu não estava lá, uma coisa que, no mínimo, a instituição me deve é me defender, e acabou acontecendo. Então a instituição pagou o advogado, um bom advogado aliás, muito bom. Mas o primeiro a gente teve um problema porque ele era tributarista. Até fez na amizade, porque era amigo, conhecido e tal. E na cabeça dele (e na de todo mundo, não era só na dele; aí eu não culpo ele, porque não era só na dele), na de todo mundo, como eu não estava, eu tinha como provar que não estava, não ia dar nada. Não ia dar nem a preventiva, os seis meses que eu acabei ficando, não ia dar nada. Não tinha como ligar, eu estava longe, eu tinha ligado para o coronel, eu tinha falado para ele que a briga ia começar, não é que tinha começado, ia começar, para ele mandar policial. Falei com o policiamento que estava lá na frente, eu lembro até hoje do cabo que estava lá, o nome dele, e eu falei para ele: “Cabo, estou com o coronel aqui, ele falou para você...”. Tinham quatro viaturas, eu falei: “Pega duas viaturas e vai lá, evita o problema, vai morrer alguém”. “Vocês estão com medo? Vai lá!” Começou a fomenta os caras, entendeu? Eu falei: “Eu não vou lá. Porque é tudo que você precisa para você me pegar lá. Eu não vou lá. Agora também, não vou segurar ninguém. Você está atiçando os caras, eu não vou segurar.” Aí liguei para o coronel e falei: “Coronel, o seu cabo assim, assim...” Falei o nome do cabo, falei tudo. Falei: “Os caras estão falando para os caras se os caras estão com medo tem que entrar. ‘Está com medo? Vai lá! Está chamando a polícia?’” Então eu. Jânio, dou essa morte para esse policial. Para mim, a morte do Gabriel foi ele que fez, ele que matou. Porque ele era a autoridade, ele tinha condição de separar. Porque a torcida do Palmeiras, ela

estava dentro do metrô, se ele vai para lá e trava as portas do metrô... Era do Choque, quando ele começasse a entrar os caras iam achar que o Choque inteiro veio, os caras iam abrir. Até ver que eram quatro policiais, já tinha conseguido fechar a porta do metrô e conseguido... Então assim, na minha concepção, foi ele. Mas aí, para você não... Tanto é que algumas vezes, falando com o major, joguei isso para ele, ele falou: “Não, é, mas...”. Eu falei: “Porque, poxa, a polícia tinha condição de proibir. Aí o senhor fala que eu tinha condição de evitar, mas o seu policial não podia? Como eu podia e o seu policial não podia, se ele é a autoridade? E outra, ele que ficou fomentando.” O meu grande problema, assim, o meu maior problema foi que na hora que ficou sabendo da morte era meu vizinho, isso que acabou complicando. Porque aí esse delegado apareceu com essa conspiração de que eu quem mandei, eu falei: “Poxa, velho, eu quem mandei? No meio de dois mil caras, eu nem estava lá, no meio de dois mil caras, eu falei o nome do meu amigo para o cara aqui e o cara soube quem era?”. É até uma lógica, é uma coisa que não tem lógica, mas o promotor aceitou, a juíza pior ainda. Um juiz que aceita um assunto desse. Você tem duas mil pessoas brigando, aí você vai falar que eu mandei os caras matarem o moleque? Como os caras acharam o moleque lá no meio se ninguém conhece ele, se ele é meu vizinho? Do meu bairro lá não tinha ninguém, só tinha eu. Se só tinha eu e eu não estava no meio da briga quem foi que apontou o moleque e falou: “É esse aqui o vizinho do Jânio”. Então são coisas que, assim... Mas, no final das contas, queriam um alvoroço de achar um culpado, achar um culpado, aí saiu. “É esse aqui mesmo. Era vizinho do cara e matou ele.” E eu já era folgado, batia de frente com todo mundo o tempo todo. Aí os caras falaram: “É esse aqui mesmo, já é folgado pra caramba, agora que nós vamos pegar ele.” É que o tiro saiu pela culatra, eu fiquei mais folgado ainda depois, mas...

B.H. – E o período, seis meses é bastante tempo. Como é que foi passar esse tempo...

J.S. – Na verdade, minha única preocupação era a minha mãe, minha esposa. Meu filho tinha um ano e pouco, dois anos. Em 2002 ele nasceu, tinha dois anos. Então, a preocupação era essa. Nem dois anos, porque meu filho nasceu em dezembro, então... Era outubro, agosto, 2004, então ele ia fazer dois anos. A preocupação maior era essa, a minha esposa, na época, não trabalhava, eu que trabalhava e tal. Eu falei: “Poxa, meu filho, minha mulher lá fora, minha mãe que se descabelava. Agora...”. Mas eu mesmo não, eu estava tranquilo, a gente mora em periferia, a gente convive, não tem jeito. E o ser humano se acostuma. Por mais que você fale: “Ah, cadeia é ruim. Ninguém merece, você está segregado, é uma coisa absurda, o que a polícia faz lá dentro é absurdo”. Aí você pode falar: “Mas os caras eram ladrões, assassinos...”. Então

não faz presídio, mata logo, porque se você faz presídio para poder ressocializar os caras e você faz o que faz lá dentro, você está criando um monstro. Aí as leis aqui já não são tão boas, o cara vai sair daqui a três, quatro anos, cinco anos, quando o cara faz muita coisa, 10. O cara ficar 10 anos vivendo no terror, quando ele sair vai sair bonzinho? Vai sair terrorista, não tem jeito. O cara vai sair doido para descontar em alguém, porque você não está falando só de... Quando você falar em prender e privar da liberdade, o cara sabe que ele errou, ele ainda vai lá: “Estou privado da liberdade”. Aí vai fazer os convívios, vai em... Agora, quando você prende um cara para ficar humilhando, para ficar batendo, para ficar dando tiro... Vai e toma um tiro na cabeça lá dentro do presídio, da polícia. Você está preso, está em poder do Estado, aí a polícia entra lá e te dá um tiro na cabeça. Você vai para onde, cara? Você não tem para onde ir. O cara não tem para onde ir. Tem as celas e a grade. A polícia entrou, deu um tiro, você só abaixa, porque não tem para onde ir. São coisas que você não consegue recuperar, então não é... Que nem falam da Febem. Por que tem que diminuir a maioria penal? Eu trabalho em ONG e não concordo. Por que tem que diminuir a maioria penal? Porque, na verdade, o Estado não recupera, então diminui para prender e ficar mais tempo. É a única coisa que eles estão querendo aqui. A grande questão da maioria penal é isso. “Diminui porque aí, em vez dele ficar no máximo dois anos, três, ele fica dez, ele fica cinco.” Mas ele vai sair uma hora, ele vai sair um dia, então não adianta, a gente só está empurrando para debaixo do tapete a sujeira. É o que a gente faz com a torcida, a gente empurra para debaixo do tapete a sujeira, doido para ela explodir daqui a pouco. Porque ela explode, aí aparece alguém com a solução, que aparece como reviravolta, que defende isso no plenário perto da eleição para poder ganhar. Porque a maioria penal foi lançada perto da eleição. “Não, vamos diminuir a maioria penal que vai acabar com esse absurdo de menor matar”. Você vai aumentar a maioria penal. Vamos falar como advogado aqui. Vamos supor que o cara pega 15 anos. Um terço, ele vai ficar cinco. Ele já fica três como menor, fica dois anos a mais. Mudou o que? Se ele ficar, no máximo, três, por homicídio, ele vai ficar mais dois. Com bom comportamento é perigoso ele sair com os mesmos três. Só que agora, ao invés de você jogar um moleque no lugar que só tem menor que, na verdade, não tem só menor... Você tem lá homem já de 22, 23 anos, que foi preso aos 17 e ficou os três, vai ficar com 22, 23 anos, vai estar lá ainda. Então você prende um cara que é menor, que tem 16 anos, tem 15 anos e coloca ele com um ladrão de 40, de 50, com 30 anos de crime. O cara vai assediar esse moleque: “Tenho um esquema bom para você aqui, chega aí. Você já foi preso mesmo, você não vai arrumar mais emprego, agora já era para

você, vem comigo.” Então você vai aliciar o cara. Aí a polícia para ajudar, vai lá descer todo dia, descer... no cara de madrugada, molhar toda a cela, molhar o cara, mandar o cara dormir no cimento, que é o que os caras fazem. Então, assim, a gente está em um país que quer falar de uma coisa que ele não tem controle, ele mesmo destrói tudo aquilo que ele fala. Então o Estado fala uma coisa que ele mesmo destrói. Vamos construir? Vamos construir, então vamos começar pela base. A base é o que? É educação, é o saneamento básico, é uma saúde, é uma condição de vida digna, isso é o básico. Começou daí, o resto muda. Vamos diminuir a maioria penal? Tá, vamos diminuir, se a gente der oportunidade para o jovem. Então o jovem vai ter um bom estudo, o jovem vai ter uma boa possibilidade, uma boa portabilidade para emprego, o jovem vai ter uma boa condição familiar, uma boa estrutura familiar, porque se os pais forem drogados, forem bêbados, o Estado vai proporcionar com que os pais tenham um acompanhamento, tenham palestra, assim como a criança tenha palestra com psicólogo. Aí legal. Aí se o moleque fizer alguma coisa aos 14, 15 anos, ele já sabia o que ele estava fazendo, ele já tinha uma noção de tudo isso, ele já tinha uma estrutura familiar. Agora, do jeito que a gente joga o moleque lá e só lembra dele quando ele rouba alguém, aí não dá. “Olha, aquele moleque existe.” “Por quê?” “Porque ele roubou fulano, ele matou cicrano.” Então os moleques são todos anônimos, a gente trabalha na favela e na... assim... A gente está lá, a gente tinha uma outra ONG, a gente fechou, porque a gente não tinha condição de manter, a gente abriu lá agora vai fazer dois anos.

B.H. – Qual o nome da ONG?

J.S. – Projeto Social Pamplona Igualdade Para Todos. É o nome de um dos nossos professores. Pamplona é lutador internacional, já lutou no Japão, no mundo inteiro lutando, Rússia... Saiu o mundo inteiro lutando e a gente usou o... Porque ele é de lá, ele é de uma outra favela próxima, que é a do Querosene, onde a gente tinha a nossa antiga ONG. Aí a gente montou ali, porque a gente achou um espaço legal e que a gente consiga manter, que a gente consiga pagar. A gente paga como? Nós temos ali cerca de 50 professores, então todos os professores pagam uma taxa mensal e essa taxa mensal, ela é destinada para a ONG, para a gente manter a ONG. A gente vai pagando com o nosso dinheiro mesmo. E aí a gente começou a fazer umas parcerias. De um bairro onde os moleques ficavam o dia inteiro roubando... Ali próximo tem um supermercado, então os moleques ficavam andando de bicicleta roubando os pedestres que iam, iam fazer compra. Os que não iam para dentro da favela, iam para fora, eles roubavam Os que desciam para favela eles roubavam, os que subiam elas não roubavam. Os que desciam para a

favela eles não roubavam. Então, assim, a gente fez um projeto lá justamente por isso e começamos a trabalhar. Aí, não, tem que ter uma aula boa na escola, fizemos umas campanhas com as escolas para saber como é que está. Hoje todos eles melhoraram tanto em comportamento como em nota. Por quê? Porque eles não querem ficar longe da ONG. A ONG virou uma segunda casa para eles. A gente brinca com eles, eles vão, se divertem. Não é a luta em si, porque a luta é só uma maneira de estimular eles a comparecer. A gente não pode oferecer muita coisa, porque o espaço físico não comporta, porque a nossa ideia é fazer cursos, tanto de computação, de línguas, e, principalmente, criar uma biblioteca, porque a gente quer fazer com que os moleques tenham esse hábito de ler. Até porque o Eduardo também entende que se os moleques começarem a desvendar os segredos do livro, eles vão começar a abrir o leque de entendimento deles e começar a questionar e isso é o que vai fazer com que eles cresçam. Eles vão começar a querer buscar as coisas. A gente começou no esporte, que é o que a gente tem, que é o que a gente sabe fazer, que é o que a gente fez a vida toda, e a molecada ela... Perdemos alguns? Verdade, não vamos falar que está todo mundo lá desde que começou. Alguns, infelizmente, escolheram ficar do jeito que estava mas, mesmo assim, melhorou bastante. Já não rouba ali, os que usavam droga andando na boca da favela já não usam mais, já respeitam mais os moleques, que os moleques estão subindo, estão descendo. Já não para mais os moleques quando estão indo para a escola. “Não vai para a escola não.” Já deixam os moleques irem. Então essa mentalidade, que a gente conseguiu construir lá, é uma coisa fácil de construir na torcida, mas a gente precisa ter, na verdade, uma sustentação que nos dê essa possibilidade. O governo tem que parar de chamar os caras de bandido o tempo todo, o governo tem que começar realmente a investigar os casos de morte. Nesse ano a gente tem quase 10 mortes com ninguém preso. A gente tem dois caras da torcida do Palmeiras presos porque deram um soco em um repórter. Quer dizer, você deu um soco em um repórter você está preso, se você matou dois, você não está. E ainda é porque o cara é repórter, porque o cara ficava falando mal dos moleques, os moleques encontraram ele no jogo do Palmeiras, porque ele também é palmeirense, e bateram nele. Só que como era repórter... “Ah, porque bateram no repórter.” Bateram no repórter não, não bateram no repórter. Bateram em um cara que estava falando mal, que conheciam, que por coincidência era repórter. Então são duas coisas que não distinguiram, mas que são distintas. Os três, os quatro não se davam bem e o cara vivia falando mal deles e em um jogo eles se encontraram, em Santos. Acho que o cara pensou que eles não iam estar lá e os moleques estavam. Encontraram ele, bateram nele. Vai fazer o que? Isso não

tem nada a ver com torcida. Não é porque ele é repórter e o cara é torcida, mas os únicos dois caras que estão presos são esses caras. Mas as outras 10 mortes. Se prendeu um monte de gente... Aí entra na questão de quando eu fui preso. Se prendeu um monte de gente, porque é por nomes, porque os caras que foram presos eram todos conhecidos, todos caras de nomes nas torcidas. Então se prende 10 caras de nomes, não se prova que esses caras estavam, porque a grande maioria não estava na briga. Com exceção dos moleques que estavam na torcida do Palmeiras, que foram os que morreram, então são vítima, não tem como. Mas você fala: “Ah, é briga.” Você pode entrar no crime de rixa, mas não no homicídio, que nem colocaram. Porque o cara que morreu, o irmão de um que estava preso. Então quer dizer, seu irmão morreu e você que está preso por homicídio dele, você matou seu irmão. Algumas coisas que não têm lógica. O delegado prendeu só para falar que prendeu. “Ah, prendemos 10 pessoas!”. Prenderam 10 pessoas. Da torcida do Palmeiras, do cara que morreu, que é vítima, que está provado que foi em emboscada que os caras morreram. Por mais que tenham brigado, são vítimas. Foi emboscada e eles tentaram sobreviver. Ele é vítima. Não que são santos, mas tentaram sobreviver nessa hipótese, nesse caso, tentaram sobreviver. Aí os caras vão ser soltos, mas aí vamos lembrar de novo o que a gente falou no começo. Aí ela vai ter 15 minutos de fama quando prende e 15 minutos de fama quando solta. “Ah, mas a justiça soltou.” Mas prendeu. A Justiça só solta porque você não prendeu com base em nada, senão a Justiça fica. Mesmo porque torcida os caras já não gostam, então normalmente você vai preso... Hoje em dia está assim: você vai preso em torcida por qualquer coisa que seja. Você fica 30 dias. Se você é culpado, inocente, não interessa, você fica 30 dias. Qualquer juiz está dando 30 dias. “Ah, para averiguação.” Eu discutindo com o ... “É, porque aí vocês vão parar, vocês vão ver que vocês vão começar a perder emprego e tal.” Eu falei: “Tá, mas aí de novo só vai prejudicar os que já são prejudicados a vida inteira. Porque aí o cara não tem nada a ver, foi preso inocentemente, perdeu o único meio de sustento e aí você larga ele depois de 10 dias. “Ah, não é ele.” Eu falei: “O que aquele cara vai aprender? A única coisa que ele vai aprender é que ele tem que matar um, porque você acabou de acabar com a vida dele. Ele não vai aprender outra coisa.” Se você prende o cara que fez, aí o cara pensa. Se você prende o cara que não fez, aí o cara não pensa. O cara não vai parar pensar, ele vai só criar mais ódio na vida dele. O ódio, que era pouco, agora é maior. A gente tem que tentar. Eu quero tentar passar, por mais que eu fale bastante, eu quero tentar passar dentro desse contexto, que a torcida, ela não é uma coisa voltada para acabar com tudo, para brigar. Não, ela tem esse lado, ela tem as pessoas que visionam isso, mas

ela tem também, na sua grande maioria, e aí é esmagadora, pessoas que querem fazer da torcida simplesmente uma torcida. Querem só torcer, fazer festa, tirar uma onda, se divertir e acabou, acabou. Fazer dentro das suas sedes as suas confraternizações, as suas festas, as suas brincadeiras. Porque se você for em uma torcida de sábado, qualquer torcida que seja... Seja lá na Mancha, que a gente tem uma sede pequena, mas fica ali na rua que tem os bares no Parque Antarctica, ou nos Gaviões... Você vai ver um monte de família, os caras com os filhos, com as esposas, as mães... mãe de família. Minha mãe mesmo, mesmo não gostando de torcida, fez feijoada uma três ou quatro vezes para a torcida. Eu falei: “Mãe, vamos fazer uma festa, uma feijoada para a gente.” Ela é cozinheira, não é? E aí ela pegou e fez, foi lá, ficou, se divertiu e tal. Então é uma ambiente também familiar. Por que deixa de ser familiar quando vai para o jogo? Aí entram todas as questões que a gente já discutiu aqui. Entra a impunidade, entra o cara que vê aquele lance de ser reconhecido, na oportunidade de ser alguém, porque ele nunca foi alguém. Então tem a condição social, o cara vê a possibilidade também... no baile, só que no baile ela mata, ali o cara não tem aval. “O cara está levando uma comigo lá, vou dar um murro nele que já vamos empatar essa brincadeira aqui.” Você tem todas essas questões que precisam ser trabalhadas e não simplesmente jogadas em um mesmo contexto. “É tudo marginal e acabou. Vocês são todos bandidos e está certo, não muda isso nunca.” Então a gente não vai mudar nunca, as mortes no futebol não vão acabar nunca e assim vai. Volto a frisar aqui, diferente da Europa, por mais que falem de Europa, os caras tentam jogar goela abaixo para nós coisas que parece que a gente não consegue ter a mesma informação que eles. A gente vive uma coisa totalmente diferente, são pessoas instruídas, então são pessoas que têm divergências de estados, divergências políticas, divergências étnicas, então eles têm divergências de muitas outras coisas que explodem no futebol. Se a gente tirar como exemplo a Escócia, você tem o Celtics e o Rangers, um é protestante e o outro é católico. Então eles brigam por quê? Eles se matam por quê? Porque um é protestante e o outro é católico. Um representa uma parcela da população e o outro a outra. A população é dividida em duas. A população é dividida entre protestantes e não. Então os caras explodem escola uns dos outros. Não vão se matar no futebol? Lógico que vão! Porque o futebol é só mais uma oportunidade deles se encontrarem. Você vai para a Inglaterra é a mesma coisa. O pessoal periférico da Inglaterra, do West Ham, Millwall, não gostam dos outros por quê? Porque os outros são lá da elite, não gostam. Não gostam do Chelsea, não gostam dos caras porque são elite. Eles representam o outro. “Ah, não gosto do Liverpool porque no Liverpool são descendentes de

árabes, de muçulmanos que fundaram o clube, que são torcedores. Então esses aqui que são os verdadeiros ingleses, que foram jogados para periferia porque os muçulmanos aceitaram trabalhar mais barato e eles não tiveram...” É uma história, é um contexto. A gente está falando de contexto. “Ah, porque Itália, o Napoli, o pessoal também é mais periférico, ali ao lado do porto que não gosta da Juventus... Porque a Juventus já é elite, o Milan, eles contratam, fez o futebol virar futebol moderno.” Então a gente tem todo um contexto, a gente não está falando do Brasil, que é simplesmente uma rivalidade de futebol. Porque a gente ainda vive realidade de futebol. A gente não contesta resultados de jogos, a gente não fala. Ah, o jogo de 1942, como eu citei, contra o São Paulo... A maioria dos torcedores nem sabe essa guerra que teve, por que teve. Que foi por causa da Segunda Guerra Mundial, a maioria nem sabe disso. Se ainda não tem ainda aquele histórico de que o pessoal daqui não gosta do Sul porque o pessoal do Sul tentou ser liberto, ser país independente. Não tem isso, brasileiro não tem isso. Então a rivalidade é pura e simples de futebol, é mais fácil de conter, é mais fácil de parar, não é uma coisa ideológica, não é uma coisa que você fale: “Não, está enraizado nos caras isso.” Nós há 100 anos, 200 anos, há mil anos.” É futebol, é simples. É futebol, e a gente consegue [mudar]⁸.
B.H. – Então agora que a gente já passou o... vamos terminar. [risos]

J.S. – Nesse contexto aí eu acabo falando e vou embora, se deixar. Até por experiência, você viveu, então tem muito contexto, tem muitas coisas que eu não concordo. E eu discordo, só que você discordar das pessoas falando em favor da torcida parece uma utopia, parece que você está... “Está defendendo bandido.” Esse é outro lado do brasileiro também que eu critico muito. Tudo para o cara é simplificar: “Ah, é bandido.” Mas para o cara ser bandido tem um contexto muito grande para fazer o cara virar bandido, não é simplesmente... Você vai falar assim: “Eu moro na periferia também e não sou bandido.” Eu não sou bandido, eu nunca roubei, mas eu tive pessoas que me ajudaram por isso, senão talvez eu teria virado também. Porque eu era folgado demais, dali para virar bandido era um passo. Tive pessoas que me ajudaram, tive ONGs que eu acabei estudando, que me deu uma outra perspectiva que não era uma visão... Muitas vezes falta para o jovem só uma perspectiva, uma visão. “Você pode fazer isso.” E o cara na periferia, ele não tem essa oportunidade. Aí você fala: “Cabeça fraca.” Cabeça fraca tem em todo lugar. Tem um monte de rico que rouba por hobby. O cara que rouba na Petrobras R\$40 bilhões, ele rouba por hobby, porque não é possível. O cara vai fazer o que com tanto

⁸ O mais próximo do que foi possível ouvir.

dinheiro? [Risos] Não dá... Então sai jogando dinheiro na rua. Não dá para gastar. Então o cara rouba por hobby. O cara continua roubando por hobby, não é possível. Então a gente precisa, na verdade, começar a entender o ser humano e não simplificar: “Ah, roubou, mata.” Mas aí entra naquela questão. Se a gente for contra a lei, mata, aquela verbazinha que a gente dá para a polícia quando para a gente com documento do carro está atrasado, aquele troco do supermercado que veio errado, veio a mais e a gente não devolveu... Isso é crime também. O cara te deu enganado, mas não deu para você. Então você roubou dele. Ele errou e te deu. Se você pegou e levou embora, você roubou dele.

B.H. - Avançar o sinal...

J.S. – É, aí você atropela o cara bêbado. “Ah, mas eu sou de bem.” Você matou o cara, mas... “Eu sou de bem.”

J.F. – O filho do Eike Batista, matou e...

J.S. – E eu já apresentei projeto para os deputados, só que os caras não trabalham em cima, não. É simples, a lei já existe, não precisa mudar a lei. Eles falam: “Ah, precisa mudar.” Não precisa mudar a lei. Vocês colocam aí, em torcida mesmo, quando a gente briga, dá um murro na cara do outro, vocês têm mania de colocar o que? Dolo eventual, correu o risco de matar o cara. O cara que bebe, pega um carro, sabe que é uma arma, se ele atropelou alguém e matou é o que? É dolo eventual, ele sabia que podia matar alguém. Já tem mil e uma propagandas falando: “O carro é uma arma, quando você dirige, você perde a noção, perde a distância, perde não sei o que...” Você, mesmo sabendo de tudo isso, você pegou o carro e dirigiu bêbado e matou alguém, dolo eventual. Você matou alguém por dolo eventual. Cadeia, o normal é dolo, doloso. De 12 a 30 anos. “Ah, mas fizeram.” Com quem? Com dois pedreiros. Porque os caras que estão presos, eu fiz questão de, nesse último ano... Tem dois pedreiros presos por causa disso, porque atropelou e matou. Aí você não tem o filho do Eike Batista, você não tem um deputado em Brasília, você não tem a dona do restaurante que matou com a Land Rover o moleque. Esses aí não vão presos. “Não, foi acidente.” O cara com a Brasília velha sem freio, esse foi preso. Porque é uma Brasília velha sem freio. Esse vai preso. O cara mora na periferia, em um barraco, vai preso, vai em cana. Aí ele está na estatística do governo. “Prendemos dois, tem dois caras presos.” Que é o que acontece com torcida. Matou, tem 10 caras presos. Entrou na estatística. Tem 10 caras presos. “Quer saber? Um monte de cara de periferia se matando, deixa se matar.” O as caras não querem saber. “A gente ganha notoriedade aqui em cima, está bom.” Mas para você fazer as torcidas entenderem isso é difícil, porque com tudo isso

acontecendo e esse negócio de ostentação, o que acontece? A torcida, ela está virando um negócio. A violência, ela faz com que a torcida continue sendo vista, os moleques querendo entrar. “Não, eu quero entrar, eu quero chegar ali, torcer também, eu quero partir para essa adrenalina e tal.” Só que, na verdade, eles nunca vão ter espaço, eles só vão ser mais um que vão brigar. Eles vão ter os caras falando: “Você é da hora, você briga mesmo.” Ele vai achar que aquilo está bom para ele e os caras vão continuar ganhando dinheiro. As torcidas têm as suas culpas, e as duas responsabilidades. Eu não fujo disso, até porque eu sou um cara crítico pra caramba. Tanto que eu defendo a ideologia das torcidas, como critico as coisas que eu acho que estão erradas no nosso meio. E uma das coisas que está errada é isso, a gente está virando uma coisa que a gente criticou tanto em clube. O cara está vindo, está se apoderando daquilo, está vivendo da desgraça alheia, vamos colocar assim, está vivendo da morte dos jovens. Porque se você olhar... Depois vocês vão conseguir mais fácil. Você pode olhar as pessoas que morrem. Quantos líderes de torcida morreram? Não morrem, os caras não morrem. Por que os caras não morrem? Porque quando os caras vêem que o bagulho está louco, os caras correm. Aí o moleque que está ali, que é o moleque que está empolgado, vai lá brigar com os caras. Fica, morre, porque os caras correm e vão embora. Eu, em um fórum de torcida, até disse uma vez para os caras: “Não vem com essa história de que vocês são bravos, não.” Os caras ficaram bravos comigo. Só não me bateram porque acho que eles ficaram com medo de brigar comigo. [risos] “Não vem com essa história de que é bravos, não, que eu já briguei com quase todo mundo aqui. Quer dizer, briguei não, corri atrás, porque a maioria correu.” [risos] Então não vem com essa conversa fiada de que: “Ah, a gente briga”. Mas é verdade, você vai encontrar em uma torcida um ou outro cara que briga também, que gosta também. Mas são muito poucos. A maioria dos caras... ele quer dinheiro. Começa a ganhar dinheiro aí, faz aí, vai fazendo o nomezinho dele ali, brigando aqui, brigando ali, batendo em um aqui. Aí entram as covardias. Por que covardia? Porque é fácil o cara juntar 10 caras e bater em um. “Batemos nos caras lá.” Mas ele não fala que era só um, contou uma outra versão toda mirabolante, bonitinha. Eu briguei muito com os caras na torcida por causa disso. Eu cansei de os caras falarem: “Ah, vamos pegar fulano.” Tinham três, quatro caras em 20, 30. Eu falei: “Não vai pegar ninguém.” “Ah, mas se os caras... a gente ia pegar.” Eu falei: “Eu não vou dar duro para bunda mole. Vocês vão bater em dois caras? Aí nós estamos aqui, vocês sabem que a gente briga mesmo. Aí a gente está aqui, vocês vão bater, porque vocês vão ir e se vocês começar apanhando, eu vou entrar. Aí vocês vão bater, vocês vão ficar ganhando nomezinho em cima de... Na hora que

precisar estão todos correndo.” Então as torcidas têm esse... Aí entra a questão que a gente falou da liderança, que muitas das vezes os moleques aprendem a querer bater nos outros e a brigar, por quê? Por causa da liderança. A liderança bate. Quando é propício. Quando está ruim, eles correm, mas quando é propício, eles batem. Bate em um, bate em outro, faz esquema aqui, faz esquema ali. Essas questões de... Você vê, matar o cara, dar um tiro no cara. Eu falei isso até no Rio, eu falei: “Não sei que graça vocês acham, o cara passa com um ônibus a 100km/h e vocês dão um tiro, nem sabem se matou alguém, só vão saber no outro dia.” Porque só vai conseguir saber se saiu no jornal no outro dia, ou hoje, com as redes sociais, no outro dia você vai conseguir saber. Eu falei: “Qual é a ideologia de torcida aí? Aí tem uma ideologia de assassino só. De torcida, nenhuma. Se você ainda me fala: “Nós fomos lá para cantar, os caras quiseram brigar com a gente, vamos tentar brigar com eles aqui na saída do estádio, na porrada.” Beleza. É tosco, mas vamos entender como uma força de torcida, que torcida ainda sempre fez essa questão. A questão de torcida principal é o que? E aí já estamos entrando no mundo de torcida, aí esquece a sociedade, vamos entrar... na cabeça do torcedor. O que a torcida é? “A torcida visitante não pode vir aqui e entrar tranquilo no nosso estádio.” Ponto, é isso.

B.H – Fazer um terror, não é?

J.S. – Eles têm que ter medo de vir para cá. Porque na cabeça do torcedor, assim nós estamos defendendo o clube. Se uma torcida tem medo de entrar, um time tem que ter medo de entrar também, um time tem que ter medo de ganhar da gente aqui. Medo do quê? Da torcida invadir, de pegar na gente e tal. Então a cabeça do torcedor gira nesse mundo. Qual a maneira de a gente ajudar o clube? Fazendo com que os que venham jogar aqui tenham medo da gente. Os caras têm que ter medo. Vamos começar pela torcida, que é mais fácil. Torcida não entra, a gente bate neles e coloca eles para correr, bate neles e coloca eles para correr. Beleza, eles não entram. Eles não entrando, a gente começa a pressionar o time. Invade campo, bate no jogador, invade campo, briga com a polícia. Aí os caras falam: “Não dá para ganhar aqui. Se ganhar aqui, os caras vão matar a gente.” É o psicológico do ser humano, então a torcida vive em cima do que? Do psicológico do jogador e até dos nossos mesmos, quando a gente acha que os nossos estão...a gente começa a pensar nesse sentido. A gente começa a fazer com que o cara tenha medo de apanhar. O cara fala: “Se nós não ganharmos, os caras vão matar a gente.” Esse lado é o mundo da torcida... que você tem da cabeça do torcedor. Hoje é isso que você tem, é o básico. O primeiro princípio da torcida é defender o seu clube e a maneira de defender é essa. Vai fazer o que? Defender o clube. Como? Assim. Aí depois você vem fazendo diversas outras

vertentes aí. Mas você dá um tiro no cara te deixou sem esse sentido. Você matou o cara na estrada, 50 quilômetros depois do estádio. Isso aí não é torcida, cara. Você só é um assassino, simples assim. Você não é torcedor, você é um assassino. Você só queria um pretexto para matar alguém, porque você não é um torcedor. É essa a visão que a gente precisa mudar que, infelizmente, está ganhando corpo. Essa é a grande questão. infelizmente, está ganhando corpo. Quando começa a se exaltar que tirou a violência do estádio, que agora ela está longe, na periferia, isso não incomoda. Porque, na verdade, fala-se, mas não incomoda, porque está a 10, 15, 20 quilômetros longe do estádio, se fala, se noticia, mas não se fica inconformado. Enquanto está lá, morrendo lá, tudo bem. Só que a tendência natural é isso ir se aproximando cada vez mais. Hoje é a 20, amanhã a 15, depois a cinco quilômetros, depois a cinco, depois vai morrer na porta. Daqui a pouco os caras chegam de novo. Se afastou porque começou a se combater, aí foi se afastando, se afastando, se afastando. Até que chegou em uma hora que se afastou muito, então não interessa. Agora aí pode fazer o que quiser.

B.H. – Ou então começa começar a estourar em outros lugares, no Nordeste quando tem muita gente com arma.

J.S. – Nordeste tem bastante. Nordeste principalmente. Lá é bem pior que aqui. Até quando aqui ainda não tinha, lá já tinha bastante.

J.F. – Você tem os estádios que não foram modernizados, então tem...

J.S. – Modernização dos estádios, na verdade, é uma outra coisa que eu ia falar... [risos] Piorou. Piorou, piorou, piorou. A gente tinha estádios que eram ruins de conforto. Era muito ruins de conforto. Até tinham uma segurança mais ou menos, mas você ainda tinha grades, situações que separavam. Hoje ele não tem nada de separação, só que a gente conseguiu... Vamos falar assim, a gente começou a fazer uma plantação de milho sem plantar o milho, então a gente fez os estádios, a gente foi lá e arrou a terra, fez os estádios, bonitinho, mas não colocamos o milho lá, a gente não educou as pessoas. A gente já pegou querendo o milho direto, sem plantar, sem regar. A gente parou e quer o milho. Então fizeram o estádio e querendo uma torcida comportada. Não dá! Tanto é que os jogos de Brasília o que deu? Só morte, só briga. “Estádio novo, vida nova.” E coloca as mesmas pessoas dentro. Primeiro o cara vai entrar e falar: “Legal, estádio é bonito, hein? Agora vou bater nos caras.” [risos] E é uma coisa simples, porque aqui, quando o Corinthians foi jogar lá com o Vasco... A gente tem que parar de ser inocente. O Vasco jogou aqui com o Corinthians, o Corinthians fez um ataque à torcida do Vasco e morreu um corinthiano e dois foram parar no hospital. Ainda bem que eu não fui preso nessa, porque

o meu vizinho estava lá. Ainda bem que era o Vasco, se fosse o Palmeiras eu tinha ido preso também. [risos] O meu vizinho teve que ficar no hospital uns dois meses.

B.H. – Uma morte que tinha escolta policial, tinha tudo.

J.S. – Tinha tudo. Então o cara foi lá. O primeiro jogo que poderia dar problema era aonde? Em Brasília. Então a torcida do Corinthians saiu daqui já pensando em pegar a torcida do Vasco lá. Eu creio que a torcida do Vasco também já foi ciente que ia ter problema lá, porque os caras já sabiam que não tinha grade, que não tinha divisão, que não tinha polícia, não tinha nada. Então você joga em um pote novo vinho velho, não adianta. Não dá para você jogar em um odre novo vinho velho. Ele é velho. É novo, tem que ser tudo novo, se não a coisa... Então você teria que trabalhar esse torcedor, ou, no mínimo, você conseguir fazer, vamos supor, você conseguir identificar, ou buscar, históricos desses confrontos, para você conseguir ir, aos poucos, juntando essas torcidas. O pessoal fala muito, lógico que com proporção menor, mas qualquer jogo de futebol que você olhar, clássico, eu não me lembro de um Palmeiras e Corinthians, ou um Palmeiras e São Paulo que não tenha havido briga nas cadeiras numeradas onde as duas torcidas estão juntas. Eu não lembro de um. Em 25 anos de torcida, eu não lembro de um. Que você falava Palmeiras e Corinthians... No Morumbi ali, que normalmente fica, ou Pacaembu, onde, normalmente, ficam as duas torcidas ali. Que seja em jogo tenso... Quando é um jogo quando já tem perdido... Quando é um jogo tenso, de classificação, de rivalidade, eu não lembro de um que não tenha briga. Proporção menor, por que menor? Porque, normalmente, estão três, quatro, cinco pessoas, ou uma família, então, normalmente, estão com um número de pessoas menor. É mais fácil de as pessoas separarem. Briga de cinco pessoas é mais fácil de separar do que uma briga de 500. Você consegue entrar no meio, segurar dois, três e acabou a confusão. Mas todas tiveram. Todas tiveram. Aí você fala: Esse público é mais fácil controlar com penas pesadas? Pegou vai pagar alguma coisa, cesta básica, vai pagar serviço comunitário? É mais fácil, porque esse cara é mais familiar. Não que os outros não sejam, mas ele, normalmente, vai com a família. Normalmente, em um momento de explosão, de ira ali, ele se indignou com alguma coisa, xingou o outro, o outro xingou ele e eles acabaram chegando às vias de fato, mas é uma coisa mais fácil de se controlar. Mas, ainda assim, é o velho torcedor, são os velhos hábitos de que em estádio tudo pode, em estádio tudo eu posso fazer. Aí vamos entrar no caso do racismo do Aranha. Você colocar a menina como racista é muito pesado. Que ela teve um ato preconceituoso, pode ser, mas eu falei para os caras: “Agora, é o seguinte, eu costumo dizer que meu pai não é negão, meu pai é azul, meu pai é negão

mesmo, é que minha mãe é bem branquinha, mas meu pai é negão mesmo. Eu falei: “Mas quantas vezes a gente já xingou no estádio alguém de macaco, disso, aquilo, de veado?” Quantas vezes já xingamos? Não é porque a gente é preconceituoso. Eu falei: “Vamos ver o jogo, o Aranha estava pegando tudo, jogando muito, o Aranha naquele jogo estava jogando muito. Aí o cara xinga ele disso, vê que ele fica nervoso, quem vai parar, cara?” Ninguém vai parar. Eu lembro do Ronaldo em 1993, o Ronaldo tinha acabado de casar. A gente fez uma música xingando a esposa dele, o Ronaldo pirou, tanto é que ele foi expulso. Ele pirou, ele pulava, xingava a gente, jogava água na torcida do Palmeiras. Ele pirou, ele se revoltou. Tanto é que depois ele deu umas entrevistas falando: “É um absurdo xingarem minha esposa...tudo bem.” Mas se o cara ficou revoltado com aquilo você vai parar? Não vai parar. “Ah, poxa, a sociedade...” Não, é hipocrisia, porque a sociedade tem tanta coisa que... A sociedade discrimina tanto os negros e aí vem com historinha fiada de que... Não, isso é conversa fiada. Eu até entendo o lado do Aranha, porque era quem estava sendo ofendido. Ele sim pode se sentir bem ofendido e ele querer alguma coisa. Agora, a gente de fora querer... Eu falo a gente, o torcedor, porque eu vi muito torcedor... Todo torcedor já xingou alguém de alguma coisa em estádio de futebol. Juiz, jogador adversário, ou jogador do time mesmo quando está uma merda, não está jogando nada. A gente sempre xingou, mas a gente não xinga na intenção de discriminar. “Ah, eu sou preconceituoso, eu sou homofóbico, eu sou...” Não, você xinga no calor do jogo. Se ele pegou e ficou irritado, você desconcentrou ele, aí que você não para mesmo. Aí vai embora. Vai xingar até o outro dia. Se eu estiver saindo preso, eu estou xingando. [risos] O meu time ganhando? “É isso mesmo, é isso.” “Desculpa aí, mas você estava se sentindo ofendido, eu te xinguei mesmo, tomou dois gols. Tomou mesmo, 2 a 1? Então está da hora.”

J.F. – Que nem bambi, porco e gambá, você joga no outro...

J.S. – A gente tenta ofender, não tem jeito. Xingavam a gente de porco, a torcida do Palmeiras assumiu o porco, parou. Porque não ofendia mais. Tem que inventar outro. Você xingar a torcida do Corinthians de gambá é bom que eles ainda ficam revoltados, eles ficam bravos. Então é bom, os caras ficam bravos. Ontem eu estava até falando com um amigo meu. A gente estava em um evento de luta ali, aí ele falou: “Você fica irritando a gente pra caramba.” Eu falei: ”Lógico, eu gosto de irritar os amigos, porque os inimigos não adianta irritar, eles já são irritados, eles já não gostam de mim.” Tem que irritar os amigos. [risos] Você irrita os amigos, aí fica legal, se ele ficar bravo... Mas é amigo. Vem falar comigo, você irrita mais ele. Aí você

vai irritando os amigos. Os inimigos já não gostam mesmo, então... Não tem como irritar mais. Só você aparecer ele já está irritado. Não gosta de você. Você tem que irritar os caras não é porque você não gosta dos caras, é porque você está vendo que ele está deixando de fazer o que seria a tarefa dele em campo. Se ele é goleiro, ele tem que defender. O cara bravo, nervoso, ele não vai conseguir se concentrar no jogo. Vai passar a bola fácil por ele. Então beleza, é isso que a gente precisa. É isso que vai acontecer. É lógico, existe outro caso, existem outros fatores. Às vezes o cara ofende porque o cara não gosta mesmo, mas a gente precisava não generalizar de uma maneira como foi. “Não, é racista, é preconceituosa, é não sei o que.” E a população sai queimando a casa da menina, sai fazendo um monte de coisa. Isso sim é uma violência maior até do que a que ela praticou. Você fez a menina perder o emprego, você acabou com a casa da menina, então tem um ato que se fosse no anonimato, ninguém teria falado nada, mas como foi... Então assim, eu acho que se você pegar que do lado dela um mano que é azul e que está fazendo também, esse cara ninguém quis processar, por quê? O cara é negão mesmo, você vai falar que o cara é racista? Não, o cara percebeu que o cara tinha se descontrolado. Paciência, não é uma coisa que você fala assim: “Mas não pode.” Está bom, não pode, um monte de coisa não pode, mas a gente tem que entender o ser humano, a gente não pode simplesmente colocar o cara na cadeia. Você pode dar uma pena alternativa, poxa, pode. Isso não se deve falar, isso não pode e tal. Mas você falar: “Ah, melhor que fique preso, já prende, inafiançável.” Não é o conceito, não é essa a questão. Isso tudo gira em torno da torcida, porque eu costumo dizer que a torcida, ela não está fora da sociedade. A torcida, ela é só mais um braço da sociedade. Ela não está fora do conceito da sociedade. Dentro da torcida tem o que tem na sociedade. Tem o moleque que vai pelo simples prazer de matar alguém, tem o moleque que vai pelo simples prazer de torcer, tem o moleque que vai pelo simples prazer de bater em alguém, tem o moleque que vai pelo simples prazer de ver o time dele jogar. É o conceito da sociedade, não tem jeito. Tem cara que rouba por roubar, tem cara que rouba por necessidade, tem cara que rouba e mata só porque quer ver o cara cair. Eu já entrevistei em ONG um moleque que falava isso. “Mas você matou o cara por quê?” “Só porque eu queria ver ele cair.” Você matou alguém para ver o cara cair. Você vai falar que esse moleque é o que? O moleque está perturbado, o moleque está sem noção da vida, mas você ouve, você ouve. Não é difícil você ouvir isso quando você trabalha com adolescente. Não é difícil você ouvir isso dos caras. Aí você vai entender porque o cara falou isso. Porque o pai batia nele, porque a mãe era uma drogada que vivia com um monte de parceiros, o pai batia, ia preso, aí roubava tudo, o outro saía, batia no moleque de

novo, queimava o moleque com cigarro, a mãe nóia. Aí esse moleque é o que? Esse moleque é um cara perturbado, ele não sabe o que é amor, ele não reconhece o amor. Amor para ele é uma palavra muito distante, acolhimento, aconchego, para ele, é uma coisa muito distante. Ele conhece o que? A violência, ele conhece a dor, ele conhece o... O prazer dele é a dor, então o prazer dele é ver alguém morrer, ver cair. São conceitos que precisam ser levados em consideração quando você lida com uma parcela tão discriminada assim como é o caso das torcidas. Na verdade o governo deveria fazer essas parcerias de incentivo, de ajudar em termos de fazer... Com o dinheiro federal você fazer ONGs, fazer trabalhos sociais, em que você consiga colocar psicólogos, ou oficinas e colocasse esses moleques para direcionar... Estamos falando de futebol, vamos direcionar esses moleques a confecções de material esportivo, a trabalhar em marketing esportivo, vamos direcionar eles a uma área voltada para o esporte, já que eles vieram pensando no esporte, gostam do esporte. Começa a destrinchar caminhos alternativos que levam ele à visão do esporte e você consegue diminuir essa segregação da torcida, de violência toda. É uma opção? É uma opção, mas é uma opção mais evidente que o torcedor tem. Qual a opção mais evidente que ele tem? Gritante, que grita para ele o tempo todo? A violência. “Vamos para o jogo, vamos bater nos caras e vamos entrar no jogo.” “Aí beleza, vou voltar, vou bater nos caras de novo e depois vou para casa.” É o que ele tem. Ele não vai visando fazer a festa, ele não vai visando pensar algo construtivo para poder debater ali, diversificar quem ganhou, quem perdeu, quem tem mais título, quem não tem, os confrontos diretos, os gols, quem fez, quem não fez, a história de quem tomou o estádio de quem, de quem ficou do lado de quem na guerra. Ele não conhece, até porque o brasileiro não conhece nem que o Brasil ganhou do Paraguai, o cara não sabe. [risos] Se perguntar para um cara da Europa o cara sabe todas as guerras que o país dele entrou. As que ganhou, as que perdeu, quantos morreram. No Brasil o cara não sabe nem que... Mas também é matéria que você nunca ouviu na escola, você nunca ouvir o professor falar que o Brasil já entrou em guerra, nem que o Brasil participou da Segunda Guerra Mundial você ouve falar. Então é cultural, a gente é o que a gente é ensinado a ser.

J.S. – Minha salva de palmas aqui... [palmas]

[FIM DO DEPOIMENTO]